



**Contos do cotidiano: realidade x virtualidade**  
**Everyday life stories: reality x virtuality**



## Universidade La Salle

Reitor: *Paulo Fossatti*

Vice-Reitor: *Cledes Antonio Casagrande*

Pró-Reitor Acadêmico: *Cledes Antonio Casagrande*

Pró-Reitor de Administração: *Vitor Augusto Costa Benites*

### Conselho da Editora Unilasalle

*Andressa de Souza, Cledes Antonio Casagrande, Cristiele Magalhães Ribeiro,*

*Jonas Rodrigues Saraiva, Lúcia Regina Lucas da Rosa,*

*Patrícia Kayser Vargas Mangan, Rute Henrique da Silva Ferreira,*

*Tamára Cecília Karawejczyk Telles, Zilá Bernd, Ricardo Figueiredo Neujahr*

Editoração e diagramação: *Editora Unilasalle*

Editor: *Ricardo Figueiredo Neujahr*

Capa: *Rafael Henrique Oliveira de Carvalho*

Revisão das traduções: *Maria Alejandra Saraiva Pasca*

Organização das ilustrações: *Josiane Andréia da Costa*

Revisão final: *Lúcia Regina Lucas da Rosa*

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C763 Contos do cotidiano : realidade x virtualidade = Everyday life stories : reality x virtuality / Lúcia Regina Lucas da Rosa, Hilaine Gregis, Maria Alejandra Saraiva Pasca, organizadoras. – Canoas, RS : Ed. Unilasalle, 2021. 150 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-65-89486-57-2

Titulos e textos sucessivos em português e inglês.

1. Literatura brasileira – Contos. I. Rosa, Lúcia Regina Lucas da. II. Gregis, Hilaine. III. Pasca, Maria Alejandra Saraiva. IV. Título: Everyday life stories : reality x virtuality.

CDU: 821.134.3(81)-34

Bibliotecário responsável: Samarone Guedes Silveira - CRB 10/1418

### Editora Unilasalle

Av. Victor Barreto, 2288 | Canoas, RS | 92.010-000

<http://editora.unilasalle.edu.br>

<http://livrariavirtual.unilasalle.edu.br>

[editora@unilasalle.edu.br](mailto:editora@unilasalle.edu.br)

+55 51 3476.8603

Editora filiada a



**Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias**



*Lúcia Regina Lucas da Rosa*  
*Hilaine Grégis*  
*Maria Alejandra Saraiva Pasca*  
Organizadoras

**Contos do cotidiano: realidade x virtualidade**  
**Everyday life stories: reality x virtuality**

Universidade La Salle - Editora Unilasalle  
Canoas, 2021.



## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	9
<i>Kayser, Patrícia</i>	
<b>Algumas palavras bonitas que deveriam ser ditas</b> .....	13
<b>Some Beautiful Words that Should Be Said</b> .....	18
<i>Gabriela Rodrigues Vicente</i>	
<i>Translated by: Laura Barbosa Rodrigues</i>	
<b>Momento de Presença</b> .....	23
<b>Moments of Presence</b> .....	28
<i>Nathalia Jahn dos Santos</i>	
<i>Translated by: Keiti Inês de Souza Schmitz</i>	
<b>Janelas da Vida</b> .....	33
<b>Windows of life</b> .....	36
<i>Jenifer Schnorr Simão</i>	
<i>Translated by: Andrieli da Costa dos Santos</i>	
<b>No tempo das trivialidades</b> .....	39
<b>In Time of Trivialities</b> .....	42
<i>Lúcia Regina Lucas da Rosa</i>	
<i>Translated by: Érika de Rossi Farias Mendonça</i>	
<i>and Andressa Alves Brazeiro</i>	
<b>Lucidez (Travessia)</b> .....	47
<b>Clarity (The Crossing)</b> .....	54
<i>Elvin Matheus Estran Pinheiro</i>	
<i>Translated by: Fernanda Rodrigues Laux, Franciele Figueiró da Silva</i>	
<i>and Nicole Fernandes Gross</i>	
<b>Quanto custa um sonho?</b> .....	61
<b>How much is a dream worth?</b> .....	64
<i>Aline Engerroff da Rosa</i>	
<i>Translated by: Francielly Marafon</i>	

<b>Por hoje é só .....</b>	<b>69</b>
<b>That's it for Today .....</b>	<b>74</b>
<i>Karine Cezar Zappaz e Sariane Boff Dias</i>	
<i>Translated by: Laura Alves, Gabriel Vargas, Tailine Mer</i>	
<b>Troca de curtidas .....</b>	<b>79</b>
<b>Exchange of Likes .....</b>	<b>84</b>
<i>Lisiane Teresinha Dias Olsen</i>	
<i>Translated by: Ana Paula Soares Maccarini</i>	
<b>Um dia de Cláudia .....</b>	<b>89</b>
<b>Claudia's Day .....</b>	<b>91</b>
<i>July Helen Valle da Silva</i>	
<i>Translated by: Francielly Marafon</i>	
<b>Virtualidade e realidade – dois opostos de uma mesma coisa .....</b>	<b>95</b>
<b>Virtuality and Reality: Two Sides of the Same Coin .....</b>	<b>99</b>
<i>Cecília dos Santos Carvalho</i>	
<i>Translated by: Aryane Sonneborn Mendes</i>	
<b>Pedaladas virtuais .....</b>	<b>103</b>
<b>Virtual Bike Rides .....</b>	<b>105</b>
<i>Paulo Gustavo Sehn</i>	
<i>Translated by: Francielly Marafon</i>	
<b>Folhas de outono .....</b>	<b>109</b>
<b>Autumn Leaves .....</b>	<b>112</b>
<i>Cristiane Gomes</i>	
<i>Translated by: Yasmin Camile Ribeiro Sganzerla and</i>	
<i>Victoria Caroline Araújo da Silva</i>	
<b>O corpo .....</b>	<b>115</b>
<b>The Body .....</b>	<b>119</b>
<i>Magali Regina Biffi</i>	
<i>Translated by: Rodrigo dos Santos Martini</i>	

<b>Surto em uma era pandêmica</b> .....	125
<b>Outbreak in an Era of Pandemics</b> .....	127
<i>Monique Valgas Ferreira</i>	
<i>Translated by: Vyvyan Albuquerque</i>	
<b>Telas e frestas</b> .....	131
<b>Screens and Chinks</b> .....	133
<i>Ana C. Freitas</i>	
<i>Translated by: Maria Alejandra Saraiva Pasca</i>	
<b>Transmutação</b> .....	137
<b>Transmutation</b> .....	140
<i>Sabrina Henz</i>	
<i>Translated by: Giullia Fontana Trindade</i>	
<b>Minicontos</b> .....	145
<b>A fuga do Mingau</b> .....	145
<i>Andreia Gama</i>	
<b>Aos amantes do inverno</b> .....	146
<i>Keiti Inês de Souza Schimitz</i>	
<b>Extraterrestres</b> .....	146
<i>Keiti Inês de Souza Schimitz</i>	
<b>Culpa de quem?</b> .....	147
<i>Érika De Rossi Farias Mendonça</i>	
<i>Gabriel Ribeiro Vargas</i>	
<i>Jenifer Schnorr Simão</i>	
<b>O tempo vai passar(ela)</b> .....	148
<i>Gabriel Ribeiro Vargas</i>	
<b>Em tempos de pandemia...</b> .....	148
<i>Andrieli da Costa dos Santos</i>	
<b>Qual é o preço de tudo?</b> .....	149
<i>Amanda Ricardo Pons</i>	
<i>Victoria Caroline Araujo da Silva</i>	



**Quebrado** ..... 150

*Rodrigo dos Santos Martini*

**Todo dia** ..... 150

*André Mendes*

*Nathalia Corrêa*

*Paula Regina D. Freitas*





## Apresentação

Neste ano de 2021, me coube a honra de apresentar este livro de contos publicados pela Editora Unilasalle a partir de produções discentes oriundas de diferentes cursos da Universidade La Salle, mais uma vez capitaneadas pelas professoras e doutoras em Letras Lúcia R. L. Rosa, Hilaine Gregis e Maria Alejandra S. Pasca. Mais que um livro, vemos o resultado de um trabalho criativo feito a muitas mãos articulando muitas vozes, por meio da organização dessas incansáveis incentivadoras do protagonismo discente.

Neste 6º livro da série, temos contos escritos por acadêmicos dos cursos de graduação em Letras e em Pedagogia bem como por acadêmicos do programa de pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais. Nesta edição, a novidade ocorre com a escrita de minicontos, mesclando um tom poético à narrativa. Estes contos e minicontos, traduzidos para o inglês, estão reescritos nas ilustrações dos acadêmicos do curso de graduação em Design Gráfico, com destaque para a criação da capa em uma concepção que entrelaça o real/físico e o virtual/digital em união ao infinito, materializando o instigante título: **Contos do cotidiano: realidade x virtualidade/Everyday life stories: reality x virtuality**. Assim, já a partir da capa o leitor é incentivado a confrontar as implicações da virtualidade no cotidiano, onde cada vez mais a tecnologia é pervasiva. Em grande parte potencializados ou trazidos à tona pela pandemia, um dia a dia dependente de equipamentos computacionais, onde o smartphone quase sempre é o grande protagonista, nos fez perceber outras formas de sociabilidades por meio do virtual, outras formas de criar, divulgar e consumir diferentes produtos culturais, outras formas de organizar e perceber nossas rotinas.

A provocação para a escrita desses contos têm assim como pano de fundo o debate acerca da realidade e da virtualidade, aliado a sentimentos advindos deste período de pandemia de COVID-19 que ainda vivemos e se fez brutalmente presente ao longo de 2021, e deu origem a diferentes narrativas que tentarei sintetizar a seguir.

Em **Algumas palavras bonitas que deveriam ser ditas**, *Gabriela Rodrigues Vicente* nos apresenta sua personagem participante de um grupo de Escrita Criativa em encontro e desencontro amoroso. Já *Cristiane Gomes*, em **Folhas de outono**, nos apresenta Isac que perde a mãe e o pai e mantém sua promessa de ajudar as pessoas tornando-se médico.

As recordações de uma paixão de adolescência, provocadas pela visão da janela, são a tônica do conto **Janelas da Vida**, de *Jenifer Schnorr Simão*. Em **Lucidez (Travessia)**, de *Elvin Matheus Estran Pinheiro*, temos a rotina do personagem ao morar sozinho e a companhia encontrada nas conversas em redes sociais. **Momento de Presença**, de *Nathalia Jahn dos Santos*, apresenta um distanciamento entre dois irmãos, que é agravado pela pandemia.

**No tempo das trivialidades**, de *Lúcia Regina Lucas da Rosa*, relata lembranças de um grupo de amigos que costumavam se encontrar em um bar no qual um deles costumava escrever poesias em guardanapos.

O conto **O corpo**, de *Magali Regina Biffi*, tem como protagonista Lucia Lee, que observa os vizinhos e cria um aplicativo para denúncias, enquanto o protagonista Hanz

de *Pedaladas virtuais*, de *Paulo Gustavo Sehn*, criou encontros virtuais entre ciclistas, ocasionando encontros seguros durante a pandemia.

**Por hoje é só**, de *Karine Cezar Zappaz e Sariane Boff Dias*, apresenta uma personagem que joga tentando se salvar em uma floresta após queda de avião. *Aline Engerhoff da Rosa apresenta uma* personagem que persegue o sonho de estudar em universidade pública em **Quanto custa um sonho?** O sonho de uma personagem e a pandemia são o contexto de **Surto em uma era pandêmica**, de *Monique Valgas Ferreira*.

*Telas e frestas*, de *Ana C. Freitas*, descreve cenas cotidianas em meio à pandemia, enquanto *Transmutação*, de *Sabrina Henz*, descreve a rotina da personagem Raissa durante a pandemia e a ilusão do reencontro. Já os personagens de **Troca de curtidas**, de *Lisiane Teresinha Dias Olsen*, se conhecem pela internet e trocam mensagens virtuais até se conhecerem pessoalmente. A cansativa rotina de Cláudia em home office durante a pandemia é *Um dia de Cláudia*, de *July Helen Valle da Silva*. **Virtualidade e realidade – dois opostos de uma mesma coisa**, de *Cecília dos Santos Carvalho* aponta a saída do tédio de Sophia ao se relacionar com pessoas pela internet.

Cabe ressaltar ainda que se trata de um material que também tem um viés pedagógico, podendo mesmo ser considerado paradidático, visto que, além de ser bilíngue, possui atividades elaboradas por acadêmicos de Letras para cada um dos contos. Não é por acaso que essa série de contos tem se multiplicado em ações acadêmicas e escolares, seja no uso em sala de aula nos estágios, no projeto Residência Pedagógica e nas aulas regulares da educação básica, seja em produções científicas. Para saber mais sobre essa proposta, há um capítulo de livro sobre esse projeto<sup>1</sup> e um trabalho apresentado no IV SOCULT<sup>2</sup> da Unilasalle.

Encerro parabenizando as organizadoras e aos autores que nos brindam com essa obra tão interessante e com temática tão atual. A exemplo dos outros livros dessa série que já foram objeto de debate em diferentes eventos em universidades e em escolas, lançamentos em Sarau e sessão de autógrafos nas Feiras do Livro de Porto Alegre e de Canoas, este livro, além de muita diversão e reflexão durante a leitura, promete realmente muita interação no presencial e no virtual.

Boa leitura!

*Patrícia Kayser Vargas Mangan*

*Diretora de Pesquisa e Pós-graduação  
Stricto Sensu na Unilasalle*

1 ROSA, L. R. L.; GREGIS, H.; MACHADO, E. P. Produção de contos para a educação básica. In: PEREIRA, C. M.; TEIXEIRA, L. P. (Org.). NA SALA DE AULA PROPOSIÇÕES E PROVOCAÇÕES PARA A LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020, v. 1, p. 143-164.


2 O trabalho “Tradução de contos da língua portuguesa (LF) para a língua inglesa (LA)” foi apresentado no IV SOCULT - Seminário de Gestão Cultural e Gestão Social 2021 e pode ser consultado nos Anais do evento.



## À felicidade

Não te dei valor enquanto pude,  
Fui de contramão a seu caminho,  
Tempos depois, me senti rude,  
Era tarde, vi que estava sozinho.

Ao perceber, vi que encerrara,  
Senti, então, o distanciamento,  
Nem a vida me dava as caras,  
E com saudades, pois, lamento.



Um dia, lembro de ti, me refaço,  
A nosso futuro, revejo o sentido,  
Recordo quando foi e o espaço,  
Onde havia outrora te escondido.

Ainda não sei qual é o lugar  
Que talvez me verei oriundo,  
Mas não iremos nos afastar,  
Moramos no mesmo mundo.

(Elvin Matheus Estran Pinheiro)



## Algumas palavras bonitas que deveriam ser ditas

*Gabriela Rodrigues Vicente*

Observando pela janela, eu enxergava poesia e reparei na beleza por detrás dos instantes em que a maioria das pessoas só enxerga ruas vazias. Ao encarar a vidraça embaçada, notei que o relógio da rua, localizado na esquina em frente ao meu prédio, marcava onze e quarenta e dois, numa noite presenteada com um clima ameno e um silêncio arrefecedor. Corri para o manuscrito e adicionei uma nova palavra ao meu livro em construção: *Contemplar - observar as ruas vazias e notar a beleza invisível que reside na vaziez das coisas.*

Meu livro em construção era nada mais que uma espécie de dicionário de palavras bonitas que deveriam ser ditas com mais frequência. Palavras que, de fato, já são dicionarizadas, mas que merecem um segundo olhar. Sempre acreditei que a inquietação de não aceitar somente uma versão do significado das palavras pertencesse exclusivamente ou aos poetas ou aos apaixonados. Adormeci no sofá do escritório naquela noite, exausto demais para sequer sonhar com novas palavras ou ainda com quaisquer respostas.

Abri os olhos no dia seguinte e pude ver o sol forçando sua presença através das cortinas. A quietude das ruas sumira, dando espaço ao comum alvoroço cotidiano. Nos primeiros minutos, o dia parecia estar amanhecendo como qualquer outro, até que notei uma nova mensagem no *direct* do meu Instagram, em resposta a uma postagem que fiz na madrugada anterior. Encarei a tela e, em negação completa, não abri a mensagem.

Através da janela, o ponteiro barulhento zombava do meu silêncio abismado enquanto contava a duração do meu momento de reflexão. Sempre me encanto com o dinamismo das redes sociais. A falta de saudações, a objetividade, a utilização de emojis para contemplar aquilo que as palavras, às vezes, não conseguem. Recentemente, criaram até um recurso que permite responder a cada uma das mensagens enviadas em sequência, o que facilita muito o entendimento na comunicação.

Encarei as palavras que recebi na curta mensagem e sem nem precisar ler o remetente, soube quem as tinha escrito. O conteúdo das mensagens tornava a



autoria óbvia. Como em um filme, as palavras ficaram embaçadas e lembranças invadiram minha mente.

\*\*\*

Era um sábado de manhã quando ela entrou pela porta do clube onde eram feitas as reuniões. Nosso pequeno grupo de escrita criativa reunia-se semanalmente para debater e escrever histórias. A dinâmica daquele dia era a construção de uma história colaborativa de tema livre, com uma única exigência: a escrita deveria iniciar e acabar com a mesma frase.

Iniciamos. Cada colega tecia a história a sua maneira até o ponto em que o mediador do encontro pedia que a próxima pessoa desse continuidade. Os caminhos tomados eram imprevisíveis e era difícil criar personagens, considerando que os destinos e possibilidades deles estariam nas mãos de outras pessoas. A história foi iniciada pela frase “As ondas não existem sem a ação do vento...” e a narrativa foi construída a partir de um personagem perdido em uma ilha.


Não pude deixar de reparar na postura incomum da nova integrante do nosso grupo. Atenta, ela escutava e anotava cada rumo importante da história em seu bloco de notas. Entendi o motivo das anotações quando ela assumiu o volante da narração. Suas ideias não só eram impressionantes, mas retomavam acontecimentos que tinham ficado mal resolvidos na história, como se ela mesma tivesse escrito desde o início. A história seguiu o rumo dado por ela e, assim, a narrativa finalizou muito melhor do que o esperado.

Na semana seguinte, curiosamente escrevi uma história em dupla com ela. Trocamos e-mails para dar continuidade à produção através de um documento editável compartilhado. Não sei em que ponto da escrita me apaixonei por ela. Existe algo de íntimo, que supera até mesmo a nudez, em ler as histórias de alguém. Digo isso com convicção, porque em algum momento, ela se apaixonou de volta.

Namoramos, planejamos viagens, escrevemos, mudamos juntos pra outra cidade e dividimos a mesma escova de dentes por dez meses até o dia em que ela foi embora.

Rápido e mal narrado assim, acabou-se.

\*\*\*



As lembranças dispersaram, dando espaço à nitidez do tempo presente e às palavras escritas pela mesma autora de um curto e miserável bilhete de despedida, esquecido nesta mesa muito tempo atrás:

“Me dei conta de que eu nunca te perguntei se te magoei naquela época...”

Encaro as palavras e digito em resposta, retribuindo a falta de uma saudação cortês:

“Acredito que foram as minhas expectativas que mais me causaram dor.”

Não menti. Sou contra a ideia de culpar qualquer pessoa pela versão que nós mesmos criamos dela, na maioria das vezes a culpa é nossa por termos idealizado alguém que, na verdade, nunca existiu. A culpa, no final das contas, é sempre das expectativas que criamos.

A resposta não tardou:

“Sabe, eu realmente te amei”.

Questiono com rugas na testa o propósito de toda essa conversa, mas mesmo assim digo:

“E eu realmente te amava.”

Como se já esperasse meu retorno com nossa conversa aberta, respondeu:

“Qual a diferença?”

Não respondi de imediato. Não queria começar uma discussão sobre diferenças entre pretéritos cujo único propósito seria provar que meu amor foi uma tempestade contínua enquanto o dela, uma garoa passageira. Então, eu simplesmente digo:

“Nenhuma que realmente importe, não é? O amor ficou no passado de todo jeito.”

O telefone não voltou a tocar. Abaixo das minhas últimas palavras, lia-se: *Mensagem entregue e lida*. Um dia, há muito tempo, aquela desconhecida do outro lado da tela tinha conceituado a palavra mais linda do meu dicionário, hoje, contudo, ela era a razão da minha eterna busca por algo mais belo. Sempre acreditei que a inquietação de não aceitar somente uma versão do significado das palavras pertencesse aos poetas, mas sou a prova de que ela talvez pertença mais aos apaixonados.

Caminhei até a mesa e digitei no manuscrito: “*frenesi: o que o vento faz com as ondas, o que o seu amor fez com meu coração.*”

Observei pela janela, reparando na beleza por detrás dos instantes em que a maioria das pessoas só enxerga ruas vazias, eu as enxergava também.

## ATIVIDADES (Elaboradas por Karine Cezar Zappaz e Lúcia Regina Lucas da Rosa)

### I – LINGUAGEM

1. Faça uma relação de 5 palavras ou expressões que estejam relacionadas a situações da vida virtual e 5 palavras ou expressões relacionadas ao mundo não virtual. Há diferença entre elas quanto à relação com os sentimentos dos personagens? Justifique.
2. Durante a leitura do texto, percebe-se que são utilizadas algumas palavras que fazem referência à rede social *Instagram*, como: *direct*, postagem, emojis, mensagem entregue e lida. Dessa forma, levando em consideração que foi nesse contexto que os personagens tiveram sua última conversa e, com base na linguagem utilizada nas redes sociais: Qual seria a linguagem que você usaria para iniciar uma conversa com alguém que talvez você pudesse ter magoado? Escreva essa interação.

### II – COMPREENSÃO

3. Compare o início do primeiro e do último parágrafo do conto e verifique qual a mudança de comportamento do personagem quanto à observação feita pela janela.
4. Por que você acredita que o personagem principal resolveu criar um dicionário com novos significados sobre determinadas palavras bonitas que deveriam ser mais utilizadas?
5. Se você fosse nomear esse dicionário, como o chamaria e por quê?



### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

6. Leia os verbetes das seguintes palavras incorporadas ao dicionário da questão anterior, conforme exemplos:

- Contemplar - observar as ruas vazias e notar a beleza invisível que reside na vaziez das coisas;
- Frenesi - o que o vento faz com as ondas, o que o seu amor fez com meu coração.

De acordo com a ideia do conto, que é dar um outro significado a palavras bonitas que deveriam ser mais utilizadas, escreva duas palavras que você gostaria de adicionar ao dicionário e qual seria o significado dela?

7. Você está convidado a se imaginar dentro da narrativa deste conto e, dessa forma, participe da proposta de escrita iniciando seu texto com “As ondas não existem sem a ação do vento...”. Use sua criatividade e imaginação!



## Some Beautiful Words that Should Be Said

*Gabriela Rodrigues Vicente*

*Translated by: Laura Barbosa Rodrigues*

Looking out the window, I saw poetry and noticed the beauty behind the moments when most people only saw empty streets. Staring at the blurred windowpane, I noticed that the street clock, located on the corner in front of my building, was striking eleven forty-two, on a night gifted with mild weather and a chilling silence. I ran to the manuscript and added a new word to my book under construction: *Contemplating: observing the empty streets and noticing the invisible beauty that resides in the emptiness of things.*

My book under construction was nothing more than a kind of dictionary of beautiful words that should be said more often. Words that, in fact, are already in dictionaries, but that deserve a second look. I have always believed that the restlessness of not accepting only one version of the meaning of words belonged exclusively either to poets or to lovers. I fell asleep on the office sofa that night, extremely exhausted to dream of new words or of any answers.

I opened my eyes the following day and I could see the sun forcing its presence through the curtains. The stillness of the streets had disappeared, giving way to the common everyday hustle and bustle. In the first few minutes of the morning, the day seemed to be dawning like any other, until I noticed a new message on my Instagram *direct*, in response to a post I'd made the previous morning. I stared at the screen. In complete denial, I didn't open the message.

Through the window, the noisy clock hand mocked my stunned silence as it counted down the duration of my moment of reflection. I've always felt enchanted by the dynamism of social media. The lack of greetings, the objectivity, and the use of emojis to express what words sometimes cannot. Recently, they even created a feature that allows you to reply to each message sent in sequence, which makes it much easier to understand communication.

I stared at the words I received in the short message and without even checking who the sender was; I knew who had written them. The content of the message made the authorship obvious. Like in a movie, the words became blurred and memories invaded my mind.



\*\*\*

It was a Saturday morning when she walked through the door of the club where meetings were held. Our small creative writing group met weekly to discuss and write stories. The dynamic for that day was the construction of a collaborative story with a free topic, but with a requirement: the writing should begin and end with the same sentence.

We began. Each colleague wove the story in his or her own way until the moment when the mediator of the meeting asked the next person to continue. The paths taken were unpredictable and it was difficult to create characters, once their destinies and possibilities would be in other people's hands. The story began with the sentence "Waves do not exist without the action of the wind..." and the narrative was created from a character lost on an island.

I could not help but notice the unusual attitude of the new member of our group. Alert, she listened and wrote down every important course of the story on her notepad. I understood why she did so when she took control of the narrative. Her ideas were not only impressive, but also got back to events that had been poorly solved in the story, as if she had written it herself from the beginning. The story followed the course given by her and, thus, the narrative ended much better than expected.

The following week, I surprisingly wrote a story in pairs with her. We exchanged emails to continue writing through a shared editable document. I don't know at what point in the writing I fell in love with her. There's something intimate, which goes beyond nudity, about reading someone's stories. I say that with conviction, because at some point, she fell back in love.

We dated, planned trips, wrote, moved to another city together and shared the same toothbrush for ten months until the day she left.

Quickly and badly narrated like that, it's over.

\*\*\*

Memories dispersed, making room for the sharpness of the present time and for the words written by the same author of a short and miserable farewell note, forgotten on this table long ago:

"I realized that I never asked you if I hurt you back then..."

I stare at the words and type in response, repaying the lack of a polite greeting:



“I believe my expectations caused me the most pain.”

I didn't lie. I'm against the idea of blaming anyone for the version we have created of him or her. Most of the time, it's our fault to idealize someone who actually never existed. Ultimately, the one to blame is always the expectations we create.

The response soon arrived:



“You know, I really loved you.”

I question with wrinkles on my forehead the purpose of the conversation, but I say:

“And I really used to love you.”

As if she already expected my feedback with our open conversation, she replied:

“What's the difference?”



I didn't answer immediately. I didn't want to start an argument about differences between past tenses whose sole purpose would be to prove my love was a continuous storm while hers, a passing drizzle. So, I simply say:

“Neither of the two matters, do they? Love remained in the past anyway.”

The phone never rang again. Below my last words, it read the following: *Message delivered and read*. One day, a long time ago, that stranger on the other side of the screen had conceptualized the most beautiful word in my dictionary. Today, however, she was the reason for my eternal search for something more beautiful. I have always believed that the restlessness of not accepting only one version of the meaning of words belonged to poets, but I am proof that perhaps it belongs more to lovers.

I walked to the desk and typed the manuscript, “*Frenzy: what the wind does to the waves, what your love has done to my heart.*”

I looked out the window, noticing the beauty behind the moments when most people only see empty streets. I saw them, too.



*Ilustrado por Mônica Silveira Paz*







## Momento de Presença

*Nathalia Jahn dos Santos*


Ele foi uma surpresa para toda a família de relações já bem desgastadas, se chamaria Estêvão. Este nome nunca antes tinha existido no imaginário de seu irmão Luiz, o mais novo dos três filhos de Argelina e Marcel, nome tão inédito como a aparição deste meio irmão em sua vida. Surgiu quando Marcel partiu para seu segundo casamento, com a bela jovem Sofia. O marasmo familiar se rompeu com a notícia de que chegaria um bebê novo, um meio irmão para os três mais velhos que se achavam os únicos eternos herdeiros de Marcel.

Contudo lá estava ele, Estêvão, um bebê, sem consciência nenhuma dos ensinamentos que proporcionava aos irmãos, principalmente ao mais novo, enquanto se formava nas entranhas de Sofia, que de maneira quase irresponsável criou um inédito vínculo de carne e sangue eterno entre o pequeno e seus familiares.

Estêvão nasceu e despertou sentimentos inexplorados em Luiz, que, febril, ora tinha vontade e ora preguiça de identificá-los, os mais bonitos, e os mais sombrios, sem repartição e espaço exato em sua mente, coexistiam. E eram oriundos daquele pequeno rebento de vida.

Como todo ser em primeira infância inspira cuidado, carinho e implica uma candura infinita, Estevinho estendeu paulatinamente laços invisíveis, tênues, eternos, macios, e também ásperos que entrelaçaram aos seus trejeitos infantis os sentimentos do irmão mais novo. E, emaranhados um ao outro, seguiram juntos, unidos, sem promessas solenes em alto tom, mas em juras mudas do coração. Tornaram-se mais que meio irmãos, tornaram-se histórias concomitantes dos laços de sangue.

A histeria truncada do cotidiano nunca lhes permitiu largo tempo para dividir, separados por cidades, estados e quilômetros longos demais para suas jovens percepções, pouco experimentavam do cotidiano juntos. Suas ocasiões de vivência eram sempre brindadas por festas, férias ou ocasiões sociais, todavia os momentos insólitos que dividiam eram singulares, e os tais laços invisíveis se estreitavam.



Já a histeria truncada dos sentimentos afastou-os quando a maturidade vinha carregando os primeiros traços ao rosto de Estêvão. Não por culpa deste, ou de Luiz. Os laços pararam de se formar e de entrelaçá-los, por conta de um afastamento. Podemos responsabilizar talvez os problemas de imóveis, o dinheiro, os orgulhos, de outros integrantes da família. O que resultou em alguns anos que lhes foram sequestrados de sua parca vivência de felizes irmãos.

Quando recuperaram, depois de muitos esforços de Luiz, alguns momentos juntos, depois de três ou quatro anos, sem nem conversar ao telefone, a voz de Estevinho já tinha mudado, os primeiros fios brancos apontavam na frente de Luiz. Agora o irmãozinho tem uma namorada, e é tio dos gêmeos de Luiz, mesmo sem nenhum manejo ou intimidade com os pequenos. E as promessas veladas e nunca pronunciadas se acenderam. E eles, juntos, felizes, apesar dos ainda incontáveis quilômetros, conseguiram experimentar novamente as pequenas vivências, apesar de Estêvão agora achar entediante demais ficar com os adultos e crianças por muito tempo no mesmo cômodo. Luiz entendia, sempre entendeu o meio irmão, sabia da posição difícil que ele ocupava sendo a eterna novidade que dividiu as águas de uma família da qual ele nunca fez realmente parte.

O que não previam depois de conseguirem retomar a formação de seus laços foi o vírus mais complicado que sua relação. Quando finalmente conseguiram se abraçar novamente, viajar pra se encontrar, ainda em pouquíssimas, mas especiais ocasiões, se tornou de novo inviável.

A ideia mais segura para o momento é manter o distanciamento. O tempo passa veloz e algoz, surge a esperança de melhorar, mas piora, e na prática, não muda, o distanciamento é novamente o enfoque desta relação.

Cada vez menos o Estêvão atende ou responde as poucas e sem intimidade interações de Luiz. Estêvão pouco cede palavras para Luiz, Marcel ou Sofia, e seus sentimentos e pensamentos são velados e desconhecidos, só conhecemos a ânsia que ele tem de partir do país, nada mais profundo, pois ele não divide seus sonhos, o que chega a Luiz é tudo raso e superficial.

Luiz imagina como os dias são complicados na vida de um adolescente em um cenário pandêmico, se preocupa, contudo não tem mais acesso aos dilemas de Estêvão, tem medo de perder o pouco que resgataram, todavia já vê perdido. Muitos meses se arrastam ou correm sem sequer se falarem.

Em um dia qualquer, iguais aos outros tantos da pandemia, envolvido com os bebês, organizando seu monótono cotidiano, Luiz ouve em outro



cômodo seu celular chamar, é cedo, rapidamente lhe surgem algumas hipóteses de quem lhe chamaria no início da manhã, quando visualiza seu celular está a chamada perdida de Estêvão. Por alguns segundos, enquanto retorna ao irmão seu coração acelera.

“Alô, mano!” disse Estêvão.

“Oi, tudo bem por aí? Me assustei com...” , responde Luiz.

“Tá, na real estou fazendo um trabalho pra escola, e preciso de que me responda rápido! Me diz três qualidades e três defeitos meus, manda rápido, sem pensar.”

“Nossa, me assustou, e agora tenho que falar rápido assim?”

“Sim, a professora pediu pra ser o que vem na tua mente, manda aí!”

“Nossa, eu nem sei o que te falar, são tantos adjetivos, tem que ser de sentimentos, né? Não posso dizer que tu é bonito?”

“Isso mano, da minha personalidade! Fala, fala, fala!”

Luiz procura uma resposta, quer fugir, pedir ajuda a alguém, fingir que a ligação desconectou, e em poucos segundos que tenta raciocinar no que é melhor dizer, quer aproveitar esse momento para se conectar, aproveitar a voz do irmão e os segundos que esta chamada inusitada lhes proporcionam, e nesses breves segundos de sentimentos conflitantes, se enxerga distante demais de Estêvão, e de sua vida.

“Nossa, vamos lá! Vou começar pelas boas, te enxergo só com boas qualidades, acho que a primeira qualidade é que te acho responsável, depois maduro, te acho maduro mesmo! E leal, você é leal, pacas!”

“Beleza, mano! Os defeitos... vai, manda sem pensar! Não enrola!”

“Nossa... me pegou.”, balbuciou Luiz, cada vez mais certo de que não conhecia mais a pessoa que estava do outro lado da linha.

“Cara, vai rápido!”, quase gritou Estevinho.

“Tá, é difícil pra mim, não sei seus defeitos, vou dizer tímido e quieto e o último você me ajuda, pois eu não sei mesmo.”

“Tá certo, vou colocar explosivo! Pode ser?”

“Ok, então! Me conta como foi, se deu certo! Eu fiquei muito feliz, com a ...”

“Obrigado, mano, tchau.” Interrompeu o caçula.

Durante o resto do dia Luiz sentiu o coração feliz, exaltado, comentou com a esposa, ligou e relatou aos seus outros irmãos. Passou o dia alegre, exaltado com a ligação do meio irmão.

No final do dia, enviou uma mensagem para Estêvão, pedindo o retorno do seu trabalho, se tinha atingido seu objetivo com a professora e se a ajuda tinha sido de fato, útil. Não recebeu nenhum retorno, nada, agora nem virtual do caçula.

Passaram-se dois dias, o pai de ambos chamou-os por vídeo como de costume. Luiz comentou que queria retorno do irmão sobre a atividade, mas o pai não entendeu do que se tratava, e seguiu comentando outros assuntos do cotidiano, e Luiz sentiu novamente os laços invisíveis se afrouxando...

## ATIVIDADES (Elaboradas por Matheus da Silveira Albuquerque)

### I – LINGUAGEM

1. No primeiro parágrafo, a palavra “marasmo” poderia ser substituída por:

- a) união;
- b) calmaria;
- c) amor.

### II – COMPREENSÃO

2. Em certo momento do texto, Estevinho e Luiz se afastaram. Cite, ao menos, dois motivos apresentados nesse conto para que isso tenha ocorrido.



### III - PRODUÇÃO TEXTUAL

3. Conforme apresentado no texto, o personagem Estevinho viveu parte de sua adolescência em uma pandemia. Sendo assim, escreva um parágrafo relatando sua experiência durante o isolamento social causado pela COVID-19.



## Moments of Presence

*Conto de: Nathalia Jahn dos Santos*

*Translated by: Keiti Inês de Souza Schmitz*


He was a surprise to the whole family, whose relationships were already worn-out. He would be called Estêvão. That name had never crossed his brother's mind, Luiz, the youngest of the three children of Argelina and Marcel - a name as unprecedented as the arrival of this half-brother in his life. It came about when Marcel left for his second marriage to the young and beautiful Sofia. The family stagnation was broken by the news that a new baby would arrive, a half-brother to the three older ones who thought they were Marcel's only eternal heirs.

Nonetheless, there he was, Estêvão, a baby who had no idea of the teachings he was providing to his siblings, especially to the youngest, while he was being formed in Sofia's womb - she, who almost irresponsibly created an unprecedented eternal flesh-and-blood bond between the little one and his family members.

Estêvão's birth aroused unexplored feelings in Luiz, that, hectic, sometimes wanted it and sometimes was too lazy to identify them; the most beautiful and the darkest ones, which coexisted with no exact division and space in his mind. And they came from that little sprout of life.

As every being in their early childhood inspires care, affection and implies an infinite candor, Estevinho gradually extended invisible, tenuous, eternal, soft, and rough ties that intertwined his younger brother's feelings with his childhood gestures. And, entangled with one another, they went on together, united, with no aloud-solemn promises, but with silent vows from the heart. They became more than half-brothers. They became concomitant stories of blood ties.

The truncated hysteria of everyday life never allowed them enough time to share. They were apart from cities, states and kilometers excessively long for their young perceptions, and they experienced little of everyday life together. Their moments were always shared in parties, vacations or social situations, still the rare moments they shared were unique, and such invisible links were tightened.



On the other hand, the truncated hysteria of feelings drove them away when maturity was showing its first signs on Estêvão's face. It was not his fault or Luiz's. The link stopped growing between them, and it stopped intertwining them due to distancing. We might blame the real estate or money problems, the pride of other members of the family, which resulted in a few years stolen from their meager existence as happy brothers.

When they made up for lost time, after three or four years without even talking on the phone and because of all the effort Luiz made, Estevinho's voice had already changed, and Luiz was getting gray hairs. Now, the little brother has a girlfriend and is the uncle of Luiz's twins, even without any handling or intimacy with the little ones. The veiled and unspoken promises came back to life. And they, happily together, despite the countless kilometers, managed to re-experience the small experiences, even though Estêvão now found it too boring to stay with adults and children for a long time in the same room. Luiz understood. He always understood his half-brother. He knew the difficult position Estêvão occupied being the eternal novelty, a watershed of a family he was never really part of.


What they didn't foresee after managing to rebuild their bond was the virus, even more complicated than their relationship. When they were finally able to hug each other again, to travel to meet, even on very few, but special occasions, one more time meeting became impracticable.

The safest idea for the moment was to keep distance. Time goes by fast. The hope of things getting better arises, but then it gets worse, and, actually, it doesn't change. The distance is repeatedly the focus of this relationship.

Less and less Estêvão answered Luiz's few and without intimacy interactions. Estêvão hardly speaks to Luiz, Marcel or Sofia, and his feelings and thoughts are veiled and unknown. We only know his eagerness to leave the country, nothing deeper than that, because he doesn't share his dreams. What comes to Luiz is all-superficial.

Luiz can imagine how complicated the days are in the life of a teenager in a pandemic scenario. He worries, but he no longer has access to Estêvão's dilemmas. He is afraid of losing the little they had, yet he already sees it lost. Many months pass by without them speaking.

On a random day just like so many others in the pandemic, Luiz was involved with the babies, organizing his monotonous daily life when he heard his



cell phone ringing in another room. It's early. He quickly thinks of some people who would call him in the early morning. When he finds his cell phone, he sees that Estêvão had called. For a few seconds, as he returned the call to his brother, his heart accelerated.

“Hello, bro!” said Estêvão.

“Hi! Is everything okay there? I got scared with...”, Luiz answered.


“Okay, I’m actually doing a school assignment, and I need you to answer quickly! Tell me three virtues and three flaws of mine. Say it fast without thinking.”

“Wow, you scared me, and now I have to talk fast like that?”

“Yes, the teacher asked what’s on your mind, go ahead!”

“Wow, I don’t even know what to tell you, there are so many adjectives, it has to be feelings, right? Can’t I say you’re beautiful?”

“That bro, about my personality! Say, say, say!”



Luiz looks for an answer. He wants to run away, ask someone for help, pretend the call has disconnected, and within a few seconds when he is trying to think of what is best to say, he also wants to take this moment to connect and enjoy his brother’s voice and the seconds that this unusual call gives them. Yet, in those brief seconds of conflicting feelings, he sees himself too far from Estêvão and from his life.

“Wow, come on! I’ll start with the good ones. I see you only with virtues. I think the first quality is that I think you’re responsible, then mature. I think you’re mature! And loyal, you’re so loyal!”


“OK, bro! The flaws... go, tell me without thinking! Stop beating around the bush!”

“Wow... you got me”, mumbled Luiz, more and more certain he no longer knew the person on the other side of the line.

“Man, make it quick!”, Estevinho almost screamed.

“Okay, it’s hard for me. I don’t know about your flaws. I’d say you’re shy and quiet, and the last one you help me because I really don’t know.”

“Okay, I’ll say I have a hot temper! Is it OK?”




“OK, then! After you hand it in, please, tell me how it went, if it worked! I was very happy with the ...”

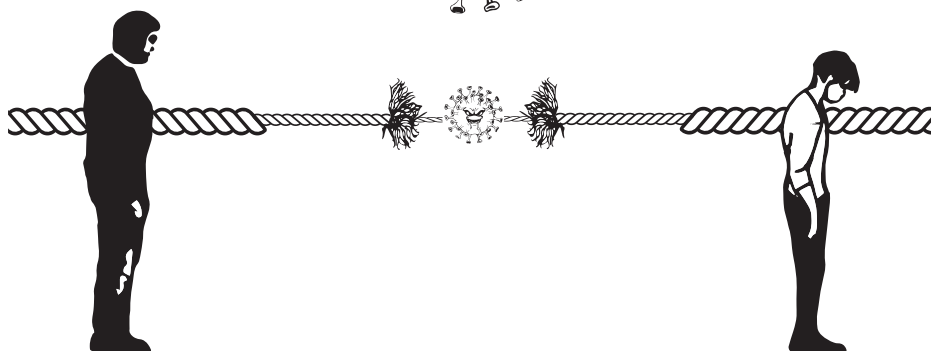
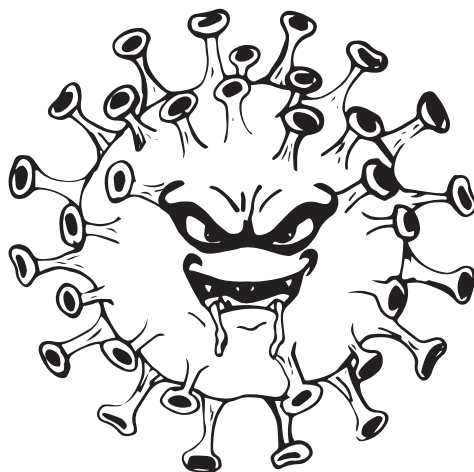
“Thanks, bro, bye”, interrupted the youngest.

During the rest of the day, Luiz felt his heart happy, excited. He discussed it with his wife, called his brothers and reported the situation. He spent the day joyful, excited by his half-brother’s call.

At the end of the day, he sent a message to Estêvão asking about the assignment. If he had been successful with the teacher, and if his help had actually been helpful. Luiz didn’t get any feedback from the youngest, nothing, not even virtually.

Two days had passed. Their father made a video call with them as usual, but only Luiz answered. Luiz commented that he wanted feedback from his brother about the assignment, but his father did not understand what it was about and kept talking about other everyday matters, and, once again, Luiz felt again the invisible ties loosening...





*Ilustrado por Rafael Henrique Oliveira de Carvalho*



## Janelas da Vida

*Jenifer Schnorr Simão*

Neste exato momento, olho na pequena janela e o vejo. Ele foi registrado em movimento, caminhando enquanto segura a mão de uma menininha, e parece feliz. De repente, sinto falta de quando ele participava da minha vida.

Nós éramos jovens e apaixonados, nos víamos quase todos os dias e tínhamos uma química que nunca encontrei em mais ninguém. Se eu não fosse tão infantil, se não tivesse tanto medo de mudar a nossa rotina de “amigos que se beijam”, aquela menininha poderia ser nossa. Mas acho que fazem parte da adolescência as más decisões.

Olhando-o naquela janelinha, ergo a mão para alcançá-lo enquanto ele sorri de lado. Tenho vontade de gritar, mas ele não me ouviria. Será que ele pensa em mim com a mesma frequência que penso nele? Será que ele pensa em mim com alguma frequência? Engasgo.

Estávamos no recreio quando ele chegou e se sentou ao meu lado no banco. Era um dia frio, apesar do sol que tocava nossas peles. Inclinei um pouco a cabeça para receber a luz de forma mais ampla e ele colocou a mão em minha perna, eu a segurei. Era estranho como suas mãos eram sempre geladas e as minhas, quentes, independentemente do clima. Talvez fora por isso que tínhamos a mania de sempre nos tocarmos, precisávamos trocar energias. Levemente, me inclinei e escorei a cabeça em seu ombro. Poderia passar todas as manhãs assim. No entanto, por mais que eu quisesse, não conseguia confessar meus sentimentos por ele, vivia com a armadura levantada. Essa foi a primeira janela a nos separar, a minha janela pessoal, que bloqueava toda e qualquer atitude.

Suspiro. Lembro exatamente da sensação, inclusive, podia sentir o calor subindo por meu colo. Olho para seu rosto congelado novamente, através daquela abertura que liga o passado e o presente e recorde de minha juventude. Percebo que não fui uma criança ativa, cheia de memórias para compartilhar. Muitas vezes, passava tardes inteiras olhando o céu pela claraboia do sótão, imaginando como seria minha vida de gente grande e criando possibilidades. Na adolescência, mesmo em sua companhia, a situação não mudou muito,

continuava olhando pelas janelas, sempre em busca de algo lá fora. Ainda que nós estivéssemos no mesmo ambiente, eu não tinha coragem o suficiente para olhá-lo sem a minha vidraça. Porém, mais do que medo de seus sentimentos por mim, tinha medo dos meus por ele. Sabia que poderia ser recíproco, bastava eu quebrar a janela.

Quando comecei a trabalhar e as responsabilidades surgiram, a janela se transformou e nosso contato adormeceu. Agora, eu olhava pela janela do ônibus, onde familiarmente me sentia protegida.

A este ponto, é doloroso continuar olhando-o.

Se eu atravessasse a janela, ele me corresponderia? Abandonaria seu casamento pela paixão da adolescência? Toco o vidro como queria tocá-lo. Respiro fundo, recolho as lembranças e somente curto a foto dele e da filhinha e, em seguida, fecho a janela do *Instagram*.

## ATIVIDADES (Elaboradas por July Helen Valle da Silva)

### I – LINGUAGEM

1. O conto apresenta uma linguagem simples que aproxima o leitor do texto. Escolha um trecho em que essa estreita relação torna-se evidente e o transcreva, justificando sua escolha em seguida.

### II – COMPREENSÃO

2. No quinto parágrafo, a expressão “minha vidraça” corresponde à qual das opções abaixo, conforme o contexto?

- a) À fragilidade da relação entre a personagem-narradora e seu caso de amor da adolescência.
- b) À transparência que a personagem-narradora mantinha em suas relações interpessoais.
- c) À barreira que a personagem-narradora colocava em suas relações interpessoais.



### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

3. A autora aborda o termo “janela” de diversas maneiras no decorrer no texto, tanto de forma literal quanto de forma metafórica. Elabore um parágrafo explicando, sob o seu ponto de vista, o significado do título “Janelas da Vida”.



## Windows of life

*Jenifer Schnorr Simão*

*Translated by Andrieli da Costa dos Santos*

Right now, I look out the small window and I see him. He was registered in movement, walking while holding a little girl's hand, and he looked happy. Suddenly, I miss when he used to be part of my life.


We were young and in love. We saw each other almost every day and we had such a chemistry I have never found in anyone else. If I had not been so childish, if I had not been so afraid to change our routine of "kissing friends", that little girl could be ours. But I guess bad choices are part of adolescence.

Looking at him out that little window, I raised my hand to reach him as he grinned. I felt like screaming, but he wouldn't hear me. Does he think about me as often as I think about him? Does he think about me often? I choke.

We were at break when he arrived and sat by my side on the bench. It was a cold day, despite the sun that touched our skin. I tilted my head a little to be more exposed to the sunrays and he put his hand on my leg. I held it. It was strange how his hands were always cold and mine always warm, whatever the weather.

Maybe that's why we used to be always touching each other: we needed to switch energy. I gently leaned in and rested my head on his shoulder. I could spend every morning like that. However, even though I wanted it so much, I couldn't confess my feelings for him. I always had my armor on. This was the first window to separate us, my personal window, which blocked all attitudes.

I sighed. I remember exactly the feeling; I could even feel the heat rising in my lap. I look at his frozen face again, through that opening that connects the past and the present and I remember my youth. I realize I was not an active child, full of memories to share. I often spent entire afternoons looking at the sky through the attic skylight, imagining what my grown-up life would be like and creating possibilities. In adolescence, even in his company, the situation didn't change much. I kept looking out the windows, always looking for something



outside. Even though we were in the same place, I didn't have enough courage to look at him other than through the window. However, more than fear of his feelings for me, I was afraid of my feelings for him. I knew it could be mutual; I just had to break the window.

When I started working and responsibilities came, the window changed and our contact fell asleep. Now, I was looking out the bus window, where I familiarly felt protected.

At this point, it's painful to keep looking at him.

If I went through the window, would he reciprocate my feelings? Would he abandon his marriage for a teenage crush? I touched the glass, as I wanted to touch him. I take a deep breath, collect the memories and I just give a thumbs-up on the photo of him and his little daughter and, then, I close the Instagram window.



*Ilustrado por Nátalia Marchioro Machado*



## No tempo das trivialidades

*Lúcia Regina Lucas da Rosa*

No tempo em que as pessoas se reuniam com frequência em bares e restaurantes, despreocupadamente, e conversavam banalidades, a vida parecia mais simples, comum e até mesmo trivial demais para ser chamada de vida. Mas, vamos lá, havia esse tempo! Lembro de um amigo, letrado, poeta e bom de papo que, por vezes, escrevia seus poemas nos guardanapos e entregava ora a um amigo, ora a outro. Entregava não é bem o termo. Ele fazia uns papeizinhos manchados de tinta de caneta e umidade do uso aparecerem perto de cada um dos amigos. E líamos os versos com satisfação de alma, agradecendo ao amigo que nunca assumia a autoria para que a dúvida permanecesse. E nós brincávamos, dizendo que gostávamos de ganhar um *souvenir* daquele bar tão acolhedor, então, poderíamos levar os poemas para casa. Muitos o faziam para evitar desfeita, e, enfim, satisfazer o amigo, não o desfeiteando nem fazendo pouco caso de algo elaborado com o propósito de animar nossas noites. Eu e meu marido, frequentadores assíduos, guardávamos com carinho cada guardanapo poético.

Passado algum tempo, como é normal ocorrer, aquele encontro de amigos deixou de acontecer. Cada qual foi para o seu lado, seguindo na profissão e na vida. Nada de noitadas, nada de poesia... a vida seguiu seu rumo e os amigos dispersaram-se. Havia meses a rotina tomara conta da vida de todos, e a boemia tão aglutinadora, virara lembrança nas mentes e corações daquele seletto grupo. Até mesmo na conversa com meu marido, paramos de lembrar daqueles amigos e da trivialidade de vida que levávamos.

E não é que alguns versos ficaram entranhados em minha mente e vivem há longos anos em meus pensamentos? Do amigo, ficaram estrofes, como esta:

Poesia da essência

Poesia da existência.

Em cada verso,

cabe o universo.



Juntando em estrofe,

alguém ainda sofre?

Poesia da vida:


Um caminho só de ida.

Nunca esses versos estiveram tão atuais, já que passamos dos exageros às mais recônditas moderações. Dos amigos, as lembranças, a virtualização em alta: mal acordamos e já temos um mundo à espera de um clique, vazio de existência, porém repleto de cenas reinventadas, ao sabor da visualização. Sem perceber, o tempo fluiu em nossa vida e, de repente, algo nos mobilizou para um local antes inabitado: nossa própria casa e o convívio com a família. Agora o desencontro com os amigos ocorre não somente pela separação devido ao tempo, mas também por imposição social. A vontade de rever meu amigo poeta tornou-se um sonho, ficando a saudade daqueles guardanapos repletos de versos e de expectativas de recolher algo na mesa, sutilmente largado perto do copo, como se oferecesse um momento de arte e de inspiração. Agora fica a certeza de que aquela roda de amigos dissipou-se de vez, pois mesmo com as redes sociais, meu poeta do passado jamais seria adepto a encontros virtuais. Afinal, como iria entregar guardanapos escritos e dedicados ao grupo por meios eletrônicos? Isso seria inadmissível para ele... e para nós.

A muito custo, consegui esquecer os amigos e as poesias e nunca mais tentei descobrir como não víamos os guardanapos serem escritos. Provavelmente, devido ao calor das cervejas, misturado com os guardanapos do bar, não percebíamos os caminhos pelos quais eles deslizavam pela mesa e apareciam diante do copo de um ou de outro, sem assinatura mas com a letra indiscutivelmente dele, do poeta do nosso bar. Aquele encantamento provavelmente nunca mais acontecerá, então, o melhor seria não pensar mais no lugar encantado, muito menos, nas pessoas tão mágicas e amigas da boemia de todas as sextas-feiras.

Com a morte de meu marido, a única ligação com aquele antigo grupo acabou-se por completo. Um dia, resolvi fazer uma limpeza na biblioteca de casa e me livrar de todas as caixas e baús que pudessem lembrar nossa convivência. Tempo de eliminar os excessos e tudo o que estivesse sem utilidade. Não sei por que aquela caixinha amarela, envelhecida, me chamou tanto a atenção; e curiosa, tirei a tampa, antes de jogá-la no lixo. Incrivelmente, começaram a aparecer papéis brancos com letras ilegíveis e manchas de tinta de caneta... aquela letra





que me encantava nos encontros no bar e que me enchia de esperanças de eterna companhia, nunca me fez perceber que a mão de quem escrevia aqueles lindos versos estivesse tão perto de mim, sem nunca ter se declarado. Nunca aquele “caminho só de ida” fez tanto sentido.

## ATIVIDADES (Elaboradas por Lúcia Regina Lucas da Rosa)

### I – LINGUAGEM

1. Que outras palavras ou expressões do texto estão relacionadas pelo significado a “trivialidades” do título? Explique esse significado relacionando-o ao conto em estudo e ao momento recente vivido de pandemia.

### II – COMPREENSÃO

2. Você concorda com a afirmação “de repente, algo nos mobilizou para um local antes inabitado: nossa própria casa e o convívio com a família.”? Comente.
3. Explique a afirmação final do conto: qual o sentido do “caminho só de ida”?

### III – PRODUÇÃO TEXTUAL


4. Assim como o personagem escrevia versos para os amigos, escreva poesias para entregar a um/uma colega de sua turma. Façam a entrega em algum momento especial organizado de forma descontraída e amigável.




## In Time of Trivialities

*Conto de: Lúcia Regina Lucas da Rosa*

*Translated by Érika de Rossi Farias Mendonça and  
Andressa Alves Brazeiro*



At the time when people frequently gathered nonchalantly in bars and restaurants and discussed banalities, life seemed simpler, more common and even too trivial to be called 'life'. But, c'mon, there was this time! I remember an educated friend, a poet and good at talking, who sometimes wrote his poems on napkins and handed them in to one or the other friend. 'Handed in' isn't really the best term. He made some little pieces of paper stained with pen ink and moist appear near each of his friends. And we read those verses with soul satisfaction, thanking our friend who never assumed the authorship so that the doubt remained. And we joked about it, saying we liked to get a *souvenir* from that cozy bar, so we could take the poems home. Many people did it to avoid being rude, and to satisfy our friend, and not to belittle such an elaborate work that had been written solely to enliven our evenings. My husband and I, regulars at the bar, affectionately kept every single poetic napkin.



After some time, as it usually happens, those friend reunions stopped. Each of us went our separate ways, with our professions and private lives. No more night outs, no more poetry... life went its own way and friendships dispersed. The routine had taken over everyone's lives for months, and those unifying bohemian nights had become a memory in the minds and hearts of that special group. Even in conversations with my husband, we stopped remembering those friends and the trivialities of life we had.

Surprisingly, some verses have become ingrained in my mind and have lived in my thoughts for long years. From my friend, only stanzas remain, like this one:

Poetry of essence,  
poetry of existence.  
Into every verse,



the universe fits.


Gathering stanzas,  
does anyone still suffer?

Poetry of life:  
a one-way road.

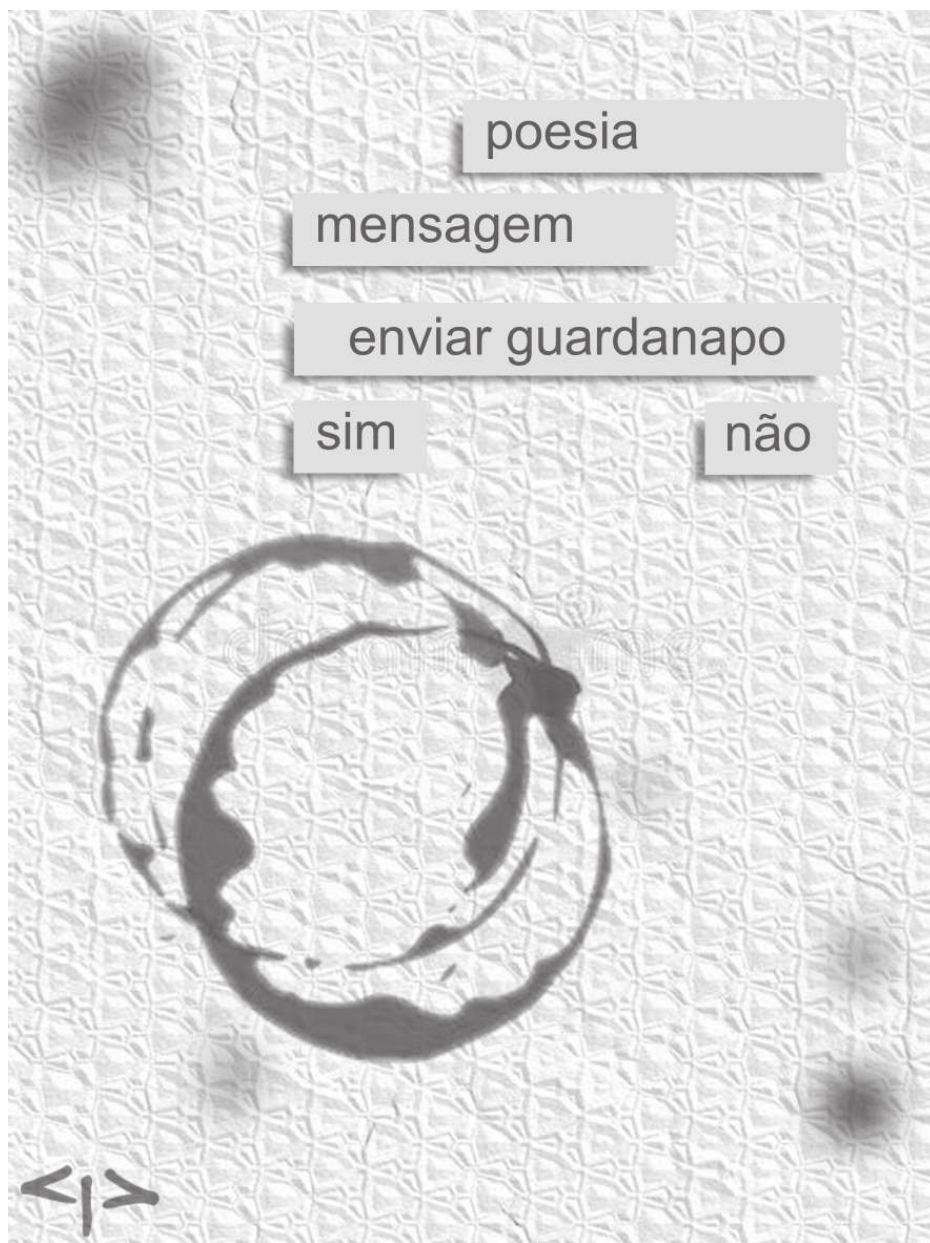
Never have these verses been so real, as we have gone from exaggerations to the most hidden moderations. From our friends, the memories, and the virtualization on the rise: we barely wake up and we already have a whole world waiting for a click, emptiness of existence, yet full of reinvented scenes, at the taste of visualization. Without realizing it, time flowed through our lives and, suddenly, something took us to a place that was previously inhabited: our own house and family life. Now, friends disassembling is due not only because of time, but also because of social imposition. The will to see my poet friend again became a dream. The only thing left was the longing for those napkins full of verses and expectations of picking up something on the table, subtly dropped near the glasses, as if it offered a moment of art and inspiration. Now we are sure that circle of friends is over for good, because, even with social media, my poet from the past would never participate in virtual meetings. After all, how could he hand out the written napkins dedicated to us using an electronic device? That would be unacceptable to him and to us.

At great cost, I managed to forget those friends and the poetry and I never tried to figure out how we didn't see the napkins being written. Probably, because of the heat of the moment, and the beer we drank, mixed with the bar napkins, we didn't notice the paths through which the poems glided across the table and appeared in front of a glass here and there, with no signature, but with his unmistakable handwriting, the poet of our bar. That enchantment will probably never happen again, so, I'd better not think about the enchanted place anymore, let alone about the magic friends of the bohemian Friday evenings.

After my husband's death, the only connection with that old group ended for good. One day, I decided to clean my home library and get rid of all the boxes and chests that could remind me of our time together. It was about time I got rid of all the excess and of everything that was useless. I don't know why that yellow, old, little box caught my attention



so much. Curious, I took the lid off the box before throwing it in the trash. Amazingly, white pieces of paper with illegible letters and pen ink stains started to appear... that handwriting that delighted me when we gathered in pubs and that filled me with hope of eternal company never made me realize that the hand of the person who wrote those beautiful verses was so close to me, without ever saying anything. Never did that “one-way road” make so much sense.



*Ilustrado por Cid Domingues D'ávila*




## Lucidez (Travessia)

*Elvin Matheus Estran Pinheiro*

Um bom dia pra mim e pra vocês também - desejo isso diariamente nos grupos de mensagens de minha família e de meus amigos ao acordar. Hoje é segunda, e, ao contrário da maioria com quem tenho convívio, costumo acordar com mais energia que nos demais dias. Escovo os dentes, preparo o café e já é hora de ir para o trabalho: sento na mesa da cozinha e abro o notebook. Trabalho, foco, trabalho. Planilhas, anotações, telefonemas. As horas passam, o restante do café passado no bule já está frio e não soa atraente para meu paladar como há pouco era.



Enfim, os roncos do meu estômago serão ouvidos, pois é a hora do intervalo. Tenho somente uma hora até voltar à labuta; não tenho tempo de elaborar uma refeição como gostaria, mas, com a fome que costumo sentir no meio-dia, qualquer comida é banquete. Por sorte, sobrou quase toda a lasanha que fiz ontem no almoço, então só precisarei requeijá-la no microondas. Enfim, almoçado. O gosto da lasanha pareceu muito melhor do que estava no dia anterior, os champignons que optei por colocar davam um toque e textura complementar ao frango envolvido na massa. Ainda tenho cinquenta minutos para descansar, então deito no meu sofá novo e assisto ao telejornal que passa no horário do almoço. Confesso que já gostei mais de assistir ao noticiário, mas é importante estar inteirado sobre os fatos diários. Quando menos espero, o despertador do celular toca, avisando que tenho que voltar ao trabalho em cinco minutos. Vejo os grupos de mensagens antes disso, mas não tenho nenhum recado importante.

Volto ao trabalho e paro somente quando meu turno acaba. Estou em casa, tanto quanto estava há horas, entretanto, agora estou aqui para mim mesmo. Sinto fome novamente, hora do café; pego quatro ovos e faço uma omelete. O recheio de hoje é queijo, mas todos os dias coloco algum complemento diferente para não enjoar. Voltei a malhar faz dois meses, vi uma dieta na internet que diz para eu comer oito ovos por dia. Embora nem sempre consiga atingir essa meta, estou tentando. Me vejo com o corpo que quero em dois anos, isso se eu continuar me exercitando. As academias abrem e fecham conforme os decretos surgem e são vetados, logo optei pela calistenia, que pode ser cumprida em



qualquer ambiente, contanto que tenhamos nossos corpos para nós mesmos. Enquanto isso acontece, tento - prancha, flexões, barras, abdominais - até cansar.

Após o treino caseiro, tomando um banho, lembro do meu aplicativo de músicas, escuto as músicas de sempre. Meu gosto musical estagnou de uns anos pra cá, acredito que isso seja comum, estamos todos enferrujados do mundo físico. Tudo bem, todos passamos pela mesma situação, logo venceremos. Após me banhar, me visto, deito e ligo a televisão. A TV é uma boa companheira, não assisto muito, somente trechos aleatórios que prendem minha atenção, mas ela me impede de estar em isolamento acústico, no completo silêncio. Comecei a morar sozinho há oito meses, ainda estou me adaptando, mas sigo otimista pela mudança radical. Entro nas redes sociais e vejo memes, vídeos de pessoas dançando, curiosidades vagas e textos de opinião sobre a atual conjuntura brasileira. Pisco os olhos; onze e meia da noite. Passei do horário de fazer minha janta, mas, graças a Deus, tenho minha bendita lasanha. Comi e deitei novamente, hoje fui mais ocioso do que gostaria, mas isso acontece. Uma boa noite pra mim e para vocês também.




Um bom dia pra gente. Acordei dez minutos mais tarde do que deveria, então economizei minhas falas nos grupos da família e dos amigos dos quais participo. Terça-feira, o dia mais eletrizante do meu trabalho. Meu patrão aproveita que é o início da semana e ainda temos energia de sobra e que meus colegas já não estão anestesiados pelo impacto do final de semana anterior. Trabalho, incansável, trabalho. Apesar de necessário, é uma pena estar trabalhando em casa, pois gostaria que meu chefe visse como trabalho nas terças. Se ele visse, eu já teria recebido um aumento ou uma promoção. O bule do café ficou vazio cedo, queria mais, mas não posso perder o foco.

Hora do intervalo. O café de mais cedo me deixou com azia, então, por um lado, foi bom não ter feito outra dose. A lasanha hoje seguia muito boa, mas confesso que a queimação do estômago me impediu de saborear a refeição como merecido. Quando falamos de gastronomia, o prazer e a dor não se misturam, mas, sabendo separá-los, podemos aproveitar uma das partes, ao menos. Comi devagar, bebendo sal de frutas dissolvido na água, mas, apesar do contratempo, tenho trinta e cinco minutos para gastar o tempo conforme meu bel prazer.

Entro nos grupos de mensagens de meus amigos, estão conversando sobre nossas antigas saídas, festas, jogos de futebol e inúmeras situações que passamos juntos. Faz tempo que não fazemos nada juntos, e não é por falta de vontade. Não vou dizer que não furei a quarentena em nenhum momento, mas






posso assegurar que não desenvolvi esse hábito. Furar a quarentena é viciante, tentador. Comecei a morar sozinho justamente por isso, para não haver riscos de transmitir enfermidade alguma à minha família, caso começasse a desrespeitar os protocolos. Saí em um final de semana, e recebi o convite para sair nos próximos dez. Infelizmente, nem todos aguentam, ficam expostos ao acaso, perdem o respeito daqueles que seguem firmes. Não os julgo completamente, mas bato o pé em afirmar que isso é um erro. Meus amigos falavam no grupo sobre se reunirem quando as coisas normalizassem, e isso era um desejo unânime: voltar a viver como antes.

A conversa estava boa, mas tive que voltar para as minhas tarefas. Sorte a minha, fiz a maior parte do trabalho no primeiro momento, porque fiquei disperso ao lembrar da vida que levávamos e a expectativa de como a levaremos em um futuro do qual esperamos proximidade. Trabalho, noventa por cento concentrado, para terminar o que comecei pela manhã; sofri de refluxo pelo café, contudo, me tornei um trabalhador invejável, batendo o trabalho dobrado de hoje no exato tempo previsto, mesmo não estando com a mente somente naquele momento. Estou em casa, mas queria estar procurando uma desculpa para ir para o bar com aqueles a quem estimo. Todo mundo sofre por isso ou por coisas piores, paciência. Logo venceremos.

Malhei menos que ontem, comi três ovos no café da tarde. Tomei um banho, deitei e procurei o que fazer. Eram apenas seis da tarde, teria, no mínimo, mais quatro horas úteis naquele dia. Queria me ocupar, mas não sabia o que fazer. Não queria, de jeito nenhum, ficar vagando na internet; procurei o que fazer em casa na pandemia, porém, utilizando o espaço cibernético. Achei um site que dava dezesseis sugestões do que fazer em casa. Mexer nas redes sociais? É justamente o que não quero; exercícios físicos já foram feitos; não consigo me prender à maioria de filmes, séries e podcasts; não tenho dinheiro para comprar um instrumento musical. Todas as dicas pareciam patéticas, fora que a maioria delas envolvem o mundo virtual. Tudo é virtual agora, e, mesmo não querendo ser saudosista, sinto que a medida já foi passada há um certo tempo. Estudamos virtualmente, trabalhamos virtualmente; compramos e vendemos coisas virtualmente; criamos e mantemos amizade virtualmente; flertamos e namoramos virtualmente. Isso sem querer tocar no ponto do sexo virtual, que já soa tão comum. Muitas pessoas mudam a personalidade dentro das redes sociais, e minha suspeita é a de que estes apenas não tiveram o estímulo de serem quem realmente querem ser no mundo físico. A maioria desses pontos são méritos do meio virtual e deméritos do mundo real, entretanto, meu medo é de que essa



comodidade possa impedir o homem de superar seus desafios mundanos. Posso soar analógico, ou até ser, de fato, mas é intimidador pensar no final catártico que podemos rumar assim.


Pensando nessas coisas, passei do horário que julgava como meu tempo hábil daquele dia e do horário que costumo dormir. É impressionante como o silêncio pode nos trazer um monólogo longo, de horas. Já eram duas horas da manhã, não fiz nada desde que cogitei fazer, já não era tempo para jantar e provavelmente ia acordar acabado no dia seguinte. Uma boa noite pra mim e pra vocês também - desejei em pensamento a todos a quem costumo desejar uma boa noite, para não haver risco de saberem que estou acordado tão tarde.

Um bom dia pra vocês. Acordei atrasado, estar absorto em meus pensamentos me prejudicou, pretendo não parar para pensar nas coisas novamente por um bom tempo, mas o dia já começa desafiador, quando sinto que a noite mal dormida foi um gatilho. Trabalho, cansaço, trabalho. Paro as anotações para ir ao banheiro, respiro fundo, lavo o rosto, me olho no espelho e não me reconheço. Acredito que seja a fome, afinal, não jantei ontem. Pego a lasanha, coloco ela no microondas. Encaro o alimento, não parece ser a mesma refeição que tanto me agradou há dois dias atrás. Dizem que champignon requentado depois de uns dias pode fazer mal, então abro a massa, procuro todos os cogumelos e os tiro da comida. O gosto e a textura mudaram bruscamente sem o tal ingrediente. Não sabia o que era pior: comer aquilo sem o fungo que tanto gosto ou me arriscar a comer algo estragado e sofrer depois. Termina a refeição, sem o mesmo apreço que já tive por ela, e vou analisar o quanto de lasanha ainda tem. Por sorte, só sobrou uma fatia, a questão seria o que fazer com ela. Comer aquele último pedaço seria um desrespeito à memória de uma refeição que tanto me satisfez durante os últimos dias, mas não comer seria um desrespeito maior ainda: injúria àqueles que passam fome. Resolvi guardar para a janta, mas, no almoço, vou me poupar.

Volto ao trabalho, espero que minha pausa não prejudique o meu desempenho de hoje. De fato, a parada técnica não me atrapalhou, porém, minha mente aérea, sim. Ligo para o meu chefe e digo que não estou me sentindo bem. Ele entende, apesar de soar desgostoso com a situação, e me libera durante o dia de hoje; me desejou melhoras no fim da ligação.



Meu alívio foi quase instantâneo, porém efêmero. Sem meu trabalho, o que faço no restante dessa manhã nublada?

Respiro fundo e resolvo sair. Pego a minha máscara, coloco um calçado



fechado e me preparo para ir caminhar no parque da minha cidade - aciono o aplicativo de caronas para chegar até lá. No caminho, vejo o cinza do asfalto e do céu; as placas de trânsito e de comércio; máscaras, máscaras em todos os lugares; ilustres participações dos raios de sol, que se mantinham modestos nessa estação do ano. Ao chegar no parque, coloco meu fone de ouvido e escuto *Castelos e Ruínas*, um novo clássico da música nacional. As palavras do álbum me lembram inúmeros momentos, e inúmeras indagações surgem. Não haverá jeito, terei de enfrentar meus pensamentos.

Tudo é virtual. Tudo é sintético. Nada existe, de fato. Quando quero ver meus amigos e família, faço chamada de vídeo. Quando me sinto carente, entro naqueles aplicativos de paquera, em que as pessoas parecem manequins em uma vitrine cibernética. Quando estou desocupado, vejo vídeos sobre dançar, malhar ou tocar algum instrumento; isso é ruim. Independentemente do que eu faça, sinto saudades do contato físico de outrora. Abraçaria até um desconhecido somente para suprir essa maldita abstinência, mas sei que poderia haver consequências, melhor não. Hoje, vivemos em outro mundo, outra realidade, inferior em todos os sentidos.



Todos os sentidos? Impossível. Devo repensar, essa é a chave para escapar desse conflito. Quando quero ver meus amigos e familiares, posso vê-los na hora; não é a mesma coisa, mas já aquece o coração e alimenta a saudade. Posso fazer compras online, isso me poupa muito tempo. Posso trabalhar de pijama, em casa. Isso tudo é bom. Estou começando a rever minha crise, mas preciso comer, vou pra casa. No caminho, penso em outros pontos positivos dessa nova era: nos raros momentos em que saio, posso pedir uma corrida em um aplicativo de carona; posso ouvir a música que quero e quando quero; quando não quero cozinhar, posso pedir o que quero comer pela internet. Falando nisso, tenho que comer algo. Vou pedir um prato de comida tradicional, faz dias que estou vivendo somente de omelete e lasanha. Foi bom lembrar da lasanha, vou aproveitar o tempo de espera de entrega da minha refeição e tirar os champignons da comida que fiz no domingo. Tirei todos e encaro os cogumelos de que tanto gosto, sinto que foi um desperdício ter colocado tantos. A verdade é que, no fundo, fiz essa lasanha na esperança de alguém que amo não resistir e se convidar para vir aqui para comer junto de mim. Mandei a foto da refeição em todos os meus grupos e em algumas redes sociais também. Muitos elogiaram a formosura do prato, mas ninguém teve a coragem de pedir um pedaço. Não julgo, também não tive a coragem de chamar alguém para vir aqui e experimentar minha refeição, de fato. Não sei quem viria e quem não viria; melhor não arriscar a ser mal interpretado.

Foi bom não ter chamado ninguém, assim, não cozinhei mais nada desde então.

Meu lanche chegou. Comi tudo. Tenho todo um dia pela frente, espero que a maré de minha mente se acalme. Independentemente de gostar de tudo ou não, sou obrigado a sobreviver, como todos os que têm gana pela vida. Pensando bem, se eu estou sofrendo — e surtando, sazonalmente — o que impede as outras pessoas de também estarem passando pelo mesmo sentimento? E se a saudade for a personificação do mundo atual? E se for, o que nos garante que o mundo não voltará a ser o que era antes? Bem, isso não, não posso me enganar a este ponto; nada será como antes. Essa frase é assustadora, mas não necessariamente carrega um tom negativo. Nosso universo tem muitas coisas a melhorar ainda, talvez a chave do contato seja a linha tênue entre a nossa antiga cultura e os nossos novos hábitos. Pensando nisso, a noite chegou. Termino a lasanha. Uma boa noite pra mim.

## ATIVIDADES (Elaboradas por Karine Cezar Zappaz)

### I – LINGUAGEM

1. Nas frases a seguir, que foram retiradas do conto, substitua as palavras sublinhadas por termos equivalentes e reescreva-as sem que altere o sentido das frases no conto. Se for preciso, pesquise-as em um dicionário.

- a) Tenho somente uma hora até voltar à labuta; não tenho tempo de elaborar uma refeição como gostaria, mas, com a fome que costumo sentir no meio-dia, qualquer comida é banquete.
- b) Posso soar analógico, ou até ser, de fato, mas é intimidador pensar no final catártico que podemos rumar assim.
- c) Meu alívio foi quase instantâneo, porém efêmero.

### II – COMPREENSÃO

2. Qual a relação existente entre o título do conto, ou seja, *Lucidez (travessia)* e a história que é narrada durante essa escrita?



### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

3. Durante o conto, é citado um álbum de música chamado *Castelos & Ruínas*, pesquise sobre ele e escolha uma música desse álbum que você acredite ter mais relação com o conto. Depois disso, crie uma paródia da música escolhida, utilizando como temática central o seu entendimento sobre lucidez e travessia, além de relacionar esses conceitos a sua realidade. Depois de pronta, entregue a letra da paródia à professora e a apresente aos colegas.




## Clarity (The Crossing)

*Elvin Matheus Estran Pinheiro*


*Translated by Fernanda Rodrigues Laux, Franciele Figueiró da Silva  
and Nicole Fernandes Gross*

‘Let’s all have a nice day’ is what I usually wish my family and friends daily in message groups when I wake up. Today is Monday and, unlike most people I know, I usually wake up with much more energy on Mondays than on any other day. I brush my teeth, prepare breakfast and when I realize it’s time to go to work. I sit in front of the kitchen table and open my laptop. Work, focus, work. Spreadsheets, notes, phone calls. As time passes by, the rest of the drip coffee in the pot is already cold and doesn’t taste as appealing as it just was.





At some point, my stomach growling is heard, because it’s time for lunch. I just have one hour left to go back to work; I don’t have enough time to prepare a meal as I’d like. However, hungry as I usually am at noon, anything is as good as a banquet. Luckily, there is some leftover lasagna from lunch. I just need to heat it in the microwave. At last, lunch. The lasagna tasted much better than the day before. The mushrooms added extra texture to the chicken wrapped in lasagna sheets. I still have fifty minutes to rest, so I lie on the new sofa and watch the noon news. I confess that, in the past, I fancied watching the news more, but it’s important to keep up with the news. When I least expect it, the cell phone’s alarm goes off, warning me that I have to get back to work in five minutes. Before I go back to work, I check my message groups, but there are no important messages to answer.

I go back to work and stop only when my shift is over. I am home, as much as I was before, except now I am here for myself. I feel hungry again. It’s time to have a snack. I get four eggs and prepare an omelet. Today I filled it with cheese, but I change the filling every day, so I am not sick of always eating the same. I started to do physical exercises again two months ago, and I’ve read on the internet that I should eat eight eggs a day. Although I can’t always reach this goal, I am really trying to. If I keep practicing, I can imagine myself in the shape I want to be in two years. The gyms open and close according to the social distancing decrees that allow or prohibit their opening, so I opted for



calisthenics, which may be performed in any environment, as long as you have your body for yourself. As it goes, I try planks, push-ups, barbell exercises, and sit-ups until I am tired.


After the home training, while I am taking a shower, I remember my music app. I listen to the usual songs. My musical taste has been the same for some years. I believe this is common because we are all rusty from the physical world. All right, we all went through the same situation, but we'll soon get over it. After the shower, I get dressed, I go to bed and turn on the TV. The TV is a good companion, though I do not watch it very much, only random excerpts that hold my attention. At the same time, it prevents me from being soundproof, in complete silence. I moved out to live alone eight months ago, so I am still getting used to it, but I am optimistic about possible radical changes. I go on social media and see memes, videos of people dancing, vague curiosities and opinion texts about Brazil's current situation. I blink in my sleep. It's half past eleven pm. I am past dinnertime, but thank God, I have my blessed lasagna. I ate it and went to bed again. Today, I have been a lot idler than I would like, but that happens, sometimes. Good night to you and me.



'Let's all have a nice day.' I woke up ten minutes later than I should have, so I saved my speech in family and friends groups in which I participate. Tuesday is the most electrifying day at work. My boss takes advantage of the fact that it is the beginning of the week and we still have plenty of energy to spare and that my co-workers are no longer anesthetized by the impact of the previous weekend. Work, exhaustive work. Although necessary, it is a pity to be working at home. I wish my boss could see how much I work on Tuesdays. If he saw it, I would have been given a raise or promotion already. The coffee pot emptied early. I wanted more, but I can't lose my focus.

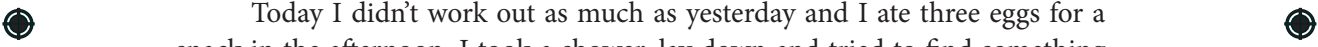
Break time. The coffee I had earlier caused me heartburn, so, on the one hand, it was good that I didn't have a second cup. The lasagna was still very good today, but I confess that the burning stomach pain prevented me from enjoying the meal as I'd like. When we talk about gastronomy, pleasure and pain don't mix, but, if we know how to separate them, we can enjoy at least one part. I ate slowly, taking an antacid dissolved in water, but, despite the setback, I still have thirty-five minutes to spend time at my pleasure.

I check my friends' message groups: they are talking about our old dates, parties, soccer games and countless situations we have spent together. We haven't done anything together for a long time, not because we didn't want it. I won't say




I never broke the quarantine order, but I can assure I didn't develop this habit. Breaking the quarantine is addictive, tempting. I started to live alone precisely for this reason, so there would be no risk of transmitting any illness to my family in case I started to disregard protocols. I went out on a weekend, and would be invited to go out the following ten weekends. Unfortunately, not everyone can stand the quarantine. They are exposed to the virus by chance, and they lose respect for those who remain steadfast. I don't fully judge them, but I insist that this is a mistake. My friends texted in the group about getting together when things got back to normal and that was a unanimous wish: live again as we did before.

The chat was good, but I had to get back to my tasks. Lucky me, I did most of the work at the beginning of my shift, because I got the thought away when I remembered the life we lived and the expectation of what our lives will be like in the future we long so much for. I work, ninety percent concentrated to finish what I had started in the morning. I had acid because of coffee; however, I became an enviable worker, having finished today's double work in the exact predicted time even though my mind was not merely focused on that moment. I'm at home, but I wanted to be looking for an excuse to go to a pub with those I cherish. Everyone suffers from this or from worse things. Never mind. We will soon win.



Today I didn't work out as much as yesterday and I ate three eggs for a snack in the afternoon. I took a shower, lay down and tried to find something to do. It was only six in the afternoon, there were, at least, four business hours left that day. I wanted to get busy, but I didn't know what to do. I didn't want to surf the Internet at all, so I looked for something to do at home in the pandemic, using cyberspace though. I found a website that provided sixteen suggestions of what to do at home. Should I use social media? It's exactly what I don't want. Physical exercises I have already done. Most movies, series and podcasts don't hold my attention and I don't have money to buy a musical instrument. All the tips seemed pathetic, and most of them involve the virtual world. Everything is virtual now, and, even though I don't want to be nostalgic, I feel that the measures have already gone too far. We study online. We work online. We buy and sell things online. We create and maintain online friendships. We flirt and date online. Not to mention virtual sex, which already sounds so common. Many people change their personality in social networks, and I suspect that they just weren't encouraged to be who they really want to be in the physical world. Most of these points are merits of the virtual environment and demerits of the real world; however, I'm afraid this convenience may prevent man from overcoming his worldly challenges. I may sound analog or I may even be analog. In fact, it is intimidating to think of the cathartic ending we are heading for.






Thinking about these things, I went past my daily due time past the time I usually go to bed. It is amazing how silence can bring us a long monologue of hours. It was already two a.m., and I hadn't done anything I had set out to do. It was no longer time for dinner and I was probably going to wake up destroyed the next day. Good night to you and me - I wished it in my mind to all those I usually wished a good night to, so I don't risk them knowing that I am up so late.

Have a nice day! I woke up late, being lost in my thoughts disturbed me. I hope I stop mind wandering for a while; but the day already started as a challenge, as I feel the sleepless night was a trigger. Work, tiredness, work. I stop taking notes to go to the toilet, I take a deep breath, I wash my face and look in the mirror, but I don't recognize myself. I believe it is because I am hungry; after all, I didn't have dinner last night. I grab the lasagna and put it in the microwave oven. I look at the food and it doesn't seem the same dish that had satisfied me two days ago. People say that heated mushrooms can make you sick. So, I look for all the mushrooms and remove them from the lasagna. The taste and texture of the lasagna dramatically changed without the ingredient. I didn't even know what could be worse: eating the meal without the fungus or eating the lasagna with the ingredient I like so much and risking getting sick. I finished the meal, without the same appreciation I had for it before, and I analyzed how much lasagna is left. Fortunately, there was only one piece left; the problem was what to do with it. Eating that last piece would be disrespectful to the memory of a meal that had satisfied me so much the last few days, but not eating it would be a greater disrespect: an injury to those who are hungry. So, I decided to save it for dinner, but at lunch, I spared myself. I go back to work and I hope the break doesn't affect my performance today. In fact, the technical break didn't, but my mind wandering did. I call my boss and tell him I am not feeling well. He understands, despite sounding dissatisfied with the situation. I'm given the day off and he wished me well at the end of the call.

I felt an almost instantaneous, but ephemeral relief. Without my job, what do I do for the rest of this cloudy morning?

I take a deep breath and decide to go out. I take my mask, put on some shoes and prepare to go for a walk in the city park and use a hitchhiker's app to get there. On the way to the park, I can see the grey streets and the grey sky, the traffic and store signs. Masks and masks everywhere. Some rare appearances of the sun's rays, which were modest at this time of the year. When I got to the park, I put on my earphones and listened to '*Castelos & Ruínas*', a new classic of Brazilian national music. The lyrics of the album remind me of many moments,



and many questions emerge. There's no way. I'll have to face my thoughts.

Everything is virtual. Everything is synthetic. Nothing really exists at all. When I want to see my friends and family, I make a video call. When I feel lonely, I log into dating apps, where people look

like mannequins in cyber displays. When I am free, I watch videos about dancing, working out, or playing some instrument. This is bad. No matter what I do, I miss the physical contact of before. I would even hug a stranger just to fulfill this damn abstinence, but I know there could be consequences. I'd better not. Today, we live in a different world, in another reality, worse in every way.

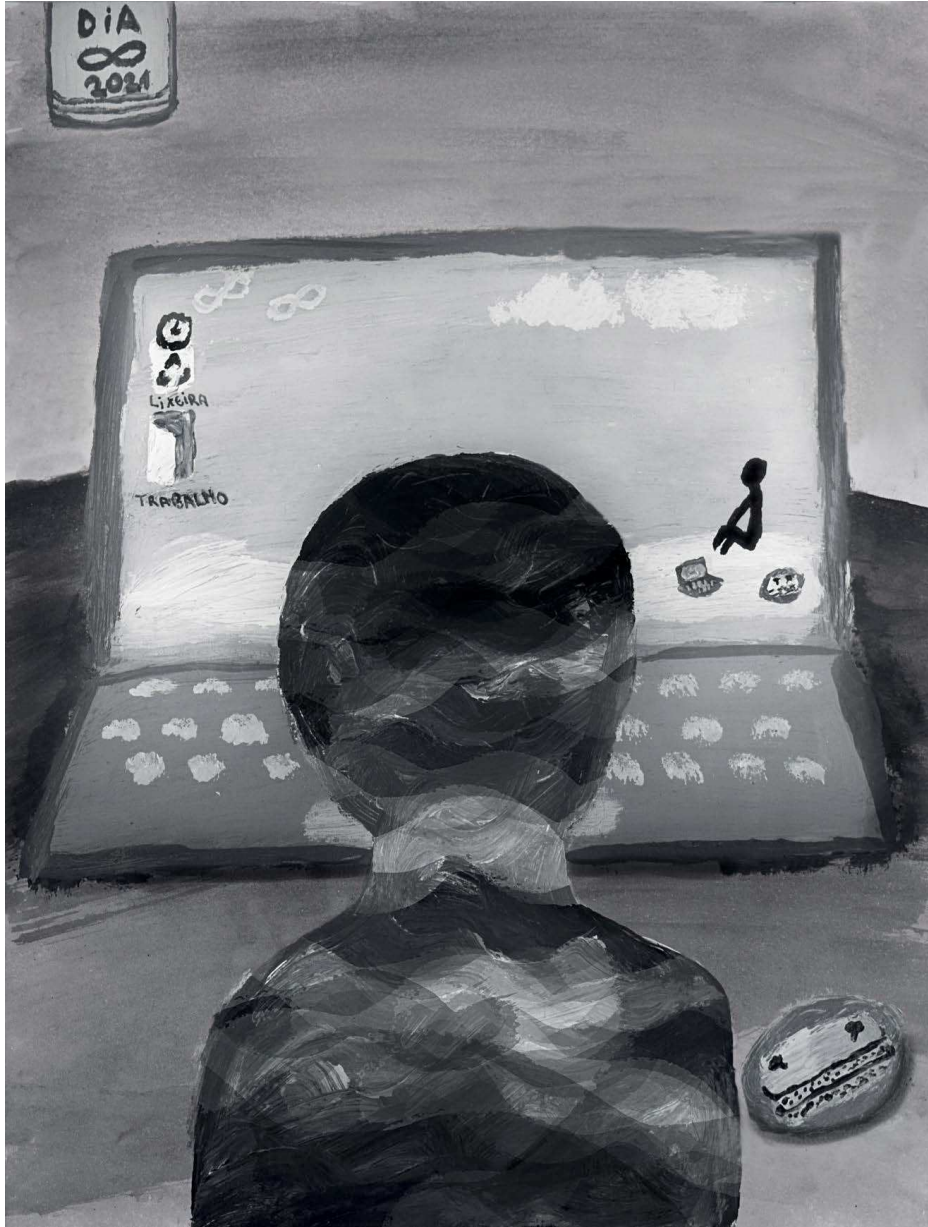
In every way? Impossible. I must rethink. That's the key to escape this conflict. Whenever I want to see my friends and family, I can see them right away. It is not the same thing, but it already warms my heart and appeases my longing. I can shop online; it saves me a lot of time. I can work on my pajamas at home. It's good for us all. I am starting to get over my crisis, but I need to eat, so I go home. On the way, I think of other positive aspects of this new era: at the rare moments I go out, I can ask for a ride on a ride app, I can listen to the music I like when I want. In addition, when I don't feel like cooking, I can order what I want to eat online. By the way, I have to eat something. I will order traditional food, for I've been eating omelet and lasagna for days. It was good to remember the lasagna. I will use the waiting time for my order and remove the mushrooms from the food I made on Sunday. I removed them all and stared at the mushrooms I like so much. I wasted too many mushrooms in the food. The truth is, deep down, I made this lasagna hoping that someone I love wouldn't resist and invite themselves to come here to eat with me. I sent the photo of the meal to all my groups and I shared it on social media as well. Many people praised the beauty of the dish, but no one had the courage to ask for a piece. I do not judge them. In fact, I did not have the courage to call someone to come here and try my meal either. I do not know who would come and who would not; it is better not to risk being misunderstood. It was a good thing I did not call anyone, so I have not cooked anything since then.

My order arrived. I ate it all. I have a whole day ahead of me, so I hope the tide of my mind calms down. Whether I like it all or not, I am obliged to survive, like everyone else who has a lust for life. On second thought, if I am suffering - and freaking out, seasonally - what prevents other people from feeling the same? What if longing is the personification of today's world? In addition, if it is, what can guarantee the world won't go like before? Well, I cannot be



deceived at this point. Nothing will ever be like before. This phrase is terrifying, but it does not necessarily carry a negative tone. Our universe still has so many things to improve that, perhaps, the key to contact is the fine line between our old culture and our new habits. With this in mind, the night has come. I finished the lasagna. Good night to me.





*Ilustração de Mônica Silveira Paz*

## Quanto custa um sonho?

*Aline Engerroff da Rosa*

Quanto tempo leva para realizar um sonho?

Enila, uma colegial aplicada, cheia de sonhos e idealizações, sonhava com uma vaga na universidade federal para graduar-se em um curso que lhe daria a possibilidade de agir a favor de todas as camadas sociais, principalmente, daquelas que vivem à margem.

Era verão, a data da formatura estava se aproximando, a euforia e as organizações estavam a mil para tudo sair da forma mais perfeita, afinal, não é todo dia que nos formamos no Ensino Médio.


Mas e quando vou realizar meu sonho? Questionou-se a garota.

Enila percebeu que o glamour da formatura não a tornaria aprovada no vestibular, muito menos seria a garantia de que ela conseguiria aprovação. Então, esse entusiasmo foi se perdendo à medida que o entendimento do processo para a aprovação foi se tornando mais claro. Com isso, ela correu, correu contra o tempo, deixou a pompa da formatura de lado e correu para não perder mais o tempo. Entrou no cursinho e focou, ela decidiu que queria uma vaga na Federal, mas em qual curso? Direito!

Estudou, estudou e estudou... em janeiro, o tão esperado processo de seleção, o nervosismo estava presente, porém não era ele que definiria o resultado da prova. Ou seria? 225 questões divididas em quatro longas manhãs separavam-na de um mundo à parte. E cheia de esperança, ela acreditou, sabia que ia dar, todavia, era um caminho concorrido, afinal, quem não quer uma vaga na universidade pública?

Um ano inteirinho de dedicação em um cursinho de renome, porém o êxito não foi alcançado. Todavia é inegável que a maior parte do conteúdo a garota havia aprendido, afinal a dedicação dela era quase que integral, então o que teria a impedido de passar?

Ela abdicou de seus lazeres em busca de um sonho. Contudo, lamentavelmente, não deu.



Mais um ano se iniciava e Enila estava lá, afinal, ano novo, vida nova, primeira cadeira da primeira fileira, na mesma sala lotada do cursinho. Este ano vai!

Mas...

Nem sempre as coisas acontecem no tempo que desejamos, precisamos de um pouco de paciência para entender que o processo é longo.

Esse sentimento se fez presente por três anos na vida da garota, porém ela sempre estava lá, cheia de esperança, acreditando que era dessa vez e para a sua surpresa, não deu.


Ver as postagens de “BIXO” nas redes sociais deixavam-na alegre por saber que seus amigos conseguiram, mas um tantinho de si se entristecia, pois sabia que era possível, porém estava faltando-lhe algo.

Após três anos na mesmice, na mesma vida de vestibulanda, ela questionou-se: quanto tempo levarei para realizar meu sonho?

Desistir não era a primeira opção, mas e se a ordem das coisas fosse mudada? Foi aí que decidiu entrar para a graduação, mas em qual curso? Direito? E a Federal? Onde andaria o seu sonho?

A decisão foi um tanto difícil, mas ela perseguia o seu sonho e, pensando nele, encontrou o curso ideal: Letras. No entanto, como essa escolha a levaria aonde queria chegar? É simples, a mudança foi essencial. Quanto mais tempo ela ficasse naquela vida, mais se desgastaria e mais se frustraria. Com isso, Enila teve um tempo para pensar no seu propósito de vida e avaliar o quanto seu curso de escolha corroboraria para que fosse possível a realização pessoal. Nesse sentido, a garota, sem esquecer de seu sonho e do seu intuito próprio, mudou a opção de curso e a sua escolha atual, totalmente voltada para o social, área na qual quer seguir profissionalmente e tem como objetivo de vida, é o curso de Administração Pública e Social.

Enquanto Enila estudava e se esforçava para realizar seu sonho, a magia das redes sociais ia disseminando a felicidade alheia, como se fosse só estalar os dedos e pronto: sonho realizado! Quem vê status, não vê trajetória, uma postagem de “BIXO” traz o peso de muito esforço e de muita dedicação, nas telinhas, onde o conto de fadas habita, muitas vezes, não cabem os caminhos percorridos para que aquela postagem esteja sendo exposta ali.



A coragem e a persistência são importantes para que o sucesso nessa jornada de transformar sonho em realidade seja alcançado, não importando o tempo necessário para isso.

Às vésperas do seu aniversário, recebeu a notícia de que todo o seu esforço teria sido recompensado. Agora a Federal não era mais um sonho, a realidade estava diante dos seus olhos e em segundos já estava nas telinhas de todos que quisessem ver.

## ATIVIDADES (Elaboradas por Lúcia Regina Lucas da Rosa)

### I – LINGUAGEM

1. Pesquise a origem e significado da palavra destacada a seguir: “Ver as postagens de “BIXO” nas redes sociais deixavam-na alegre por saber que seus amigos conseguiram, mas um tantinho de si se entristecia, pois sabia que era possível, porém estava faltando-lhe algo.”



### II – COMPREENSÃO



2. Escreva sua opinião sobre a seguinte afirmação: “Quem vê status, não vê trajetória”. Você concorda? Justifique.

### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

3. Agora é a sua vez de criar um conto. Inspire-se no trecho “A coragem e a persistência são importantes para que o sucesso nessa jornada de transformar sonho em realidade seja alcançado, não importando o tempo necessário para isso” e escreva um conto envolvendo a realização de um sonho.



## How much is a dream worth?

*Conto de: Aline Engerhoff da Rosa*

*Translated by: Francielly Marafon*

How long does it take to make a dream come true?

Enila, a hardworking student, full of dreams and ideals, dreamed of a vacancy at the federal university to graduate in a course that would give her the possibility of acting in favor of social classes, especially those who live on the margins of society.

It was summertime. The graduation ceremony day was getting closer. The euphoria and the organization were racing so that everything would go perfectly. After all, it is not every day that we graduate from high school.


“But when will I make my dream come true?” the girl asked herself.

Enila realized that the glamour of the high school graduation would not make her pass the university entrance examination, let alone guarantee her approval. Therefore, this enthusiasm was weakening as the understanding of the approval became clearer. Consequently, she raced against time, putting aside the pomp of the graduation ceremony. Enila had no time to waste. She enrolled in a course to prepare for the examination and focused. She decided she wanted a vacancy at a Federal University. The course? Law, of course!

The girl studied hard... In January, the long-awaited selection process came, together with the nervousness. However, nervousness would not define the result of the test. Or would it? Two hundred twenty five questions divided into four long mornings separated her from a world apart. Full of hope, she believed in herself. She knew she was going to make it, though there was a lot of competition among students. After all, who doesn't want a place at a public university?

A whole year of dedication at a renowned course, but she didn't achieve success. However, it was undeniable that she had learned most of the content. After all, she had almost full-dedication. So what prevented her from passing?





She gave up her leisure time in the pursuit of a dream. Unfortunately, she could not make it, though.

Another year began and Enila was there. After all, New Year, new life. Sitting on the first chair, in the front row, in the same crowded room of the preparatory course. This year I will succeed!

However...

Things do not always happen at the time we want. We need a little patience to understand that the process is long.

That feeling remained for three years in the girl's life. However, she was always there, full of hope, believing she would pass, but to her surprise, she didn't make it.


Seeing the "FRESHMAN" posts on social media made her happy for her friends had made it, but a bit sad, because although she knew it was possible to pass, something was missing.

After three years of monotony, still studying in the preparatory course for the university entrance exam, she asked herself "how long will it take for me to make my dream come true?"

Giving up was not her first option, but what if the order of things changed? With this in mind, she decided to start the undergraduate course. But what major? What about the Federal University? Where would her dream be?

The decision was somewhat difficult, but she pursued her dream and, thinking about it, she found the ideal course: Language and Literature. However, how would this choice take her where she wanted to go? It was simple, the change was essential. The longer she stayed in that life, the more she would be frustrated. With that in mind, Enila had time to think about her life purpose and to analyze how much the course she had chosen would support her personal fulfillment. In this sense, without forgetting her dream and her own purpose, the girl changed the course option and her current choice, totally focused on the social area, in which she wants to be a professional and is her life objective: Public and Social Administration.

While Enila studied and struggled to make her dream come true, the magic of social media spread other people's happiness, as if it was just a matter of finger snapping and done! Dreams come true! Those who see social media status



do not see the history. A post 'FRESHMAN' carries the weight of a lot of effort and dedication. On the screen, where the fairy tale inhabits, most of the time the paths taken for that post to be shared do not fit in there.

Courage and persistence are important so that you achieve the success in this journey of transforming a dream into reality, no matter how long it takes.

On Enila's birthday eve, she received the news that all her efforts had been rewarded. Now, the Federal University was no longer a dream, the reality was in front of her eyes and, within seconds, it was available on the screen for everybody who wanted to see it.



*Ilustrado por Cássia Letícia da Luz Domingos*







## Por hoje é só

*Karine Cezar Zappaz*

*Sariane Boff Dias*

Acho que estou acordado há horas e só consegui levantar agora. Tudo está muito embaçado. Na verdade, não sei direito que horas são, mas não é muito cedo nem muito tarde; tampouco sei em que lugar estou.

No reflexo da janela ao lado, vejo um enorme e terrível ferimento na parte lateral da minha cabeça, só que se não olhasse, ficaria pensando não ser algo grave, já que não sinto nada. O sangue em minha roupa nitidamente não é só meu. Há muitos feridos ao meu redor e todos estão desacordados.


Nesse instante, pressuponho ser o único com vida. O que me vem à cabeça é levantar e tentar sentir alguma pulsação, já que não ouço nem minha própria respiração. Será que me tornei um morto-vivo ou apenas um sortudo no meio de vários azarados? Acredito em mortos-vivos, já em sorte e azar não convêm acreditar.

Uma vez li que muitas pesquisas apontam, em dados estatísticos, que a chance de sobrevivência em um acidente aéreo é de, pelo menos, 90% – achei bastante, mas acreditei, pois se tratava de uma pesquisa. Acho que quem viaja bastante de avião, em algum momento, já pensou que isso poderia acontecer. Eu, honestamente, já pensei, embora não viaje muito. Além do mais, acho que estou muito tranquilo – talvez por saber que nenhum desses corpos sejam meus conhecidos.

Nessa altura do campeonato, não vejo necessidade de pensar o porquê da queda do avião: imprudência ou não, todos estão mortos e eu estou vivo, e não posso fazer nada para mudar isso.

Aparentemente caímos em uma grande floresta, exatamente como a dos filmes de terror. Gosto de fantasiar que não estou sozinho, porém, imaginar uma presença parece ser muito mais sombrio.

Para quem não é fã de filmes de terror e sobrevivência, talvez não durasse um dia nessa circunstância. E é nesse momento que me lembro de minha mãe



brigando comigo por passar horas na frente da televisão, vendo coisas sinistras, sobretudo, na madrugada. Já meu pai acha fantásticos os meus gostos – inclusive, herdei dele.

Depois de pegar todos os mantimentos que estavam na minha frente, no meio de tantos destroços, sigo pela mata. Vejo muitas árvores, flores, frutas, borboletas e até aqueles coelhos selvagens – acho que são lebres. Pego pedaços de paus, pedras, folhas. Creio conseguir fazer tudo com grande facilidade; sempre fui rápido para aprender as coisas e dificilmente deslizo.

Com a mochila bem cheia, tenho discernimento de que já está tarde. Com toda a escuridão, vale a pena voltar para o avião ou criar algo para me abrigar? Decido voltar para o avião – decisão que grande parte dos iniciantes nessa situação fariam. Ainda, já que é provável passar muito tempo aqui – ou talvez ficar para sempre – resolvo criar uma fogueira que, por sinal, deu muito certo.


Só para constar, não aprendi a gerar fogo como nos filmes daqueles caras que fazem aventuras selvagens, infelizmente. A moça do assento posterior ao meu tinha cheiro de cigarro, e isso me fez pensar que pudesse ter um isqueiro em alguma de suas bagagens. Por um momento pensei que não pudéssemos transportar isqueiros na viagem, mas quando é levado na bagagem de mão, eles aceitam.

Por hoje é só.

Enfim, chega o dia. Dormi muito rápido e até parece que em menos de segundos o sol apareceu. Agora o meu objetivo é explorar essa grande mata e talvez encontrar alguém, o que não parecia ser impossível, porque, apesar de ter dormido rápido, consegui escutar barulhos similares à fala de pessoas, provavelmente em outro idioma.

Em uma mão levo um grande machado que encontrei no avião. Na outra, peguei a mania de ficar com o isqueiro. Não sei, mas tive a impressão de que, se o guardasse, seria mais difícil de puxar rapidamente – mas também parecia burrice. As minhas primeiras preocupações e medos eram de não conseguir me defender e morrer sem ter feito o mínimo para sobreviver.

Ao arquitetar, parece ser fácil matar esses pequenos coelhos e assá-los numa fogueira, mas me engano. Nunca pensei que seria do tipo de não conseguir fazer isso. Nem pensar em matar aqueles pequenos e lindos bichinhos! Então, minha decisão foi: virar vegetariano nesse período. Frutas que nunca vi na vida e



alguns itens do avião – como barras de cereais e biscoitos – estão sendo a minha salvação até agora.

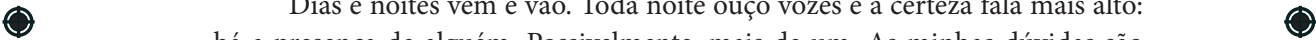
É noite de novo. Não retornei para o avião, pois seria como regredir naquele lugar todos os dias, e esse não é o meu objetivo. No meu ponto de vista, a qualquer momento, posso encontrar alguém ou alguém pode me encontrar.

Com a ajuda de muitos galhos e pedras, crio um cerco nada seguro, complementado com uma pequena fogueira muito melhor que a primeira, mas fico bem afastado de minha criação. Deus me livre ser sobrevivente de um acidente aéreo e morrer queimado!

Dessa vez, um segundo pareceu minutos, e os minutos... nem se fala.

Não foi só a parada do tempo que destacou a presente noite: começo a ouvir vozes; vozes de estrangeiros. Talvez ficar louco seja algo normal nesse lugar, mas minha certeza e sanidade mental ainda estão fortes.

Por hoje é só. Acabo dormindo depois de algumas horas, que mais pareciam dias.



Dias e noites vêm e vão. Toda noite ouço vozes e a certeza fala mais alto: há a presença de alguém. Possivelmente, mais de um. As minhas dúvidas são apenas: São pessoas? Do bem ou do mal? Logo descobrirei.

Por um instante acho que tudo o que está sendo vivido é uma experiência diferente, nem boa nem ruim, mas que levo como algo mais construtivo do que traumatizante. Dessa vez me engano: o pior chegou; a calamidade falou mais alto.

O que por um momento pensei que fossem pessoas estrangeiras e perdidas aparecem como seres estranhos. Seres com fisionomias de pessoas, porém, diferentes. Seriam canibais, alienados? Chego perto para ver, pois posso estar errado – novamente – e apenas serem pessoas que, por muito tempo, sofreram um acidente aéreo e por isso andavam de forma assustadora.

Além de posturas assustadoras, estão nus e muito sujos. Uma visão surreal: seus cabelos não possuem mais forma de tão imundos; faltam dedos nas mãos; possuem cortes nas costas elaborados com algo muito afiado; alguns andam com os braços para cima, como se fosse um método de comunicação, de aviso.

Chego perto e eles começam a gritar, parecendo brincadeira. Eu grito junto, mas de pavor. Sinto algo que nunca havia sentido antes.

Após essa visualização, chego mais perto e acabo sendo morto por um deles, algo que deveria ter imaginado quando os observava.

A questão que fica é: clico em novo jogo ou continuo no mesmo percurso salvo? No fim, desisto. Desligo o videogame e bem na hora minha mãe diz para dormir e parar de gritar. Respeito o seu pedido.

Ainda noite, faço planos para matar aqueles seres amanhã e descobrir algum *easter egg*.<sup>1</sup> Não parece, mas em mais de doze horas de jogatina consegui explorar muita coisa.

Por hoje é só.

Sempre gostei muito de jogar, da realidade virtual, e agora, infelizmente, só há essa opção. É o que me resta nessa atual realidade. Quem sabe amanhã as pessoas possam sair para as ruas sem medo; sem o medo de serem mortas ou matar alguém por algo que não vemos, mas sentimos. Enquanto isso, ficarei explorando essa enorme mata virtual até que o meu mundo real seja consertado no seu tempo.

Por hoje é só, mas espero que o amanhã tenha mais descobertas nos meus dois mundos.

## ATIVIDADES (Elaboradas por Lúcia Regina Lucas da Rosa)

### I – LINGUAGEM

1. Há, na Língua Portuguesa, quatro formas de escrever a palavra “porque”. Explique o significado dela nos parágrafos a seguir:

- a) “Nessa altura do campeonato, não vejo necessidade de pensar o **porquê** da queda do avião: imprudência ou não, todos estão mortos e eu estou vivo, e não posso fazer nada para mudar isso.”
- b) “Agora o meu objetivo é explorar essa grande mata e talvez encontrar alguém, o que não parecia ser impossível, **porque**, apesar de ter dormido rápido, consegui escutar barulhos similares à fala de pessoas, provavelmente em outro idioma.”

<sup>1</sup> O termo *easter egg*, nesse caso, é o nome dado a certos segredos encobertos em programas, sites, jogos eletrônicos e séries.



2. Explique o significado do termo “há” em:

- a) “Acho que estou acordado há horas e só consegui levantar agora.”
- b) “Há muitos feridos ao meu redor e todos estão desacordados.”
- c) “só há essa opção.”

## II – COMPREENSÃO

3. Se você estivesse na mesma situação da personagem do jogo, o que faria para sobreviver ao acidente de avião? Quais sentimentos lhe viriam à tona?

4. Quais são os dois mundos a que se refere o narrador no final do conto? Comente essa dupla existência.

## III – PRODUÇÃO TEXTUAL

5. Agora é a sua vez de criar uma história. Imagine o dia seguinte e a continuação do jogo se o personagem voltasse à vida e buscasse uma forma de sobreviver na floresta. Como seria? Continue utilizando a expressão “por hoje é só”.



## That's it for Today

*Conto de: Karine Cezar Zappaz e Sariane Boff Dias*

*Translated by: Laura Alves, Gabriel Vargas, Tailine Mer*

I think I've been awake for hours and just managed to get up now. Everything is very blurry. In fact, I'm not sure what time it is, but it's neither too early nor too late. I don't even know where I am.

Reflected on the window, I see a huge, terrible wound on the side of my head, but if I didn't look at it, I'd think it wasn't serious, as I don't feel anything. The blood on my clothes is clearly not just mine. There are many wounded people around me and they are all unconscious.


At this moment, I assume I'm the only one alive. What comes to mind is getting up and trying to feel some pulse, since I can't even hear my own breathing. Have I become the undead or just the lucky one among many unlucky ones? I believe in the undead, but I'd better not believe in luck and bad luck.

Once, I read that many surveys show the statistics about the chance of surviving a plane crash is at least 90% – I thought it was a lot, but I believed it, because it was a survey. I think those who travel a lot by plane, at some point, already thought that a plane crash could happen. I honestly already thought, although I don't travel much. Besides, I think I'm very calm – perhaps because I know that none of these bodies is people that I know.

At this point, I don't see the need to think about why the plane crashed: recklessness or not, everyone is dead but I'm alive, and I can't do anything to change that.

Apparently, we fell into a big forest, just like in horror movies. I like to fantasize that I'm not alone, but imagining someone's presence seems much darker.

Those who aren't fans of horror and survival movies maybe wouldn't last a day under these circumstances. And that's when I remember my mother arguing with me for spending hours in front of the television, watching sinister TV shows, especially in the middle of the night. My father, on the other hand,



thinks my taste is fantastic – by the way, I inherited it from him.

After getting all the groceries that were in front of me, in the middle of so much wreckage, I kept walking through the woods. I saw lots of trees, flowers, fruits, butterflies and even those wild rabbits – I think they're hares. I pick up sticks, stones, and leaves. I believe I can do everything with great ease; I was always quick to learn things and I hardly ever make mistakes.

With a full backpack, I'm aware it's late. With all the darkness, is it worth getting back to the plane or making something to shelter me? I decided to get back to the plane – a decision that most beginners in this situation would make. In addition, since I am likely to spend a lot of time here – or maybe stay forever – I decided to make a bonfire, which worked very well, by the way.

Just for the record, unfortunately, I didn't learn to create fire like in the movies of those people who do wild adventures. The girl sitting behind mine smelled like cigarettes, and that made me think she could have a lighter somewhere in her luggage. For a moment, I thought we couldn't carry lighters on the flight, but when it's carried in hand luggage, they permit it.


That's it for today.

Finally, the day comes. I fell asleep fast and it even seemed that in less than seconds the sun came out. Now, my goal was to explore this big forest and maybe find someone, which didn't seem impossible, because despite falling asleep fast, I was able to hear noises similar to people's speech, probably in another language.

On one hand, I carry a large axe that I found on the plane. On the other hand, I got in the habit of keeping the lighter. I don't know why, but I got the impression that if I kept the lighter, it would be harder to pull it out quickly – but that also seemed stupid. My first concerns and fears were not being able to defend myself and dying without having done the least to survive.

When I imagined it, it seemed easy to kill these little rabbits and roast them on a fire, but I'm wrong. I never thought I would not be able to do that. I wouldn't have the courage to kill those cute little animals! Therefore, my decision was to become a vegetarian in that period. Fruits I'd never seen in my life and some items from the plane – like granola bars and cookies – have been my salvation so far.

It's night again. I didn't go back to the plane, because that would be like a step back to that place every day, and that was not my goal. From my point of



view, at any time I would be able to find someone or someone would be able to find me.

With the help of many branches and rocks, I created an unsafe shelter, complemented it with a small bonfire, much better than the first one, but I stayed really away from my creation. God forbid I should survive a plane crash, but burn to death in my own fire!

This time, a second seemed like minutes, not to mention the minutes.

Not only had the time highlighted the present night. I began to hear voices, foreign voices. Maybe going crazy was normal in this place, but my certainty and sanity were still strong.

That's it for today. I fell asleep after a few hours, which seemed like days.

Days and nights came and went. I hear voices every night and the certainty speaks louder: there is someone's presence. Possibly, more than one person. I ask myself, "Are they people? Are they good or evil?" I'll find out soon.

For a moment, I think everything that is being lived is a different experience, neither good nor bad, but something I see more constructive than traumatic. This time I'm mistaken: the worst has come. Calamity spoke louder than words.


For a moment, what I thought were lost foreign people showed up as weird beings. Beings with faces of people, yet different. Were they cannibals, or alienated? I come closer to see them, for I may be wrong - once again. They may be just people that, a long time ago, were in a plane crash and that's why they walked in a scary way.

Besides the scary postures, they were naked and very dirty. A surreal vision: their hair no longer has a style once it is filthy. They lack some fingers and they have cuts on their back that were made with a very sharp object. Some of them walk with their arms up, as if it was a means of communication, a warning.

I got close and they started screaming, as if they were just kidding. I screamed along, but in terror. I felt something I had never felt before.

After seeing that scene, I got even closer and ended up being killed by one of them, something I should've imagined while I was observing them.

The question is "should I click on "new game" or should I continue on



the same course saved?” In the end, I gave up. I turned the videogame off and right on time, my mother tells me to go to sleep and stop screaming. I respect her request.

At night, I plan to kill those beings tomorrow and find an Easter egg.<sup>2</sup> It does not look like it, but after more than twelve hours playing, I could explore a lot of stuff.

That’s it for today.

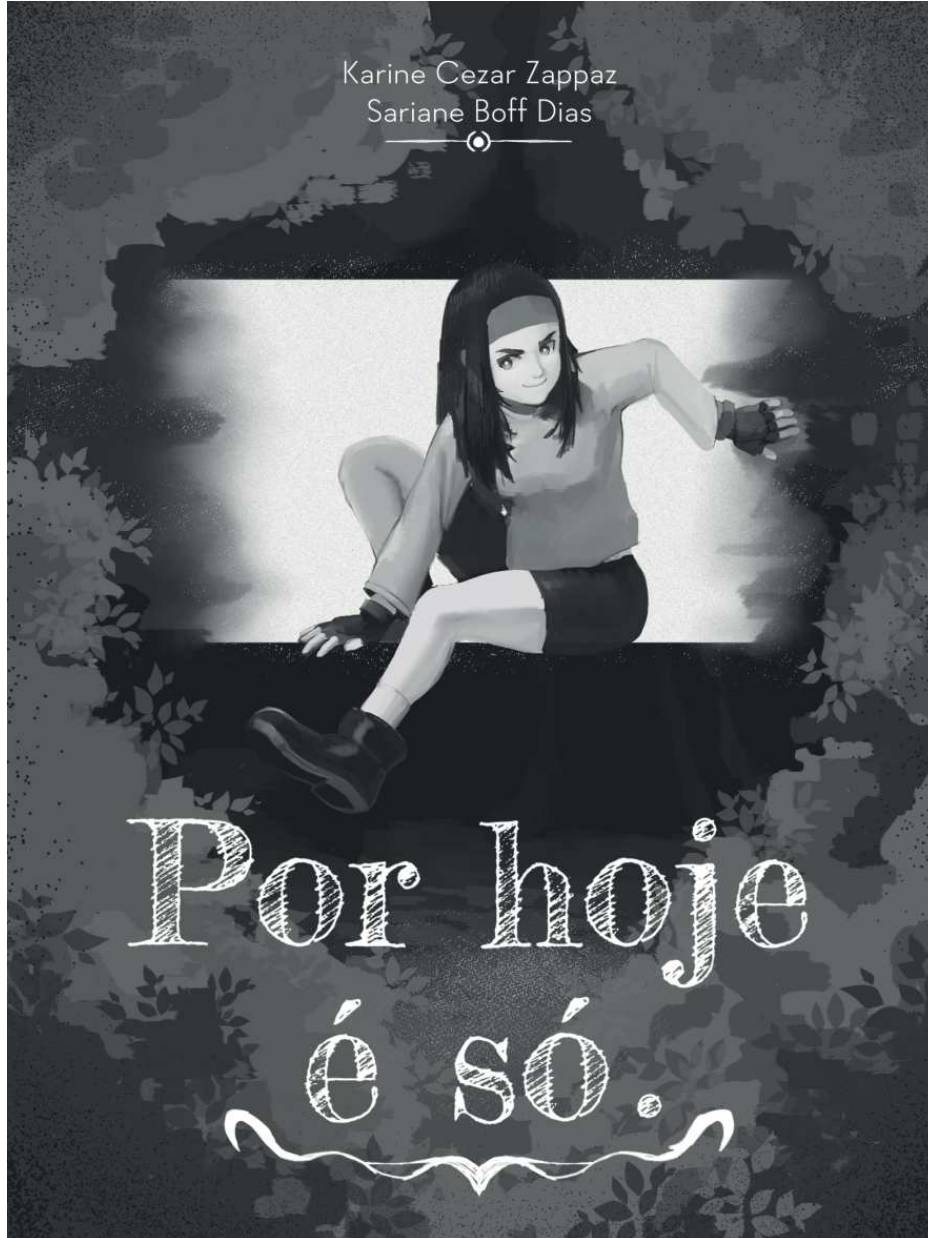
I’ve always enjoyed playing video games and virtual reality. Unfortunately, now that’s the only option. This is what is left in the current reality. Who knows if tomorrow people will be able to go out without fear; without fear of being killed or of killing someone because of something we don’t see, but feel? Meanwhile, I’ll keep exploring this huge virtual forest until my real world is fixed in its time.

That’s it for today, but I hope there are more things to discover tomorrow in my two worlds.



---

<sup>2</sup> Easter egg is the term for certain secrets covered in softwares, websites, electronic games and series.



*Ilustrado por Lucas da Silva Matos*



## Troca de curtidas

*Lisiane Teresinha Dias Olsen*

[Mensagem enviada] Tudo começou com uma curtida. Um simples clique em uma foto foi capaz de despertar a minha curiosidade. Dessa foto surgiu um comentário. Nunca fui boa em interpretar comentários. De repente uma mensagem. E ali estava o meu fim. Estava condenada. Me apaixonei por uma notificação.

[Mensagem lida - Digitando]

Algum tempo antes...

2019 foi um ano difícil, tensões de todos os lados. A sociedade ansiava por um novo ano, com novas oportunidades e conquistas. Com Lyz não era diferente. Estava chegando ao fim de sua primeira graduação e um universo de possibilidades avançava contra ela. Era um misto de alegria e preocupação. Afinal, um diploma não garante nada.

Chegou 2020, algumas notícias preocupavam o mundo, mas no Brasil tudo continuava normalmente. Lyz curtia suas músicas nos fones de ouvido enquanto traçava aquele percurso tão conhecido até a faculdade. Em sua mochila, levava mais do que livros. Carregava esperanças e desejos também. Estava tão distraída que nem percebeu alguém a gritar, seguiu seu caminho cantarolando sobre sua bicicleta vermelha.

Não demorou muito para que as notícias trouxessem aos brasileiros uma triste realidade: havia uma pandemia mundial. Escolas, comércio, empresas e vida social fechando. Era preciso distanciamento para cuidar de quem se amava. Doenças, mortes, ansiedade e descaso. O clima de esperança indo por água abaixo.

Na vida de Lyz, muitas mudanças, dores e desafios. E o 2020 que parecia ser a luz no fim do túnel, se tornava um túnel sem saída. As redes sociais se tornaram a segunda casa das pessoas. A vida social foi resumida a encontros virtuais e à troca de curtidas.

[Você tem uma nova notificação - Markus curtiu a sua foto]

[Você tem uma nova notificação - Markus comentou a sua foto]

[Você tem uma nova mensagem - Markus diz...]

Logo, na cabeça de Lyz, mil possibilidades surgiram: Seria possível? Uma mensagem? O que ele realmente quis dizer com aquele comentário? O que eu respondo? Meus Deus, ele está flertando comigo?

Dizem que relacionamentos virtuais não são fáceis, mas acredito que quem dificulta são somente os envolvidos. Lyz só precisava responder a uma mensagem. E não a um pedido de casamento.

[Lyz diz...] - [Mensagem enviada] - [Mensagem Lida]

E assim, Markus e Lyz começaram uma troca de mensagens. Com horários diferentes, Lyz respondia de noite e aguardava até a noite seguinte para ler as respostas. Sentiam-se como confidentes à moda antiga, correspondendo-se por cartas. Seus diálogos eram baseados em perguntas e respostas. Encontravam-se em seus gostos culturais, discutiam sobre filmes, livros e animes. Contavam como havia sido o dia. E ouviam os lamentos um do outro.

Lyz queria mais, usou planos infalíveis para conseguir outras redes sociais de Markus. E assim, a cada dia estavam mais conectados um na vida do outro. Das curtidas esporádicas, surge a ansiedade da visualização dos status. De uma possível ajuda acadêmica, trocam os números de celular. Surge, então, o envio de imagens, músicas e vídeos. Agora as mensagens eram quase instantâneas.

Para Lyz era a realização de seus contos de fadas, quando a princesa é salva pelo príncipe. Para Markus era o encontro de alguém capaz de ouvi-lo, entendê-lo e demonstrar interesse pelo seu universo.

Às vezes se perdiam nas conversas. Já não tinham vergonha de dizerem que não sabiam ou não entendiam alguma coisa. O que importava era ter assuntos para conversar. Chegaram os períodos de silêncio. Os dois não sabiam como seguir. Mas quando um tomava a iniciativa, o outro seguia a conversa. Mas eram apenas conversas. Nenhuma declaração, indicação, incitação. Seriam apenas bons amigos?

Algum tempo depois...

Parecia mentira. A liberdade de respirar sem pensar que a poucos metros dali haveria muitas vidas sendo perdidas. A cura tinha sido encontrada. E a esperança voltava a ser cultivada nos corações. Lyz sentia-se vitoriosa. Mesmo



com tantas dores havia sobrevivido e crescido nesses tempos de pandemia.

Sentada na praça próxima a sua casa, contemplava o verde à sua volta. O sol começava a esquentar seu rosto, mas nada iria tirar a sua felicidade. Sem nem mesmo notar, de minuto em minuto, conferia na tela de seu celular aquela notificação. Era de Markus. Sempre era dele. Ainda não conseguia entender como uma simples notificação poderia gerar tamanha alegria. Ria feito uma boba só de lembrar das mensagens trocadas. Das videochamadas sem assunto, somente para incomodá-la. Das ligações para chamar a atenção às mensagens. Fazia parte da rotina, esperar pela sua notificação.

“Lyz?!”

Tentando tapar o sol de seu rosto, Lyz percebeu pés bem próximos de sua bicicleta que estava jogada ao seu lado. Aquela voz ela reconheceria até mesmo no meio da multidão.

“Markus? - Ela consegue ver o rosto tão sonhado entre as sombras. - Se tivéssemos combinado, não teria dado certo”

“[risos] Boa, com certeza, não teria dado certo. - Markus se aproxima e senta ao lado de Lyz, deixando sua mochila à frente. - Quantas vezes tentamos marcar algo?”

“Nas minhas contas? - Ela faz de conta estar calculando mentalmente. - Umás 20 vezes no mínimo. Mas quer saber? A gente deve ter se cruzado por aí e nem percebemos.”

“Impossível - Markus a observa com os cantos dos olhos - Eu lembraria.”

Lyz acreditava estar sonhando. Tudo o que ela mais queria era poder conversar com Markus assim, cara a cara. Sem telas, fios, baterias e internet para atrapalhar. E agora ele estava ali. Precisava manter a calma. Markus mexe em sua mochila, virando-a de frente para Lyz. Nessa hora ela enxerga. Estava ali. O tempo todo com ele. Ambos começam a rir.

“Você sabia esse tempo todo?”

“Eu falei que era impossível não te reconhecer.”

“E por que não me falou? - ela encarava aquele fato, redondo, pequeno, grudado na mochila a sua frente.”

“Estava esperando a hora certa. Não é nada demais, Lyz. É só um...”

“Nada demais? - Lyz riu. - Uma parte de mim estava com você, criatura. - Lyz se aproxima da mochila e retira o objeto que atraía a sua atenção, mas Markus a impede, pegando primeiro. - É um dos meus favoritos. E nem sei quando perdi.”

“Foi numa manhã, antes de começar a pandemia. Você estava de bicicleta, estava radiante, Lyz. Eu fiquei impressionado com a força e luz que saía de você.”

“Eu e a minha mania de andar com os fones de ouvido por aí. - Lyz abaixa o rosto envergonhada. - Você sabia que era eu?”

“Na hora não, mas quando cheguei em casa vi uma publicação sua e lembrei do seu rosto. Depois foi só ligar os fatos.”

“Markus! - Lyz começa a se dividir entre risos e tapas em Markus.”

“Pronto! - Markus se desvia dos tapas - Está entregue à dona.”

Lyz pega o seu bóton favorito das mãos de Markus. Seus olhos se encontram. Sorrisos surgem. Os raios de sol fazem a cena parecer parte de um filme romântico.

“Eu estou me sentindo uma Cinderela com o sapatinho de cristal.”

“A diferença é que esse príncipe sempre soube quem era a Cinderela - Dedos se entrelaçam.”

“E pensar que tudo começou com uma troca de curtidas... [risos]”

“E um bóton perdido!”

Fim? Ou começo?

## ATIVIDADES (Elaboradas por Lúcia Regina Lucas da Rosa)

### I - LINGUAGEM

1. No conto aparecem expressões relacionadas ao mundo virtual e ao mundo físico. Faça dois quadros com expressões de cada um desses mundos. Qual deles você prefere? Comente.




## II – COMPREENSÃO

2. No início do conto está escrito: “Em sua mochila, levava mais do que livros. Carregava esperanças e desejos também.” E você, o que carrega em sua mochila, além dos objetos?

3. Dê a sua opinião sobre a seguinte afirmação: “Dizem que relacionamentos virtuais não são fáceis, mas acredito que quem dificulta são somente os envolvidos.”

## III – PRODUÇÃO TEXTUAL

4. Dê continuidade ao conto a partir das perguntas da última linha: “Fim? Ou começo?” Use sua criatividade!





## Exchange of Likes

*Lisiane Teresinha Dias Olsen*

*Translated by Ana Paula Soares Maccarini*

[Message sent] It all started with a like. A photo with a simple click was able to awaken my curiosity. From this photo, a comment emerged. I have never been good at interpreting comments. Suddenly, a message popped up. And there was my ending. I was doomed. I fell in love with a notification.

[Message read - typing]

Sometime before...

Two thousand nineteen was a difficult year. There was tension everywhere. Society was anxious for a new year, with new opportunities and accomplishments. It was not different with Liz. She was about to conclude her first undergraduate course and a universe of possibilities was ahead of her. It was a mix of happiness and worrying. After all, a certificate doesn't guarantee anything.

Two thousand twenty came. Some news concerned the world, but everything was normal in Brazil. Lyz enjoyed her songs on her earphones while she took the usual route to college. In her backpack, more than books. She carried hopes and wishes, too. She was so distracted she didn't even realize someone was screaming. She kept going, humming her songs on her red bike.

It didn't take long for sad news to come to Brazil. There was a global pandemic. Schools, commerce, companies and social life were all closing. We had to keep social distance to take care of those we loved. Diseases, death, anxiety and neglect. The atmosphere of hope was going down the drain.

In Lyz's life, there were many changes, pains and challenges. And 2020, which looked like the light at the end of the tunnel, ended up being a dead-end tunnel. Social media became people's second home. Social life was reduced to virtual dating and exchange of likes.

[You have a new notification - Markus liked your photo]

[You have a new notification - Marked commented on your photo]



[You have a new message - Markus says...]

Then, in Lyz's head, thousands of possibilities arose: "Would it be possible? A message? What did he really mean with that comment? What should I answer? Oh my God, is he flirting with me?"

People say that virtual dating is not easy, but I believe that what makes it difficult are the people involved. Lyz just needed to answer a message. And not a wedding proposal.

[Lyz says...] - [Message sent] - [Message read]

Therefore, Markus and Lyz started exchanging messages. With different schedules, Lyz replied at night and waited until the following night to read the answers. They felt like old-fashioned confidants, communicating through letters. Their dialogues based on questions and answers. They matched their cultural tastes, talked about movies, books, and anime. They told each other what their days had been like. And listened to each other's complaints.


Lyz wanted more. She used foolproof plans to find out Markus's other social media. Thus, each day they were more connected to each other. From sporadic likes to the anxiety to view the status. From a possible academic help, phone numbers are exchanged. They start sending pictures, songs and videos. Now, messages were almost instantaneous.

To Lyz, it was like a fairytale coming true, when the prince saves the princess. To Markus, it was finding someone that would listen to him, understand and demonstrate interest in his universe.

Sometimes, they got lost in their conversations. They were not embarrassed to say they didn't know or didn't understand something. What mattered was having topics to talk. The periods of silence have arrived. Both didn't know how to follow the conversations. But when one took the initiative, the other continued the conversation. However, it was just conversations. No declarations, indication, incitement. Were they only good friends?

Sometime later...

It's unbelievable! The freedom to breathe without thinking that a few meters ahead there would be many lives being lost. The cure had been found. And we began to cultivate hope in our hearts again. Lyz felt triumphant. Despite so much pain, she survived and matured during the pandemic.



Sitting in the square near her house, she contemplated nature around her. The sun started to warm her face, but nothing would take her happiness away. Without even noticing, every minute she checked that notification on her phone. It was Markus's. It was always his. She still couldn't understand how a simple notification could make her so happy. She laughed like a fool just remembering the messages sent. Also, the video calls with no subject, just to bother her. Markus's calls just to draw her attention to the messages. Waiting for his notifications was all part of her routine.

“Lyz?!”

Trying to hide the sun from her face, Lyz saw feet very close to her bike, which was next to her. She could recognize that voice even in the middle of a crowd.

“Markus?” - She could see the long-cherished face through the shadows.

“If we had arranged this, it wouldn't have worked.”

[Laughs] “Indeed, it wouldn't have worked.”

Markus sat closer to Lyz and put his backpack on his lap.

“How many times have we tried to arrange to meet?”

“By my count...” - she pretended she mentally calculated.

“About 20 times, at least. Do you know what? We could have passed by each other without even noticing.”

“Impossible.”, says Markus, looking at her with the corner of his eyes.

“I would remember it”, he says.

Lyz thought she was dreaming. All she ever wanted was to talk to Markus like that, face to face. No screens, wires, batteries or internet to disturb them. Now he was there. She had to keep calm. Markus moved his backpack, turning it towards Lyz. At this moment, she sees it. It was there all the time. All the time with him. Both started to laugh.

“Did you know all this time?”, she asked.

“I told you it was impossible not to recognize you.”

“And why didn't you tell me?”, she kept staring at that fact, round, small, stuck to his backpack right in front of her.

“I was just waiting for the right time. It’s not a big deal, Lyz. It ‘s just a...”

“Not a big deal?”, Lyz laughed. - “A part of me has always been with you, a stranger”.

Lyz gets closer to his backpack and removes the object that was holding her attention, but Markus stopped her by getting it first.

“It’s one of my favorites. I don’t even know when I lost it.”

“It was the morning before the pandemic started. You were riding your bike, overjoyed, Lyz. I was so impressed by the power and the light that came from you.”

“Me and my habit of cycling around with my earphones.”

Lyz puts her face down, embarrassed.

“Did you know it was me?”

“Not at that time, but when I arrived home, I saw a notification from you and remembered your face. Then I just connected the facts.”

“Markus!”, Lyz started to share laughs and slaps Markus.

“There you go!” - Markus ducks from the slaps.

“Here it is: delivered to the owner.”

Lyz takes her favorite button from Markus’s hands. Their eyes meet. They smile. The sunrays made the scene look like a romantic movie.

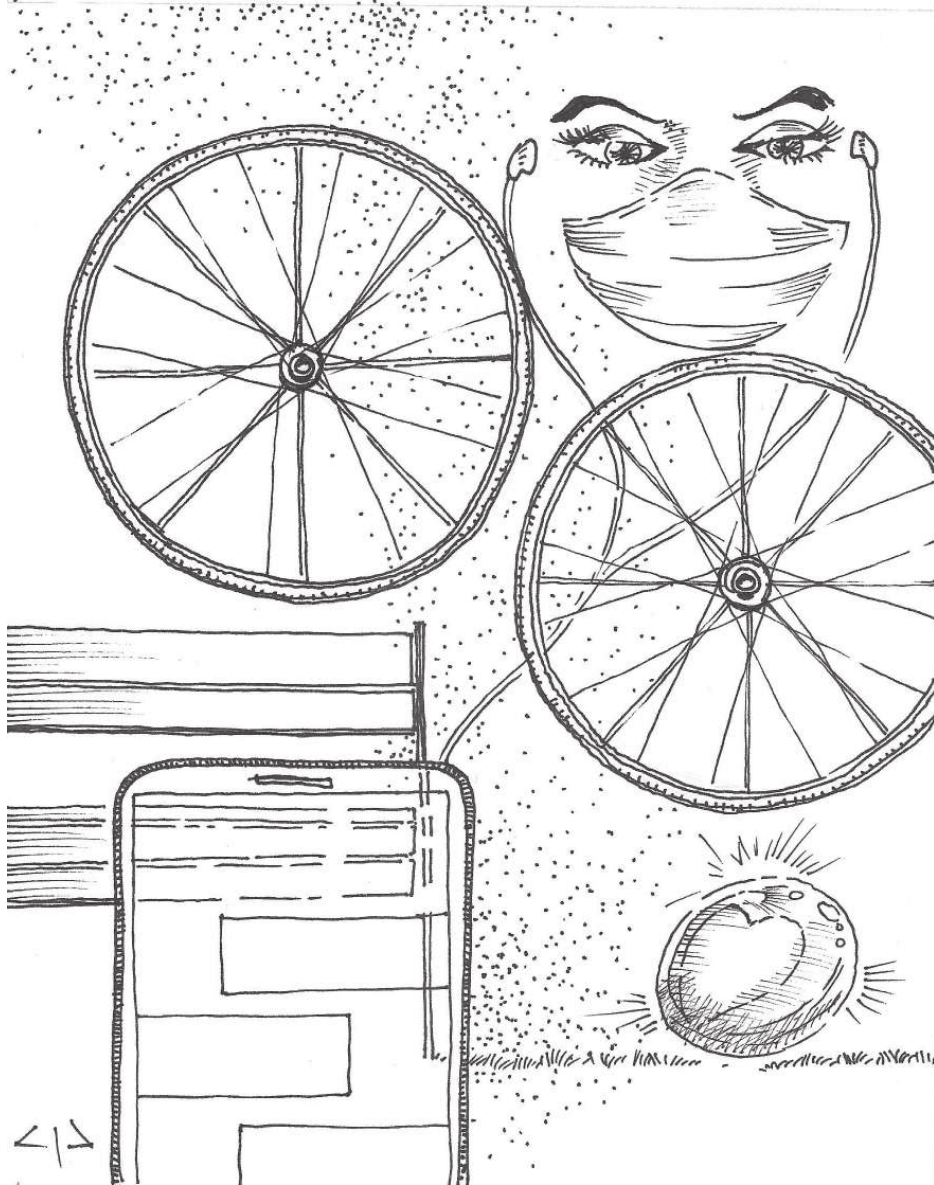
“I’m feeling like Cinderella with her crystal shoe.”

“The difference is that this prince has always known who Cinderella was.”  
Their fingers intertwined.

“When I think that it all started with exchanges of likes...” [Laughs].

“And a lost button!”

The end? Or the beginning?



*Ilustrado por Cid Domingues D'ávila*



## Um dia de Cláudia

*July Helen Valle da Silva*

Cláudia é taurina, canoense, gaúcha, brasileira e solteira. Apaixonada por gatos (tanto os racionais quanto os irracionais) e macarrão instantâneo. É publicitária, ama chá verde com cravo, se policia para tomar, no mínimo, um litro e meio de água mineral por dia e gosta muito de sombra, mar e água fresca. Agora, no ápice dos seus trinta e cinco anos, Cláudia está com seus dias superlotados e sente a sobrecarga especificamente na vértebra T12 e no ciático direito.

O dia de Cláudia inicia-se às sete horas da manhã. Tira o pijama, apressadamente, e veste uma roupa que ela considera adequada para comparecer à reunião diária da empresa em que trabalha. Na frente da equipe, se mantém quieta, só fala quando tem certeza ou quando o chefe a solicita. Para afastar o sono que lhe domina, pega um café tipo *gourmet* de aroma intenso e notas de caramelo e nozes. Ela tem se mimado já faz algum tempo e mudou alguns detalhes de seu cotidiano, passou a dar mais valor aos pequenos prazeres, por isso, investe num café mais caro.


De todas as palavras que pensa em dizer durante o encontro, só fala essas: Oi, bom dia. Terminada a reunião, Cláudia dirige-se ao seu trabalho, efetivamente.

Entre telas cheias de anúncios e capitalismo, nossa protagonista faz uma parada - lá pelas dez horas -, levanta da cadeira, sai de trás de sua mesa e alonga seu corpo dolorido. Afinal, o chefe preza pela ginástica laboral na rotina de seus funcionários. Feitos os movimentos, ela volta ao seu computador mergulhando fundo em suas tarefas.

De repente, já é hora do almoço. “Nossa, de novo a manhã passou como um *flash!*”, reflete Cláudia.

No almoço, ela pega sua marmita com o restante do jantar, o que reflete mais uma das mudanças que implementou no seu novo eu: abandonou o macarrão instantâneo nos sete dias da semana, agora os intercala com comida de verdade. Cláudia come em sua mesa de trabalho enquanto continua suas atividades.

Então já são dezessete e trinta. É a hora oficial de parar.



Infelizmente, quando Cláudia olha ao seu redor, não há ninguém no escritório, ninguém levantando e arrumando suas coisas para enfim ir para casa. Ela está sozinha.

Assim, Cláudia pega um lanche rápido e volta ao seu computador, porque lembra que esqueceu de algo na campanha em que está atuando. Novamente, come enquanto trabalha. Somente às vinte duas e trinta e três, por não conseguir mais diferenciar as letras na tela brilhante, fecha o *notebook*. Sai do escritório, toma um banho rápido e cai na cama.

Diante do sono profundo, de uma Cláudia esgotada após uma rotina exaustiva, nem parece que ela não saiu de dentro da quitinete de 30m<sup>2</sup>. Nem parece que todas as interações sociais do dia foram feitas apenas por meio de telas digitais. É assim desde março de 2020. Desde o início do isolamento social em decorrência da COVID-19, Cláudia só sai do apartamento para repor seu estoque de macarrão instantâneo.

#### ATIVIDADES (Elaboradas por Gabriel Ribeiro Vargas)



##### I – LINGUAGEM



1. A partir da narrativa de confinamento vivenciada por Cláudia, cite três (ou mais) trechos do texto que corroborem com o sentimento de rotina explicitado pelo narrador. Comente esses sentimentos, comparando-os com os seus.

##### II – COMPREENSÃO

2. Explique, na sua concepção, as seguintes definições feitas pelo narrador: “Apaixonada por gatos (tanto os racionais, quanto os irracionais) ...”.

##### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

3. O mundo pandêmico obriga Cláudia a estabelecer uma rotina de isolamento, porém, imagine um mundo pós-pandemia, onde a protagonista sairá de casa também para se divertir. Com isso estabelecido, narre uma situação de descontração em que a personagem possa vir a viver.



## Claudia's Day

*Conto de: July Helen Valle da Silva*

*Translated by Francielly Marafon*

Claudia is a Taurus, Brazilian, single and lives in Canoas, Rio Grande do Sul. She loves cats, cute guys, and instant noodles. She is a publicist, loves green tea with cloves and controls herself to drink at least one and a half liter of mineral water a day. Claudia likes shade, sea and freshwater. Now, in her mid-thirties, she is overloaded with work and feels the burden mainly in the T12 vertebra and the right sciatic nerve.

Claudia's day begins at seven in the morning. She hurriedly takes her pajamas off and puts on what she considers suitable for the daily meeting in the company where she works. In front of the team, she keeps quiet. She only speaks when she is sure or when her boss asks her. To fight off sleep that affects her, she takes a gourmet kind of coffee with an intense aroma and caramel flavor notes and nuts. She has been pampering herself for some time now and has changed some details in her daily life, starting to value the small pleasures more, so she invests in coffee that is more expensive.

Of all the words she thinks she will say during the meeting, she only utters these: "Hi, good morning". When the meeting is over, Claudia efficiently goes back to work.

Among screens full of ads and capitalism, our protagonist makes a stop at around ten o'clock. She gets up from her chair, comes from behind her desk and stretches her aching body. After all, her boss appreciates labor gymnastics in his employees' routine. Once the gym is done, she goes back to her computer, immersing herself in her tasks.

Suddenly, it is lunchtime. "Wow, morning has passed like a flash of lightning again!" Claudia thinks.

At lunchtime, she takes her lunch box with dinner leftovers, which also shows one more life change she has made to her new self: abandoning instant noodles seven days a week. Now, she has 'real food' every other day. Claudia eats



at her desk while she continues her activities.

It is five-thirty now. Official time to stop.

Unfortunately, when Claudia looked around, there was no one in the office, no one getting up ready to go home at last. She was all alone.

Therefore, Claudia grabs a quick snack and goes back to her computer, because she remembers that she forgot something in the campaign she has been working on. Again, she eats while working. Only at ten thirty-three pm, no longer able to distinguish the letters on the bright screen, Cláudia turns off the notebook. She leaves the office, takes a quick shower and falls into bed.

Feeling a deep sleep and exhausted after an intense routine, Claudia does not seem not to have left her 30m<sup>2</sup> studio apartment. Nor does it seem all the social interactions of the day were only on digital screens. It has been like this since March 2020. Since the beginning of social distancing due to COVID-19, Claudia has only left her apartment to refill her stock of instant noodles.





*Ilustrado por Cristian Silva do Rego*





## Virtualidade e realidade – dois opostos de uma mesma coisa

*Cecília dos Santos Carvalho*


Aos olhos do mundo, Sophia não era lá muito sábia, nem muito magra, tampouco possuía aqueles atributos socialmente estimados, capazes de abrir portas onde sequer se solicitava passagem.

Melhor sorte não lhe assistia quando o assunto era sua aparência: salão de beleza, para ela, representava horas de vida usurpada! Relegava os cuidados com a própria imagem às ocasiões especiais que nunca chegavam. Raras vezes em sua vida fora lembrada para participar de algum evento; quando o era, geralmente se tratava do aniversário de alguma prima distante, cujos *quinze anos* coincidiam com tempos de *vacas gordas* da família, a qual promovia uma festa de arromba, convidando todos os parentes, inclusive os mais insignificantes, como Sophia.

Nestas poucas ocasiões, quando se via compelida a recorrer ao trio “*cabelo-manicure-pedicure*”, sentia-se como num filme de ficção onde, abduzida por aliens às 11:11, acordava horas depois como de um sono profundo, em seu carro, no mesmo ponto de partida de uma autoestrada, desconfortável e com uma pergunta retórica girando em sua mente num *looping* infinito: - *que di-a-bos es-tou fa-zen-do a-qui?*

*A contrario sensu*, embora o *mundo de Sophia* não fosse recheado de cartas misteriosas ou questões filosóficas, virtualmente era muito badalado. Era no *virtual* que sua verdadeira essência se revelava, pois era irreverente, dona de um humor irônico sem igual, sagaz, perspicaz e muito boa de papo. Possuía muitos amigos, poucas amigas, e incontáveis incertas via *whatsapp*. Mas não era como tantas pessoas que  *fingiam* ser alguém superinteressante na virtualidade e, na realidade, eram outras, totalmente diferentes. Não! Sophia era só alguém mais feliz e realizada quando na *internet* do que quando no mundo físico.

E, neste universo paralelo, coisas incríveis já haviam acontecido. Hipotéticas coincidências que a faziam pensar (e desconfiar) da existência de algo invisível que ligava a todos, de alguma maneira especial, conectando desejos e realizações. Por exemplo, Sophia, certa vez, queria muito ir ao show do



*Guns* no Brasil, mas estava *lisa*; conheceu um rapaz, numa rede social, que estava numa *bad* e, após desabafar com ela, comentou que tinha quatro ingressos para o evento – presente do Banco onde trabalhava. Ele foi ao show com a namorada e, Sophia, com seu irmão. Através da virtualidade, o universo lhe deu esse presente que tanto queria!


Meses depois, Sophia era quem estava numa *bad*. Seu desejo maior naquele momento era viajar para a praia. Era véspera de Carnaval e ela estava só, sem namorado, sem amigos do mundo real, em seu local de trabalho, onde também morava durante a semana, em um quarto-sala-cozinha, cedido por sua sócia, com quem mantinha um escritório. Ambas tiveram uma discussão feia por motivos banais e Sophia não pôde ir à praia com ela, restando frustrado, assim, seu plano original. Ligou para sua mãe, que também seguiria rumo ao litoral naquele feriado, e seu mundo desabou ao descobrir que a família já estava lá, com visitas e sem lugar para abrigá-la na casa, lotada de gente!

Só restou à Sophia se resignar e permanecer no exato local onde estava fisicamente nos dias que se sucederiam e, paralelamente, em seu mundinho virtual. Assim, naquele dia frustrante, ela trabalhou um pouco, comeu um pouco, dormiu um pouco e navegou na *internet*, resignada com os últimos acontecimentos e perguntando-se: se sempre há um *fluxo* e um *refluxo*, uma causa e um efeito, o que ela teria feito no passado para se encontrar naquela situação tão desfavorável? Mas, como *tudo tem suas marés*, o pêndulo do Universo moveu-se da direita para a esquerda na mesma medida, e sua desalentada realidade mudou radicalmente em questão de minutos!

Daquelas poucas amigas virtuais com as quais teclava, uma delas lhe era querida demais: Dona Patrícia, uma senhorinha de seus setenta anos, professora universitária de Francês, detentora de um imenso coração. Já conversavam há algum tempo na virtualidade, e possuíam muitas afinidades (o Francês não era uma delas). Depois de o papo rolar solto por alguns minutos, D. Patrícia, que tinha um certo dom de consultar os registros *akáchicos* do universo, questionou à Sophia sobre o porquê ela estava tão triste naquele dia. Assim, a jovem contou todos pormenores de tudo o que havia acontecido.

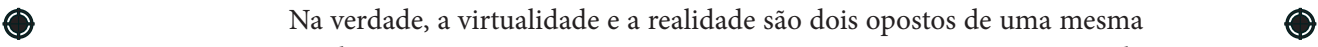
Um minuto de silêncio se sucedeu após o relato à sua amiga, e foi quebrado quando esta disse: - “Você já conhece o Rio de Janeiro?” - “Não”, disse Sophia. - “Vem para minha casa passar uns dias aqui, eu moro em Ipanema, acho que você vai gostar!”. Prontamente, a garota foi gastar um pouco de *vida* no salão de beleza, pois, afinal, passaria o Carnaval no Rio!





E assim foi! Sophia ficou hospedada por vários dias na casa da amiga virtual, agora mais real do que nunca. Conheceu o bondinho do Pão de Açúcar, posou para aquela foto clássica de braços abertos em frente ao Cristo Redentor, encantou-se com a mesma lua que inspirou Lota de Macedo Soares a criar o fantástico *Aterro do Flamengo*, quando por ele caminhava. Deleitou-se com cada lugar, com o clima, com os artistas que viu ao passear pela orla da lagoa Rodrigo de Freitas. Surpreendeu-se com o quanto era pesado caminhar na areia fofa da praia de Copacabana. E, ainda, estreitou laços com sua anfitriã, *best friend forever* virtual.

Sophia ampliou seus limites, descobrindo que a virtualidade pode ser muito mais *real* do que a realidade material. Que os desejos (com características *virtuais*) viajam pelo éter universal, imperceptível aos sentidos humanos, percorrendo distâncias inimagináveis para serem convertidos em matéria e, por fim, efetivamente realizados, concretizados e vividos! Nenhum objetivo verdadeiramente desejado que se emane ao Universo fica sem resposta e, sempre, o invisível se transforma no visível. Afinal, virtualidade e realidade são dois pólos opostos, dois lados de uma mesma moeda, a tragédia e a comédia, duas *faces gregas* de um mesmo rosto.



Na verdade, a virtualidade e a realidade são dois opostos de uma mesma coisa. O ódio, em si, não existe – é apenas o amor em um grau menor na escala dos sentimentos e emoções. Da mesma forma que a alegria e a tristeza: ora, estar *triste* não é meramente a ausência do *estado de espírito alegre*? O mundo quer o virtual, quer o físico, é apenas um laboratório de experimentação destas polaridades. Sophia concluiu, então, que a realidade nada mais é do que algo que aconteceu previamente na virtualidade - um desejo, um sentimento ou mesmo uma amizade!

Dona Patrícia e Sophia já combinaram uma nova viagem para os auspiciosos tempos que se sucederão à pandemia – se aventurarão pelos encantos da Serra Gaúcha e, ainda, farão uma parada em Encantado, quando posarão de braços abertos frente ao novo Cristo!

## ATIVIDADES (Elaboradas por Gabriel Ribeiro Vargas)

### I – LINGUAGEM

1. O termo *estrangeirismo* é usado para denominar o empréstimo de palavras de uma língua por outra, sem sofrer tradução na hora da escrita. Sabendo disso, identifique trechos do texto nos quais situações que ocorrem o *estrangeirismo* acontecem, e explique seu significado.

### II – COMPREENSÃO

2. Explique, com suas palavras, o significado da seguinte frase: “Afinal, virtualidade e realidade são dois polos opostos, dois lados de uma mesma moeda, a tragédia e a comédia, duas *faces gregas* de um mesmo rosto”. Em que outra situação podemos verificar esses polos opostos? Justifique.

### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

3. A narrativa frisa, constantemente, o apreço que a protagonista tem pelo mundo virtual, todavia, não especifica quais os tipos de atividades que ela faz na internet. Coloque-se no lugar da protagonista e escreva as atividades que ela gosta de exercer de forma online (sites, blogs, redes sociais, jogos, etc).



## Virtuality and Reality: Two Sides of the Same Coin

*Cecília dos Santos Carvalho*

*Translated by Aryane Sonneborn Mendes*

In the eyes of the world, Sophia was neither very wise nor very slim. She did not have those socially esteemed attributes which can open doors where no one one asked for passage.


When it comes to her appearance, she was not lucky either. For her, going to the hairdresser meant stolen hours in her life. She cared for her own image only on special occasions that never came. Rarely in her life people remembered to invite her for an event. When she was invited, it was usually for a distant cousin's birthday, whose fifteenth birthday party coincided with times of plenty, which promoted a kick-ass party, inviting all the relatives, including the most insignificant ones like Sophia.

On these few occasions, when she saw herself compelled to resort to the trio “hair-manicurist-pedicurist”, she felt like in a fiction film, abducted by aliens at 11:11. She woke up hours later from a deep sleep, in her car, in the same starting point of a motorway. She was uncomfortable and with a rhetorical question

spinning in her mind in an infinite loop: “what am I do-ing he-re?”

*The opposite sensu*, although Sophia's world was not filled with mysterious letters or philosophical issues, it was virtually very trendy. It was in the virtual world that her true essence was revealed, because it was irreverent. She possessed a unique ironic humor, witty, insightful and very good at talking. She had many boy friends, few girl friends, and countless virtual friends on Whatsapp. However, she was not like many people who pretended to be super interesting individuals in virtual life when, in fact, they were very different. No! Sophia was just happier and more fulfilled on the Internet than in the physical world.

And, in this parallel universe, incredible things had already happened. Hypothetical coincidences that made her think (and suspect) of the existence of something invisible that linked everyone in some special way, connecting desires and achievements. For example, Sophia once wanted to go to a Guns and Roses



concert in Brazil, but was penniless. She met a boy on social media, who was feeling miserable and, after letting off steam, he said he had four tickets for the concert. The Bank where he worked had given him as a gift. He went to the concert with his girlfriend and Sophia with her brother. Through virtuality, the universe had given her the gift she wanted so much!

Months later, Sophia was feeling miserable. All she wanted was to travel to the beach. It was Carnival Eve and she was alone, had no boyfriend, no real world friends, living in her workplace during the week: a room-kitchen-living-room, lent by her partner, with whom she had an office. Both had had a terrible argument for a trivial reason and Sophia could not go to the beach with her, so she got frustrated with her original plan. She called her mother, who was also heading for the beach that holiday, but her world collapsed when she found out the family was already there, with guests and no place to welcome her. The house was full!

The only option left was to stay the next few days exactly where she physically was and, at the same time, in her virtual world. So, on that frustrating day, she worked a little, ate a little, slept a little and surfed the internet, resigned to the latest events, she wondered: ‘if there is always ebb and flow, a cause and an effect, what would she have done in the past to find herself in such an unfavorable situation?’ However, since everything has its tides, the pendulum of the Universe moved from right to left equally, and her low-spirited reality changed radically in a matter of minutes!


One of the few virtual friends she used to text to, who was so nice to Sophia, was Patrícia, a little woman in her seventies, a French professor, who had a huge heart. They had already talked for some time virtually, and had many things in common (French was not one of them). After the conversation rolled loose for a few minutes, Patricia, who had a certain gift to consult the akashic records of the universe, asked Sophia why she was so sad that day. Therefore, the young woman told her all the details of what had happened.

The minute’s silence after reporting everything to her friend was interrupted when she said:

“Have you ever been to Rio de Janeiro?”

“No,” said Sophia.

“Come to my house to spend a few days here. I live in Ipanema. I think you will like it!”



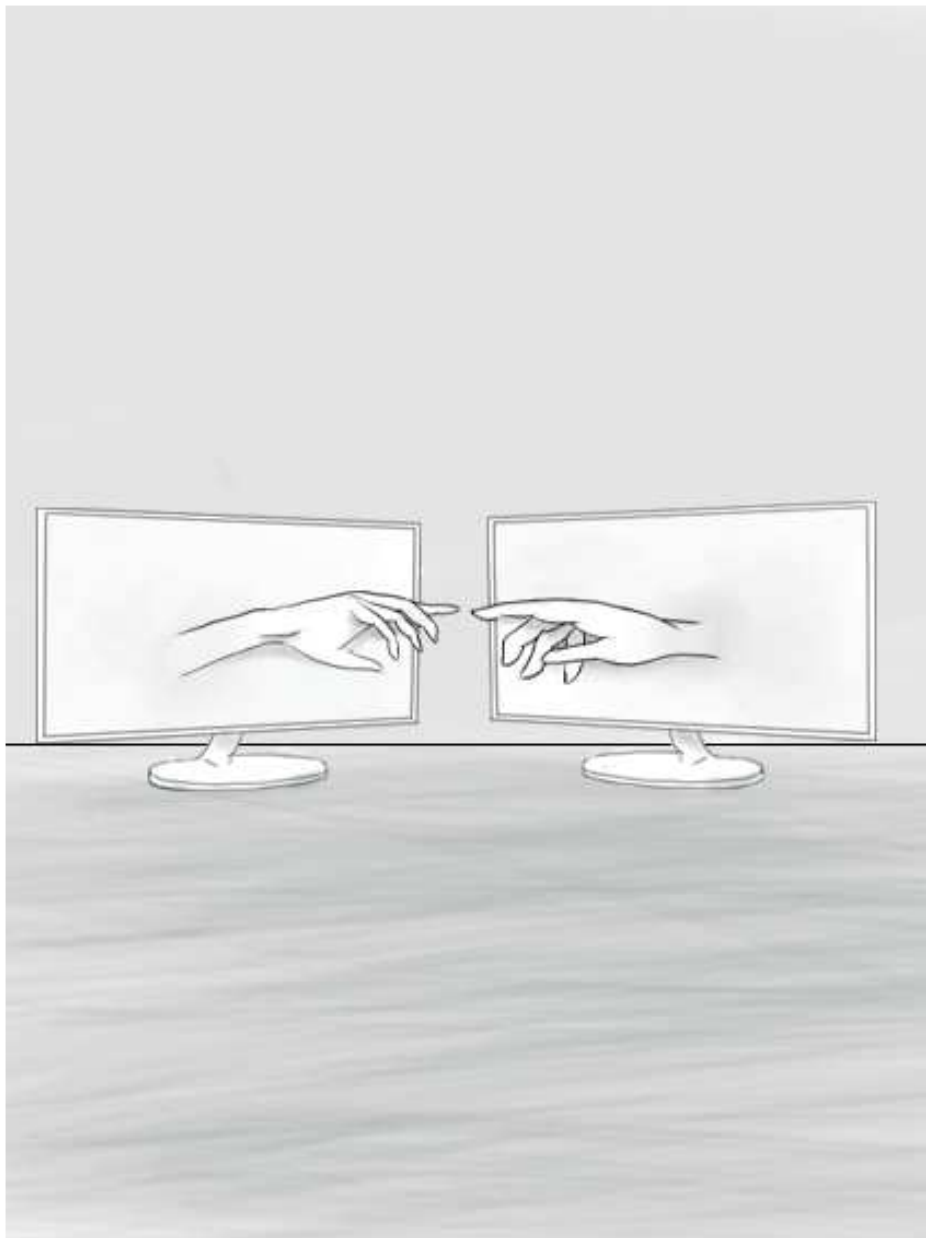
The girl went immediately to the beauty salon to spend a little of her life there. After all, she would spend Carnival in Rio!

And so it was! Sophia stayed for several days at her virtual friend's house, who now was more real than ever. She visited the Sugar Loaf, posed to the classic photo with open arms in front of Christ the Redeemer, got enchanted with the same moon that inspired Lota de Macedo Soares to create the fantastic *Aterro do Flamengo*, when walking by it. She delighted with every place she visited, with the weather, with the artists she saw while strolling along the edge of Rodrigo de Freitas Lagoon. She got surprised by how heavy it was to walk on the soft sand of Copacabana Beach. And, she strengthened ties with her host, her best virtual friend forever.

Sophia pushed her limits, as she found out virtuality can be much more real than material reality. She found out that desires (with virtual characteristics) travel through the universal ether, imperceptible to human senses, covering unimaginable distances to be converted into matter, and, finally, effectively performed, implemented and lived! No truly desired goal that emanates to the Universe remains unanswered and, always, the invisible becomes visible. After all, virtuality and reality are two opposite poles, two sides of the same coin, tragedy and comedy, two Greek faces of the same face.

In fact, virtuality and reality are two opposites of the same thing. Hatred itself does not exist. It is only love to a lesser extent on the scale of feelings and emotions. The same way as joy and sadness. Well, isn't being sad merely the absence of *the joyful state of mind*? The world wants the virtual environment, and the physical environment. It is only an experimentation laboratory of these polarities. Sophia concluded, then, that reality is nothing more than something that happened previously in virtuality: a desire, a feeling or even friendship!

Patricia and Sophia have already arranged a new trip to the auspicious times that will follow the pandemic. They will venture to the charms of the Gaucha Mountains and, still, will make a stop in Encantado city, where they will pose with open arms before the new monument of the Christ!




*Ilustrado por Tais de Queiroz Saraiva*




## Pedaladas virtuais


*Paulo Gustavo Sehn*



Hanz era um ciclista nato. Treinos intensos de 45km diários, regrado, alimentação saudável, dieta balanceada para suas atividades físicas, tempo planejado para incluir seus treinos na rotina. Amigos e mais amigos, milhares de seguidores nas suas redes sociais, *likes* nas pedaladas da rede social para atletas, fotos e memórias lindas registradas nos mais diversos terrenos que faziam parte das suas pedaladas. Eis que a pandemia ameaça mudar sua rotina, pois a comunidade revolta-se com todos que insistem em sair das suas casas, mesmo que seja para praticar atividade física. Além do mais, ficar em casa estava nos planos de praticamente todos que gostariam de preservar sua saúde, diante das incertezas da pandemia. E, a própria classe ciclista, não gostaria de ser lembrada por ir contra a humanidade e as restrições que a pandemia lhes impunha. Eis que uma luz no fim do túnel se apresenta: as pedaladas virtuais. Hanz, em certa oportunidade, é apresentado ao rolo de treino e, através da tecnologia, se conecta com diferentes ciclistas que se aproximam dos seus princípios e anseios.




O rolo de treino consiste em um equipamento, no qual a bicicleta é fixada de forma que a roda traseira fique suspensa, fazendo com que a roda gire em contato com uma espécie de rolo, que pode sofrer determinada pressão a fim de forçar ou aliviar a pedalada. Inicialmente, de forma solitária no quesito físico, Hanz opta por praticar suas atividades, ouvindo música, com um *play* seus clipes de bandas favoritas e eventualmente alguma leitura, enquanto pedala, parado, no seu escritório de casa. Com o passar dos dias, as pedaladas *alone in the dark* passam a ficar monótonas. Mesmo praticando as atividades regularmente, as companhias que antes faziam parte da rotina de Hanz deixaram de existir. Para sanar esses momentos solitários, Hanz tem a ideia de criar reuniões virtuais, nas quais vários ciclistas poderiam acessar a mesma sala virtual através de um link, e com o uso da *webcam*, transmitir sua imagem aos demais membros da sala e com o microfone, conversar com os demais participantes. No entanto, socializar ainda estava longe de acontecer e Hanz teve que inovar também na forma de socializar com aqueles que seriam a comunidade e não ciclistas: transmitir através de outro computador a tela na qual estavam aparecendo todos os ciclistas da sala.



A ação foi um sucesso. Os ciclistas sabiam que diariamente, às 19 horas, haveria um “pedal” marcado na rede social do Hanz. Lá estaria o link para acessar a sala, interagir com os ciclistas, pedalar e trocar uma ideia juntos. A motivação voltou ao semblante do Hanz, pois dessa forma poderia pedalar com outros ciclistas e a comunidade em geral, que acessava a sala para compartilhar o momento. Além disso, outros ciclistas que, em função da pandemia não estavam indo às ruas, encontraram amigos para juntos pedalarem. Ainda, mesmo que distantes fisicamente, conseguiam se unir. Talvez, em tempos ditos normais, os ciclistas que estavam virtualmente juntos jamais conseguiriam se encontrar em função das próprias dificuldades logísticas. No entanto, diante de todas as negativas da pandemia, a ideia de virtualizar as pedaladas fez com que todos se encontrassem e juntos pedalassem. Cada um na sua casa, mas todos juntos e seguros.

#### ATIVIDADES (Elaboradas por Gárdia Rodrigues da Silva Dantas)

##### I – LINGUAGEM



1. Identifique no texto 3 palavras ou expressões oriundas da Língua Inglesa e incorporadas ao cotidiano brasileiro. Exemplifique como tais palavras ou expressões são utilizadas no nosso dia a dia.

##### II – COMPREENSÃO

2. Compare os diferentes momentos vividos pelo personagem ao longo do conto e, a partir disso, reflita sobre as mudanças de comportamento por ele adotadas em razão da nova realidade.

##### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

3. Considerando que você faz parte da narrativa deste conto, construa seu texto a partir das próprias experiências. Para isso, revise as mudanças ocorridas na sua vida no contexto da pandemia.







## Virtual Bike Rides

*Conto de: Paulo Gustavo Sehn*


*Translated by: Francielly Marafon*

Hanz was a natural born cyclist. Intense workouts of 45 km daily, rules, healthy eating, balanced diet for his physical activities, planned time to include his workouts in his routine. Friends and more friends, thousands of followers on his social networks, hits on the pictures of bike rides on the social network for athletes, photos and beautiful memories registered in the most different places that were part of his bike rides.



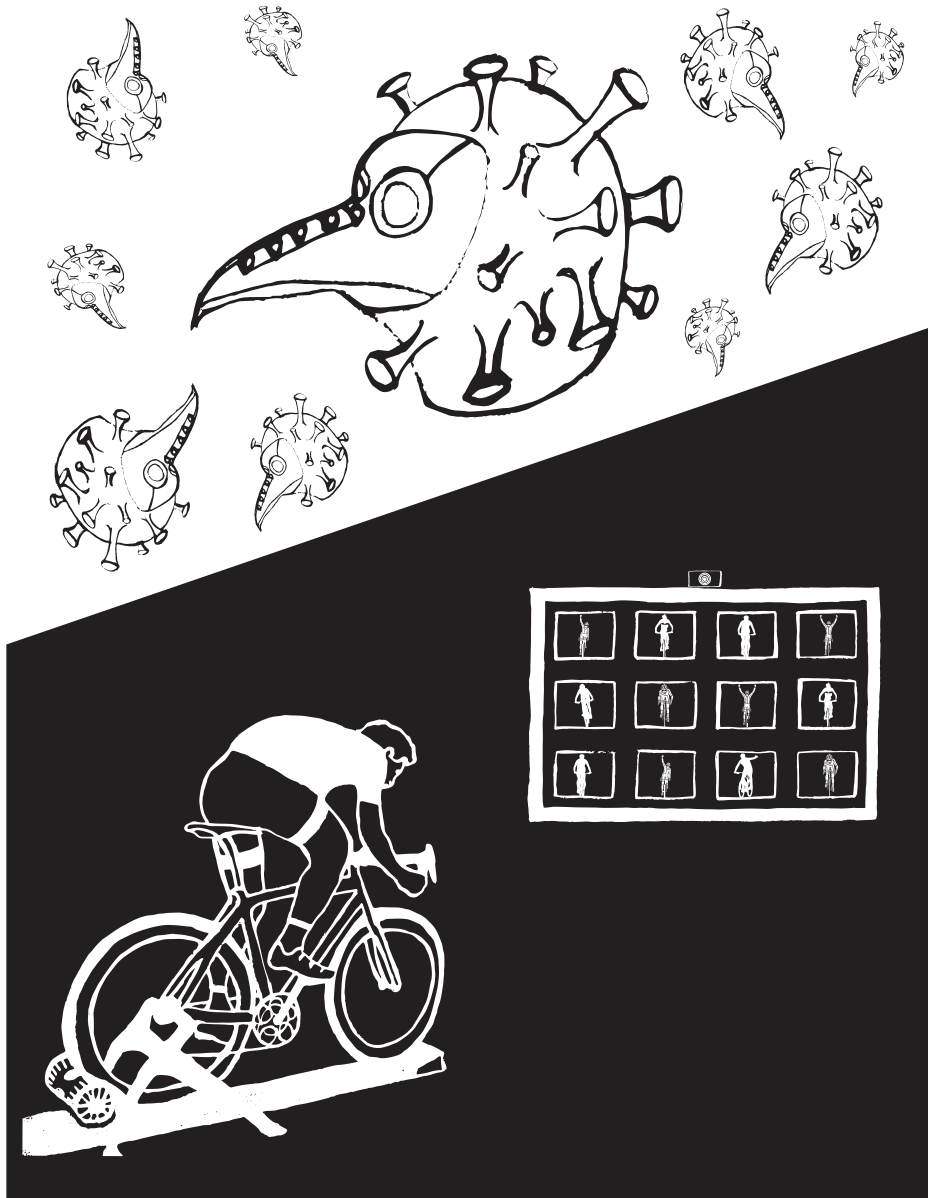
Lo and behold, the pandemic threatens to change his routine because the community rebels against everyone who insists on leaving their homes, even if it is to do physical exercise. Besides, staying at home was the plan of almost everyone who wanted to preserve their health, given the uncertainties of the pandemic. And cyclists themselves wouldn't like to be remembered for going against humanity and the restrictions the pandemic had imposed on them. Then, there's a light at the end of the tunnel: virtual bike rides. At some point, Hanz is introduced to the training on rollers and, through technology, connects with different cyclists who share the same principles and aspirations.

The training roller consists of an equipment in which the bicycle is fixed, so that the rear wheel of the bike is suspended, making the wheel rotate in contact with a kind of roller, which can be under certain pressure to force or relieve the pedaling. At first, in a physical lonely way, Hanz decides to do his activities listening to music, watching music videos of his favorite bands and, sometimes, reading, while he pedals in his home office. As days go by, pedaling alone in the dark becomes monotonous. Even practicing the activities regularly, the companies Hanz had before in his routine do not exist anymore. To remedy these lonely moments, Hanz decides to create virtual meetings, in which several cyclists could access the same virtual room through a link, and by using the webcam, show themselves to the other members of the room and, with the microphone, talk to other participants. However, socializing was still far from happening, and Hanz also had to innovate to socialize with those who would be the community, not cyclists: transmitting on another computer the screen on



which all the cyclists in the room would appear.

It was a success. Cyclists knew that every day, at 7pm, there would be a “bike ride” arranged on Hanz’s social network. The link would be available to access the room, interact with cyclists, bike ride and share ideas together. It was apparent Hanz was motivated again. Now he could ride with other cyclists and the community in general, who accessed the room to share the moment. In addition, other cyclists who, due to the pandemic, were not riding in the streets, found friends with whom to ride together. Even though they were physically distant, they managed to get together. Perhaps, in the so-called ‘normal times’, cyclists who were virtually together would never be able to meet due to logistical challenges. However, given all the negative effects of the pandemic, the idea of virtualizing bike rides made everyone meet and bike together. Each one in their home, but all together and safe.



*Ilustrado por Rafael Henrique Oliveria de Carvalho*





## Folhas de outono


*Cristiane Gomes*

O dia amanheceu e uma leve brisa soprava lá fora. A temperatura havia caído bastante. Chegara, então, o outono. Josué, sentado em um velho caixote de madeira apodrecida pelo tempo e pela pobreza do porão da fábrica de sabões onde trabalhava e miseravelmente habitava, tomava uma xícara de café preto, que foi aquecido em um fogão improvisado. Sua esposa morrera durante a pandemia de COVID-19 que assolou o mundo em 2020.

Seu filho Isac, então com 8 anos, quase perdera a lembrança de um dia ter sonhado com a mãe e com uma vida diferente, que ficara para trás. Atualmente, a única realidade que conhecia estava no porão que dividia com o pai. Até a alegria da escola, com seus risos, brincadeiras e descobertas, tudo parece ter ficado em outro espaço-tempo longínquo, levado pelas ondas da pandemia.

Eram tempos de um luto sem fim, em que cada passo parecia levar a um abismo maior ainda. Sem comida, sem espaço, sem companhia e sem esperança. Assim eram os dias de vida, ou sobrevivida, dessa família marcada pela dor. Josué, homem humilde, cuja única ambição era ver o filho crescer com dignidade, ainda carregava em seu coração resquícios de uma certa felicidade, que fora arrancada bruscamente do seu peito. Maldita felicidade, que o fizera conhecer um mundo bom e bonito, em que os sonhos podem ser reais e o amor pode ser facilmente encontrado. Agora, tudo o que restou era o amor pelo filho, além do emprego na fábrica e o insalubre porão. Até a casa onde moravam foi perdida, visto as contas terem se acumulado após a morte da esposa.

Nos finais de semana, pai e filho saíam pelas ruas da cidade deserta para catar papel e outros materiais que pudessem vender e comprar o básico para se alimentarem. Numa dessas saídas, Isac encontrou, em meio ao lixo alheio, um velho jogo eletrônico movido a pilha, ainda funcionando. No jogo, o menino podia ser o grande herói, passando por obstáculos difíceis e monstros pixelados. Em sua imaginação, ele era o protagonista de inúmeras aventuras, como em um livro que, certa vez, a professora leu na escola, cheio de dragões e castelos, em que, com uma espada era possível acabar com todo o mal. Difícil era ser gente de verdade e ir dormir com a barriga doendo de fome.



Naquela fatídica manhã gelada, Josué, que há muito deixara de acreditar em super-heróis, saiu de casa com um brilho diferente nos olhos e até sorriu por um instante, pois era dia de pagamento e tanto ele quanto Isac, teriam o que comer no próximo mês. Não contava, porém, com uma crise na empresa, que deixou 12 trabalhadores desempregados, dentre eles, Josué. Além de perder o emprego, teria que deixar o velho porão que tantas lágrimas presenciou. O desespero era visível em seu rosto magro e marcado por tragédias. Triste e desacreditado na vida, sorriu novamente, um sorriso louco, pois, apesar de tudo, o sustento de seu pequeno filho estava garantido pelas próximas semanas.

Josué caminhava a passos lentos. Concentrado, observava a paisagem à sua volta, em especial as folhas secas das árvores caídas no chão e, no auge da sua sabedoria de quem um dia conheceu a felicidade, pensou que o mundo é como o outono, que derruba as folhas velhas e sem mais utilidade para dar lugar às outras com novas funções. Seu olhar estava realmente diferente. Sentou-se em um banco gelado de concreto, tirou do bolso uma foto de Isac (a única que possuía), chorou e sem mais tempo de se despedir da vida, foi derrubado no chão por alguém que lutava para também viver, viver seu vício, e com a arma da injustiça e da impunidade de que dispunha, acabou com a vida daquele pobre homem, já morto há muito tempo pela própria vida.

Isac, no enterro simples de Josué, observou as folhas secas que caíam constantemente das árvores próximas, folhas de outono, e, num choro dolorido, desses de rasgar a alma, prometeu ao seu velho que não se permitiria o mesmo revés. Estava disposto a enfrentar todas as dificuldades e se tornar um super-herói, assim como seu pai um dia fora para ele, sem sequer desconfiar disso.

A vida, dali para a frente, não foi nada fácil, mas para quem acredita realmente nos sonhos, desses que se sonha acordado e se imagina num mundo melhor, todos os dias se tornam uma aventura, com fases a serem transponíveis e muitas conquistas à espera de um jogador voraz. O tempo passou depressa e guardou lá no sótão da alma de Isac, as memórias mais profundas da família que um dia tivera.

Ao sair de casa hoje, rumo ao seu primeiro dia de trabalho no Hospital do centro da cidade, Isac sentiu no rosto o vento gelado de início de outono, que fazia um lindo balé com as folhas secas, e se lembrou da promessa que fizera ao seu pai. Iria finalmente cumpri-la. Dr. Isac tornou-se um super-herói de verdade e ainda ouviremos falar muito sobre ele, sobre suas histórias de salvar vidas e vencer vilões.



## ATIVIDADES (Elaboradas por Letícia Rocha Figueiró)

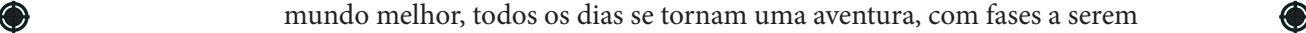
### I - LINGUAGEM

1. No decorrer do conto, algumas expressões indicam características da vida presente de Isac e de seu pai. Que expressões são essas? Destaque-as no texto.

### II - COMPREENSÃO

2. Explique a relação entre a frase “lutava para também viver, viver seu vício” do final do texto e a relação entre ela e o modo de vida do personagem.

### III - PRODUÇÃO TEXTUAL



3. “A vida, dali para a frente, não foi nada fácil, mas para quem acredita realmente nos sonhos, desses que se sonha acordado e se imagina num mundo melhor, todos os dias se tornam uma aventura, com fases a serem transponíveis e muitas conquistas à espera de um jogador voraz.” Após a morte do pai, Isac teve que superar muitos obstáculos. Produza um texto contando o caminho que Isac percorreu até tornar-se o Dr. Isac.



## Autumn Leaves

*Conto de: Cristiane Gomes*

*Translated by: Yasmin Camile Ribeiro Sganzerla and*

*Victoria Caroline Araújo da Silva*


The day started and a light breeze was blowing outside. The temperature had dropped a lot. Therefore, autumn had come. Josué was sitting on an old wooden box, rotten by the time and by the poor soap factory's basement where he worked and miserably lived. He was drinking a cup of coffee that he had warmed up in an improvised oven. His wife had died in the COVID-19 pandemic that afflicted the world in 2020.

His son, Isac, who was 8 at the time, almost lost his dream of having a different life with his mother. That dream had been left behind. Nowadays, the only reality he knew was living in the basement with his father. Even the joy at school, with its laughter, plays and discovering, everything seemed left in another far space-time, taken by the pandemics.

It was an endless grief. Every new step led to a greater abyss. No food, no space, no company and no hope. These were survival days of a family marked by pain. Josue, a humble man, whose only ambition was to see his son growing up with dignity, still carried fragments of a certain happiness that someone had ripped from his chest. Damn happiness that had made him know a kind and beautiful world, where dreams could be true and love was easy to find. Now, what was left was his love for his son, his job in the factory and the dirty basement. Even the house where they lived was lost, as the bills were piling up after his wife's death.

On the weekends, father and son went out to the city's empty streets to pick up paper and other materials that they could sell to buy food for them to eat. One of these days, and in the middle of the trash, Isac found an old video game driven by batteries that still worked. In the game, the little boy could be a hero, going through hard obstacles and pixel monsters. In his imagination, he was the protagonist of many adventures, like in a book that once his teacher read at school, full of dragons and castles, where, with a sword, it was possible to end





the evil. It was hard to be real and go to sleep with the stomach aching of hunger.

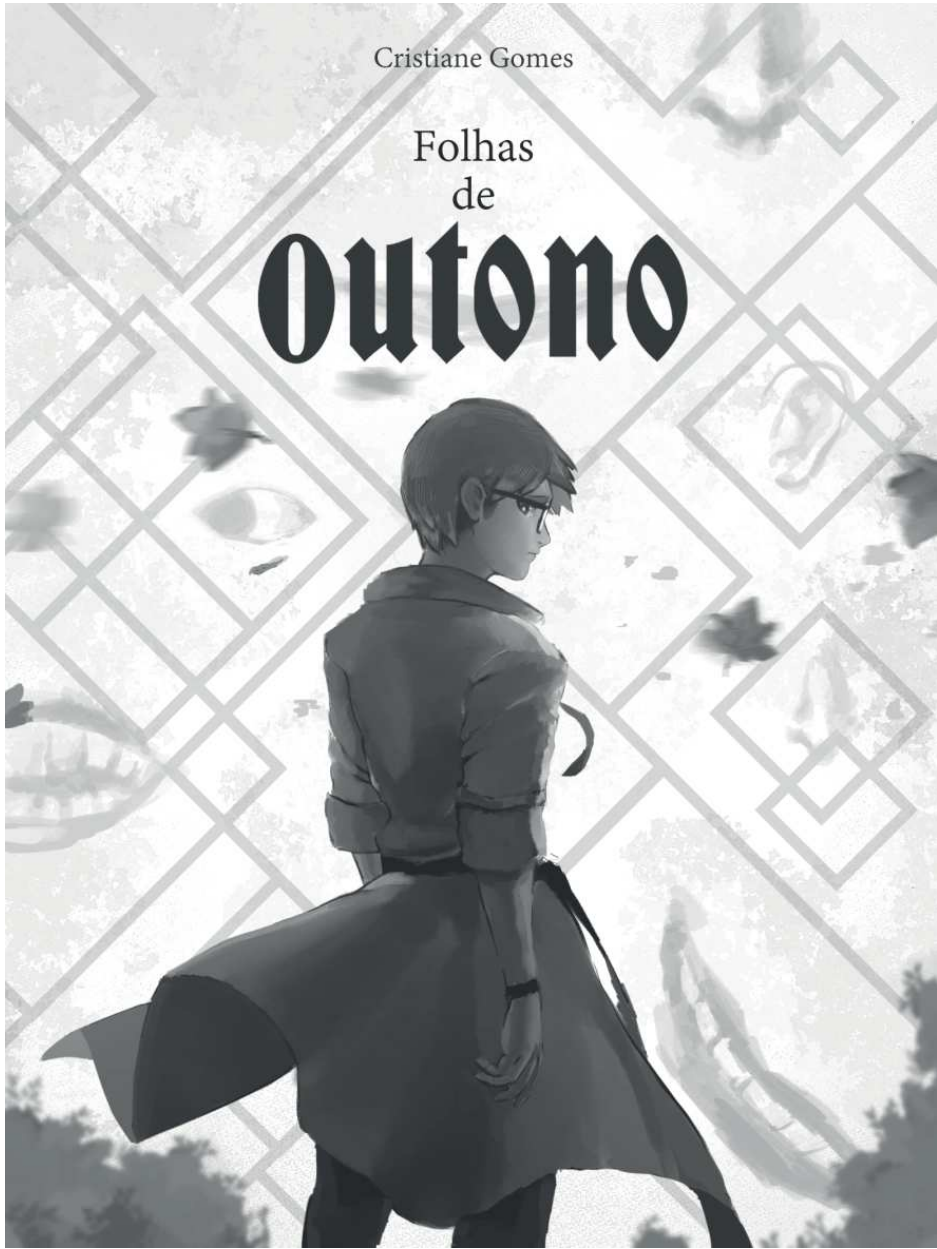
Josue, who didn't believe in superheroes for a long time, left home with a different sparkle in his eyes on that fateful cold morning. He even smiled for a while, because it was payday. Both he and Isac would have something to eat the following month. However, he didn't expect a big crisis in the company, which left 12 employees unemployed and, among them, Josué. Not only did he lose his job but he also had to leave the basement where he had witnessed so many tears. He was visibly despaired, his skinny face marked by the tragedy. Sad and hopeless, he smiled again. A crazy smile, after all, he could feed his boy for the next few weeks.

Josué walked slowly. Concentrated, he watched the landscape around him, especially the dry leaves of the fallen trees on the ground. From the height of the wisdom of someone who once knew happiness, he thought the world was like autumn, which drops the useless old leaves to make room for others with new roles. He looked quite different. He sat on a cold brick bench, and took from his pocket a picture of Isac (the only one he had. He cried and with no more time to say his last goodbye, he was knocked down by someone who was also struggling to live. Living his vice and with the injustice and impunity gun, he ended that poor man's life, a man who had already been dead for a long time by life itself.

In Josue's simple funeral, Isaac watched the dry leaves constantly falling from the nearby trees. Autumn's leaves. And in a painful cry, like those that rip the soul, he promised his old dad he wouldn't allow the same misadventure. He was ready to face all the difficulties and become a superhero, just as his father had been to him, without even imagining.

From that moment on, life was not easy, but for someone who really believes in his own daydreams and imagines a better world, every day is a new adventure, with stages to go through and many achievements waiting for this prodigious player.

Time passed by fast and kept in the attic of Isac's soul the deepest memories of a family he had had. On his way to work at the hospital, Isac felt a cold autumn's wind on his face, which did a beautiful ballet with the dry leaves. He remembered what he had promised to his dad. Now he was ready to keep it. Dr. Isac became a real superhero and we will hear a lot about him, about him saving lives and beating villains.



*Ilustração de Lucas da Silva Matos*






## O corpo

*Magali Regina Biffi*

Há coisas que acontecem na vida da gente que só fazem sentido numa sequência de fatos. Na medida em que as peças vão se unindo...

Eu me chamo Nicodemos Raimundo; Nicodemos em homenagem ao avô paterno e Raimundo em homenagem a Fagner, e vou contar-lhes um caso... Era uma típica manhã de agosto de 2020, chamei o Dr. Ari Oswald; Ari em homenagem ao avô materno e Oswald em homenagem a Oswald Montenegro de quem a mãe é fã, delegado de Polícia da primeira delegacia da cidade: - Bom dia, Dr. Ari Oswald, ainda não olhou o whats, não é? Recebemos uma denúncia, da dona Lúcia Lee; Lúcia em homenagem à avó paterna e Lee em homenagem à Rita Lee, no whats da delegacia, ela disse que viu o vizinho jogando um corpo no lago da cidade. Ela filmou o sujeito com o celular. Dá pra ver um homem saindo de casa e jogando alguma coisa grande no lago, mas não se vê o rosto e nem o que joga. O Dr. Logo se admirou: - Mas o whats da delegacia é novo, já se espalhou assim, é? Cidade pequena é isso. Vai até lá e conversa com ela, tenta falar com o vizinho e apurar os fatos, nos encontramos na delegacia mais tarde.


Mais tarde, ao chegar à delegacia, já fui direto procurar o delegado. Disse que tinha ido até lá, a velha disse que escutou um barulho na casa ao lado e começou a filmar, viu quando o vizinho saiu pela porta, estava muito escuro. Perguntei se ele havia visto o vídeo. Era um embrulho gigantesco, pesado, ele mal conseguia arrastar. O vizinho disse que foi o cachorro dele que morreu de velho, disse que era um São Bernardo, e ele o jogou no rio porque o cachorro gostava de passear na beira do lago. Disse que o cachorro sempre queria entrar na água quando passeavam pela beira. - Mas, tem um porém -, disse eu ao delegado, - a velha mencionou que nunca viu nenhum cachorro nesses 2 anos em que o sujeito mora ali. Disse que só tinha uma “amiga” que morava com ele e que faz uns três dias que ela não mais vê a mulher. Disse que a mulher era cadeirante. - Vish, que entrevero! - Disse o delegado Ari Oswald. - Bom, continuou o delegado, - façamos o seguinte: pega um barco e dá uma olhada por lá. Leva o Januário Rayol contigo; Januário em homenagem ao avô paterno e Rayol em homenagem a Aguinaldo Rayol, ele sabe nadar e conhece bem o lago, dá uns mergulhos por



ali pra ver se acham alguma coisa suspeita. E se não der peixe, enterramos as minhocas, como dizia meu avô. - Hahaha - meio cabreiro respondi, - eu acho que entendi. - Se não encontrarmos nada, é só guardar os barcos – Esse delegado tinha umas expressões que precisavam ser decifradas. - Estamos indo, delegado, - gritei a caminho da porta, qualquer coisa faço contato pelo zap.

Chegamos ao lago, éramos três: eu, Januário e João Pepeu; João em homenagem ao avô paterno e Pepeu em homenagem ao cantor Pepeu Gomes, que era o dono do barco. A polícia não tem barco, sempre que precisávamos, pedíamos ajuda a Pepeu. E de lá já passei um zap para o delegado, avisei que já estávamos ali. Januário mergulhou e avistou vários embrulhos no fundo do lago, aqui é bem abaixo da pontezela, é onde as pessoas devem se desfazer das coisas que não querem mais. Ele trouxe um embrulho pra cima, tivemos que puxar para a margem, não cabia no barco. O Doutor logo perguntou se era o corpo. Eu, de pronto, respondi que era um corpo, mas não o corpo. - Tem mais embrulhos lá embaixo, Dr, vamos levar o dia todo. O delegado disse que iria mandar mais gente para ajudar na busca para puxarmos os embrulhos para a beira. E já pediu para levar o sujeito para depoimento, queria saber o paradeiro da companheira dele, e marcar uma hora para a velha depor. Eu logo me adiantei dizendo que estávamos no meio de uma pandemia, a velha era grupo de risco, sugeri que seria melhor uma chamada de vídeo pra escutar a criatura. O sujeito disse que a gente faz o de praxe, máscara, álcool, etc... – Verdade -, reconheceu o delegado. - Bem lembrado. As pessoas ainda não estavam acostumadas a pensar direito, era tudo novo, todos estávamos nos adaptando ainda. No depoimento, o sujeito disse que não sabia de nada, que tinha uma amiga que foi visitá-lo, mas já fazia uns meses e já fazia tempo que fora embora, morava com uns parentes e talvez não voltasse mais. Disse ainda que a velha Lúcia Lee era louca. Vivia vigiando os vizinhos e relatando o que todos faziam, e misturava as histórias colocando os vizinhos uns contra os outros. A velha conhecia todo mundo, mas estava caduca e não acertava mais os nomes, misturava tudo.

A surpresa maior foi que a velha Lúcia Lee fez um grupo no whats e colocou a mim, o delegado, mais uns dois vizinhos e até o Januário. Colocou também a sobrinha dela que se chamava Joana Máisa; Joana em homenagem à avó materna e Máisa em homenagem à cantora. Joana morava na mesma quadra e ajudava a controlar a rua. Contaram toda a história desde o início e mostraram o vídeo que Lúcia havia feito. Todos queriam saber o que havíamos descoberto e se tínhamos achado o corpo. Nenhum de nós queria recheá-las de informação, mas elas já sabiam de tudo. E todos do grupo também já sabiam que nós já tínhamos encontrado três



corpos e o vizinho estava sendo cotado como serial killer. Ora.... vamos combinar, esse vizinho estava em apuros agora. Lúcia Lee disse tê-lo visto jogar um corpo no lago, e acharam três corpos, até o momento. Se ele não era assassino, era o cara mais azarado da face da Terra. Lúcia Lee enviava áudios, pois ela não enxergava direito as teclas para digitar, e segundo ela, a dificuldade era enxergar perto, pois longe ela enxergava muito bem. Começaram uma discussão no grupo, sobre quem viu, quem fez, quem estava em casa naquela noite, quem tinha saído, quem conhecia ou não conhecia o vizinho e quem tinha ou não visto ele jogar um embrulho, que, segundo Lúcia Lee, era um corpo, que agora tinha se triplicado. Então, de repente, um dos membros do grupo que se identificou como Ronaldo Erasmo; Ronaldo em homenagem ao avô paterno e Erasmo em homenagem a Erasmo Carlos, era um policial aposentado e começou a contar: atencem para o fato, uma vez, há muitos anos, estávamos auxiliando a cidade vizinha, num incêndio que teve lá durante um evento e fomos buscar uns corpos pro médico da nossa cidade ajudar nas necropsias e quando estávamos retornando, o pontilhão cedeu, o caminhão caiu na água. Estava chovendo muito e não conseguimos resgatar todos os corpos na hora e no dia seguinte, não encontramos todos os defuntos. O delegado apenas dizia: - Vish, que entrevero! Os moradores mais antigos começaram a lembrar o fato com algumas variantes e alguém perguntou: - Mas como não encontraram nada naquele dia, se era próximo ao pontilhão e os corpos permanecem ali até hoje? - Porque a ponte não era ali -, lembrou outro integrante do grupo, naquele dia, quando o caminhão tombou e a ponte se rompeu, tiveram que fazer uma nova ponte, então elegeram um outro lugar para erguer a pontezinha. Bem no meio daquela discussão elucidativa chega a notícia de que haviam encontrado o corpo de um São Bernardo fixado a uma cadeira de rodas, enrolado em um cobertor.

Lúcia Lee já começou a dizer que era a cadeira de rodas da mulher... O vizinho interrompeu de imediato dizendo que a cadeira era do São Bernardo, ele já estava muito velho e tinha dificuldade para caminhar, então ele sentava o cachorro na cadeira, cobria com uma manta e saía a passear com o amigo cão. - Vish, que entrevero - disse o delegado, - pelo menos, achamos aqueles defuntos. Então, para quebrar o gelo, eu disse: - Mas... a senhora disse que tinha dificuldade de enxergar perto, longe a senhora enxergava bem. É isso mesmo, dona Lúcia Lee? Todos começaram a rir.

Lúcia Lee removeu você do grupo.

## ATIVIDADES (Elaboradas por Letícia Rocha Figueiró e Lúcia Regina Lucas da Rosa)

### I – LINGUAGEM

1. No período “João em homenagem ao avô paterno e Pepeu em homenagem ao cantor Pepeu Gomes, que era o dono do barco”. O dono do barco é o amigo Pepeu ou cantor Pepeu Gomes? Justifique.
2. O conto em estudo faz várias referências aos nomes próprios das pessoas. Você sabe qual o significado do seu nome e sabe se foi uma homenagem a alguém? Escreva aqui o que você sabe sobre o seu nome, se for preciso, pergunte a alguém da sua família ou pesquise em dicionários de símbolos ou na internet.

### II – COMPREENSÃO

3. Explique a diferença de significado do artigo em “Eu, de pronto, respondi que era um corpo, mas não o corpo”.
4. Compare a primeira e a última frase do conto. Qual a relação da palavra “removeu” com o contexto dessa escrita?
5. A quem se refere o pronome “você” na última linha do texto?

### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

6. Releia a frase no conto: “Qualquer delito ou suspeita de delito carece de depoimento das partes”. Você está convidado a produzir um texto que represente o depoimento do acusado ou um texto que represente o depoimento do delator.




## The Body


*Magali Regina Biffi*

*Translated by: Rodrigo dos Santos Martini*

There are things in life that only make sense as a sequence of events, as the pieces fit together... My name is Nicodemos Raimundo. Nicodemos in honor of my paternal grandfather and Raimundo in honor of Fagner, and so I'll tell you a story. It was a typical August 2020 morning. I called Deputy Ari Oswaldo. Ari in honor of his maternal grandfather and Oswaldo in honor of Oswaldo Montenegro, whom his mother is a fan. Oswaldo is the chief of police at the city's first police station.




“Good morning, Mr. Oswaldo. You still haven't checked your Whatsapp, have you? We received a complaint from Mrs. Lúcia Lee on the police station's whatsapp. Lúcia in honor of her paternal grandmother and Lee in honor of Rita Lee. She said she saw her neighbor throwing a body in the city's lake. She filmed the guy with her cell phone. You can see a man exiting the house and throwing something big in the lake, but you can't see neither the face nor what's being thrown”



The Dep became quickly astonished:

“But the police station's Whats is new. Has it already spread around? This is a small town! Go there and try to speak with her neighbor and fact check. We'll meet at the police station later.

Later, as soon as I got to the police station, I went after the deputy. I told him I had been there and the old woman said she heard a noise next door and started filming. When she saw the neighbor walking out the door it was really dark. I asked the deputy if he had seen the video. It showed a gigantic heavy package that he could barely drag. The neighbor said that his old dog had died. He told me it was a Saint Bernard and that he threw it in the river because the dog liked to walk by the lakeshore. He said the dog wanted to jump into the water every time they walked by the lake. But the problem is the old lady said she had never seen a dog in the two years she has lived there. She said there was only a girl “friend” who lived with him and that it has been three days since she last saw the woman. She said the woman was on a wheelchair.



“Jeez, what a mess!” said Deputy Ari Oswaldo. “Well”, the deputy proceeded, “do the following: get a boat and look around the place. Take Januário Rayol with you”. Januário in honor of his paternal grandfather and Rayol in honor of Agnaldo Rayol. “He can swim and knows the lake well. Dive in the lake and see if you can find something suspicious. If no fish turns up, we’ll bury the worms, as my grandpa used to say”.

“Hahaha”, I answered a little suspiciously. “I think I got it. If we can’t find anything, we just store the boats”.

The deputy had some expressions that needed to be decoded.

“We’re leaving, Deputy”, I screamed as we went out the door. “If anything happens, I’ll contact you through Zap”.

Three of us arrived at the lake: Januário, João Pepeu and me. João in honor of his paternal grandfather and Pepeu in honor of the singer Pepeu Gomes. Pepeu was the boat’s owner. The police didn’t have any boats. So, every time we needed one, we’d ask for Pepeu’s help. As soon as we arrived, I sent the Deputy a message, notifying him that we had arrived already. Januário dove and saw several packages at the bottom of the lake. We’re under the bridge, where people probably throw away a lot of stuff they don’t want anymore. He brought up a package and we had to pull it to the shore because it didn’t fit on the boat. The deputy quickly asked if it was the body. I soon answered it was ‘a’ body, but not ‘the’ body. And there are more packages under there.

“We’ll take the whole day here”, I explained.


The deputy said he would send more people to help with the search, so that we could pull the other packages to the shore. He also asked us to take the man to question him. He wanted to know where the man’s girlfriend was and schedule the old woman to testify. I went ahead and said we were in the middle of a pandemic, and the old woman was part of the risk group. So, I suggested a video call would be better to question her. The guy, we can do like always: mask, alcohol, etc.

“You’re right”, acknowledged the deputy. “Good point”.

People were still not used to thinking straight. It was all new. We were all getting used to it.

In his testimony, the man said he knew nothing. A friend of his had





visited him a few months before and left after some time. She lived with relatives. Probably, she would not come back. He also said that Old Lúcia Lee was crazy. She was always watching her neighbors and reporting what everyone had done, mixing up stories and playing one neighbor off against the others. The old woman knew everyone, but had some loose screws and got the names wrong, mixing everything up.

The biggest surprise, however, was the fact that Old Lúcia Lee had created a group on Whatsapp and put the deputy, a couple of neighbors, me and even Januário there. She also included her niece, Joana Máisa. Joana in honor of her maternal grandmother and Máisa in honor of the singer. Joana lived in the same block and helped control the street. They told the whole story, from the beginning and showed the video that Lúcia had recorded. Everybody wanted to know what we had found out and if we had found body. None of us wanted to lay much information on them, but they knew it all already. Besides, everybody in the group also knew we had already found three bodies and that we were classifying the neighbor as a serial killer. Come on... We have to agree that the neighbor was in big trouble now.

Lúcia Lee said she had seen him dumping a body in the lake, and then the police have found three bodies so far. He was either the killer or the unluckiest man on Earth. Lúcia Lee sent the police audios, because she couldn't see the keys well enough to type. According to her, she had difficulties to see things closely, but she saw very well from afar. An argument arose in the group about who had seen it, who had done it, who was at home that night, who had left, who knew the neighbor or not, and who had seen him or not throwing the package in the lake, which, according to Lúcia Lee, was a body that had now tripled.

All of a sudden, one of the group members who identified himself as Ronaldo Erasmo, a retired cop. Ronaldo in honor of his paternal grandfather and Erasmo in honor of Erasmo Carlos. He started speaking.

“Pay attention. Once, many years ago, we were helping a neighboring town with a fire that happened in an event and we were getting some bodies for our city's doctor to help with the necropsy. As we were returning, the bridge fell into ruin and the truck fell into the lake. It was raining a lot and we didn't manage to rescue all the bodies at that time. The following day, we couldn't find some corpses.

The deputy said:



“Jeez, what a mess!”

The older inhabitants began to remember the fact with some variations when someone asked:

“But how come no bodies were found that day if they were all close to the bridge? How come the bodies are there to this day?”

“The bridge wasn’t there”, someone interrupted. That day, when the truck fell and the bridge collapsed, a new bridge had to be built somewhere else.

While they listened to this enlightening talk, some news arrived about the body of a Saint Bernard which had been found tied to a wheelchair, wrapped up in a blanket.

Lúcia Lee promptly claimed it was the woman’s wheelchair... The neighbor immediately interrupted her saying it was Saint Bernard’s wheelchair. He was too old already and could barely walk, so he put the dog sitting on the wheelchair, covered him with a blanket and went on walks with his dog friend.

“Jeez, what a mess”, said the deputy. At least we found those corpses.

Then, to break the ice, I said:

“But... Mrs. Lee, you said you had difficulties to see things closely, but you could see very well from afar. Isn’t it right, Mrs. Lúcia Lee? Everybody started laughing.

Lúcia Lee removed you from the group.



*Ilustração de Gabriel Valença Dezordi*





## Surto em uma era pandêmica

*Monique Valgas Ferreira*

Ela foi se preparar para dormir, depois de passar o dia sentada atrás de uma tela de computador. Tinha a receita de como solucionar sua insônia: meio copo de água, meio comprimido do seu remédio controlado, trinta minutos depois e a mágica acontecia. Algo que naturalmente não existia desde que sua mãe faleceu, ou talvez antes.

Porém, nessa noite foi diferente, ela teve um sonho.

Sonhou que as refeições eram comidas quentes, não precisavam ser fotografadas.

Sonhou que o ex não a perseguia mais com perfis falsos nas redes sociais, afinal de contas, a vida na internet não fazia mais sentido.

Sonhou que o belo era palpável, tangível e não online.

Sonhou que as pessoas se declaravam por cartas escritas a mão e não mais por textos copiados e colados.

Sonhou que o feliz aniversário era desejado com abraços e que não havia problema em assoprar as próprias velas de aniversário. Que o sorriso era apreciado ao vivo, espontâneo. Não estático em uma fotografia com o objetivo de ganhar curtidas.

Sonhou que o interesse era demonstrado ao vivo, olho no olho, no toque, vendo o pôr do Sol no Guaíba, sem máscaras, sem medo de sentir, sem julgamentos.

Sonhou que o valor das pessoas não era medido pela quantidade de seguidores, que a dor do outro não era desmerecida, havia empatia. As pessoas eram livres, se identificavam e se amavam, sem filtros, sem máscaras e sem cirurgias plásticas.

Até que o despertador tocou. Nesse dia o modo soneca nem foi ativado, ela sentia-se diferente. Até levantou sem sacrifícios. Falou para seu gato:

- Devo estar surtando mesmo, como pude sonhar algo assim?

Essa dúvida era justificável, pois estar morando num país em que o vírus da Covid-19 matou mais de quatrocentas mil pessoas não deve ser fácil.

Ao tomar seu café da manhã que consistia em um copo de Coca-Cola e seu antidepressivo, ligou o computador para reiniciar mais um dia comum num mundo pandêmico.

Entretanto havia algo de diferente nela, um ar de esperança. Torceu para que o sonho tivesse sido um presságio, um aviso de tempos melhores, o fim do que nem deveria ter tido começo.

## ATIVIDADES (Elaboradas por Gárdia Rodrigues da Silva Dantas)

### I – LINGUAGEM

1. Liste 5 palavras ou expressões relacionadas ao mundo virtual e aponte de que modo essas palavras ou expressões estão inseridas na vida cotidiana da atualidade.

### II – COMPREENSÃO

2. Faça uma comparação entre a realidade e o sonho da personagem e, a partir disso, identifique um dos problemas que demarcam o contexto contemporâneo.

### III – PRODUÇÃO TEXTUAL

3. Considerando que você faz parte da narrativa deste conto, construa seu texto a partir do momento do sonho da personagem e, nessa direção, discorra sobre suas expectativas em relação a um mundo ideal.



## Outbreak in an Era of Pandemics

*Conto de Monique Valgas Ferreira*

*Translated by Vyvyan Albuquerque*

She was getting ready to go to bed after spending the day sitting behind a computer screen. She had the solution to solve her insomnia: half a glass of water and half a pill of her prescription drug. Thirty minutes later and the magic happened. Something that hasn't happened since her mother passed away, or maybe before that.

However, that night was different. She had a dream.

She dreamed the meals were still eaten hot. They didn't need to be photographed.

She dreamed her ex no longer stalked her with fake profiles on social media. After all, life on the internet no longer made sense.

She dreamed that what was beautiful was material, tangible and not online.


She dreamed people declared their love in handwritten letters and no longer by copying and pasting texts.

She dreamed that a happy birthday was wished with hugs and that it was okay to blow out your own birthday candles. That the smile was appreciated live, spontaneously and not statically in a photograph to get hits on social media.

She dreamed that interest was shown live, eye-to-eye, in every touch, watching Guaíba sunset, with no masks, with no fear of feeling, with no judgment.

She dreamed people were worth not by the number of followers. That the pain of fellows was worthy, because there was empathy. People were free. They identified and loved each other, with no filters, with no masks, with no plastic surgeries.

Until the alarm clock went off. That day, she hadn't activated the snooze mode. She felt different and even got up with no sacrifice. She told her cat:



“I must be freaking out. How could I dream of something like that, anyway?”

It was a justifiable thought, since living in a country where Covid-19 virus had already killed more than four hundred thousand people was probably not easy.

At breakfast, which consisted of a glass of Coke and her antidepressant, she turned on her computer to start another ordinary day in the pandemic world.

Yet, there was something different about her. An air of hope. She hoped her dream had been an omen, a reminder of better times; the ending of what shouldn't even had started.





*Ilustração de Rogério Felipe Machado Junior*



## Telas e frestas

*Ana C. Freitas*

Dos olhos entreabertos espiou a manhã. As paredes chumbo quietas. O gato cinza pesando nos seus pés dormentes. Fez um movimento brusco e desaninhou o felino, não sem um miado de descontentamento. Erguida, avançou alguns passos até a janela. Era dia. Tinha sol. E algumas nuvens penduradas no céu. Tanto fazia. Era o limbo. Alimentaria o gato. Escovaria os dentes, lavaria o rosto e tudo seria igual. Sorveria um café quente e alguns pensamentos mornos. Mais um dia nas telas do computador, do telefone, da televisão. Pressionaria o botão e ligaria sua vida remota. Enquadrada. Ligava a câmera. Sorria. Ouvia. Não ouvia. Via, não via. Conectava, desconectava. Funcionava, não funcionava. Calada, lhe pesava a falta do mundo, aquele que era. E às vezes, nem gostava. Se desligava. E chorava. Longe era o tempo do metrô. E o reclamar do metrô. Da lotação. Das ruas. Das gentes. A peste havia consumido seus sonhos. Suas viagens. Seus quereres. Agravado seus vícios. Suas dores antigas. Suas saudades. O horror se fez músicas. E palavras. E trabalho sem fim. E fez amantes. E curiosos. E novos estudantes. E leitores. E letrados. E cozinheiros. E corpos novos. E musculosos. E magros. E gordos. E ansiosos. E arrependidos. Fez a lágrima grossa e frequente o soluço. Agudo e grave como o momento. Todo acorde doía e ardia. Equalizada era a música. O barulho, amplificado. Do cachorro da vizinha. Da criança brincando desavisada na esquina vazia. Tudo era escuro e tinto. Nada era ócio mas vácuo e triste. Vento. E poeira. E água que caía. E escorriam os dias.

O sol escapava na fresta da nuvem como a pessoa atrás da cortina espiando na janela. Na casa. No prédio. E a outra. E mais outra. Chorou quieta. Mas atenta. Esperando. Silenciando. O gato se entrelaçou nos seus calcanhares enroscando o cabo nas suas canelas. Um dia, chegaria. Suspirou. E tudo iria embora.

Agora,... - Olha! Nasceu a flor de maio! - na palma da sua mão, disse sua mãe, na videochamada no telefone. E viu a flor. Fez que sim com a cabeça, rascunhou um sorriso quebrado, guardou a tristeza no canto do olho. Se despediu. Desligou a chamada. Era a vida... era?



**ATIVIDADES (Elaboradas por Jacqueline Carneiro Nácul)**

**I - LINGUAGEM**



1. O verbo sorver na frase “Sorveria um café quente e alguns pensamentos mornos” pode ser substituído por qual verbo sem que haja mudança de sentido na frase? Cite 5 sinônimos do verbo sorver.

**II -COMPREENSÃO**

2. Compare ações da vida remota da personagem com ações presentes no texto que não correspondem ao ambiente virtual.

**III - PRODUÇÃO TEXTUAL**

3. Construa um novo desfecho para o texto a partir da frase “Agora....- Olha! Nasceu a flor de maio!”





## Screens and Chinks

*Ana C. Freitas*

*Translated by Maria Alejandra Saraiva Pasca*

With half-closed eyes, she peered in the morning. The lead-colored walls were quiet. The gray cat was weighing her numb feet. She made a sudden movement and let go of the cat, not without a meowing of discontent. Standing up, she took a few steps to the window. It was daytime. It was sunny. Moreover, some clouds were hanging up in the sky. It didn't matter. That was limbo. She'd feed the cat, brush her teeth, wash her face and everything would be the same. She would sip a hot coffee and some warm thoughts.

Another day on computer, telephone and TV screens. She would press the button and turn on her remote life. Framed. She turned on the camera, smiled, listened, and didn't listen. She saw. She didn't see. Connected, disconnected. It worked, it didn't.

In silence, the lack of the world weighed on her. The world she had had before. And sometimes, she didn't even like it. She disconnected herself and cried. Gone was the time of the subway. Gone were the complaints about the subway, the crowded subway. Or the complaints about the streets, the people. The plague had consumed her dreams. Her travels. Her likes. It had exacerbated her addictions, her old pains, and her homesickness. Horror became music and words. And endless work. And it made lovers. And curious people. And new students. And readers. And literate people. And cooks. And new bodies. And muscular people. And thin people. And fat ones. And anxious ones. And sorry ones. The plague made the thick tear and the frequent hiccup. Sharp and low as that exact moment. Every chord ached and burned. Music was equalized. The noise was amplified. The neighbor's dog. The child playing unsuspectingly in the empty corner. Everything was dark and red. Nothing was idle but empty and sad. Wind. And dust. And falling water. And the days flowed.

The sun escaped through chinks in the cloud. It was like a person behind the curtain peering out the window. At home. In the building. And the other. And another one. She cried quietly, but aware. Waiting. Silencing. The cat entwined



itself on her heels, threading the cable around her shins. One day, it would come. She sighed. Everything would go away.

Now...

“Look! The flowers of May bloomed in the palm of your hand”, said her mother, in the video call on the phone.

She saw the flowers. She nodded, gave a broken smile, kept the sadness in the corner of her eyes, said goodbye and hung up the phone. That was life... wasn't it?



*Ilustração de Gabriel Dorgan Roberti*









## Transmutação

*Sabrina Henz*

O despertador tocou. Seis horas. Mais um dia de trabalho se iniciava. Raisa acordou disposta, como sempre. Tomou café, brincou com seus bichanos, leu as manchetes do dia sem se ater a nenhuma (as notícias pareciam sempre as mesmas nos últimos dias), ajeitou uma ou outra coisa da casa, separou o material necessário, colocou *A velhinha que dava nome às coisas* na pasta e rumou para a escola. O caminho era longo, mas as paisagens do trajeto tiravam-lhe a percepção de tempo. O amanhecer, pensava ela, era um espetáculo que merecia ser contemplado todos os dias.

Raisa amava seu ofício: a energia e o encantamento das crianças, a cumplicidade do grupo de trabalho, os abraços calorosos na sala dos professores, o chimarrão feito com tanto carinho pela doce secretária, o brilho no olhar das crianças em fila ao lembrar da história prometida. Aquele seria mais um dia prazeroso de início de ano letivo não fosse o advento de uma pandemia.

Ao iniciar sua manhã, de forma metódica, Raisa não sabia que até o fim do dia o confinamento seria sua nova rotina. Foi na metade da tarde que, por conta de uma pandemia mundial, o distanciamento social compulsório foi anunciado pelo chefe do executivo. Havia um novo vírus, de transmissibilidade rápida, circulando por aí e ameaçando a vida de todos. É bem verdade que ela até achou bacana os dias de recesso inesperado que viriam, poderia deixar em dia algumas pendências burocráticas da profissão.

Foi com surpresa que Raisa reagiu ao saber que aqueles primeiros quinze dias resultariam em mais um mês de reclusão. E que se somariam a mais um mês, e outro, e muitos mais. Ela não sabia ser professora sem sua sala de aula. Seu trabalho era seu combustível; seus amigos e colegas, seu elixir de alegria. É preciso se reinventar, eles disseram, e ensinar apesar na distância entre uns e outros.

Raisa desanimou, entristeceu, chorou... Ela, que sempre fora da rua, dos alunos, dos amigos, dos encontros, perdeu sua identidade. O mundo real lhe fora limitado pela metragem do seu apartamento. E, para manter vínculos e a sanidade mental, ela, que se considerava a mais analógica das jovens, sucumbiu

à era digital. Uma nova mudança, em nome da preservação da vida. Tudo bem.

Foi doloroso, não se pode negar. Mas enquanto o mundo real lhe era permitido apenas para serviços básicos essenciais, o mundo (e as relações) virtual foi se descortinando. Uma transmissão de aula pelo Zoom aqui, uma reunião pelo Meet lá, uma chamada de vídeo pelo WhasApp acolá, muitos áudios para escutar, um vídeo de Ciências do Youtube para compartilhar, um trabalho em grupo para no drive editar. O mundo mudou bem na sua vez; ela, volta e meia, lembrava do prenúncio do Dado Schneider de anos atrás.


Entre webinários diários, lives de artistas famosos, práticas de ensino remoto, consultas médicas online e muita fotografia com cada um no seu quadrado, Raisa se resignificou. Até livros, sua grande paixão para os momentos livres, passou a buscar no formato digital. Aniversários foram comemorados pela tela do celular, a peça de teatro (em tempo real) foi assistida do sofá da sala de estar, o “toque” chegava através de stickers incontáveis, o bip anunciava mais um tópico das antigas conversas de bar. Raisa sentiu-se uma nova mulher: moderna, tecnológica e conectada.

Ainda que a ciência trabalhasse incansavelmente na busca da cura e da prevenção, a pandemia avançava. Assustadoramente. Raisa, sem opção, foi naturalmente se adaptando à nova rotina, embora ainda muito saudosa de encontros reais. Que falta absurda lhe faziam os abraços quentinhos em humanos!

Após mais de meio ano em casa, o mundo lhe pareceu um quadrilátero. Não que ela fosse terraplanista, longe disso, mas tudo, absolutamente tudo, acontecia neste formato geométrico. As pessoas se transformaram numa 3x4 ampliada e de fundo fictício. A vida acontecia em retângulos: do telefone celular, da tela do notebook e dos cômodos de sua casa. A conexão com o mundo exterior dependia, essencialmente, da capacidade de um sinal estável e veloz de banda larga.

Quanto mais o tempo avançava, mas a saudade apertava. Olhar nos olhos curiosos das crianças, abraçar os colegas para iniciar bem o dia, encontrar um pretendente no bar ao fim do dia...Tudo parecia muito distante enquanto a vacina não fosse aprovada. Eu não lembro mais quanto tempo a reclusão durou, Raisa também não, mas foi o suficiente para ela acreditar que nunca mais veria seus pais. Para temer não ver, de fato, mais ninguém...

Um dia, porém, o anúncio de uma vacina lhe alimentou a esperança de encontros reais. Que alegria! Em breve, chegaria o grande dia de voltar à vida normal.



Foi num 23 de setembro que sua vez chegou. A vacina lhe protegeria, e ela poderia se aproximar seguramente daqueles de quem tanto gostava mas não podia tocar. Que dia! Raisal preparou seu visual, escolheu uma roupa especial, arrumou sua pasta de materiais, escolheu o livro do dia, acarinhou os bichanos dizendo que voltaria ao fim do dia e se dirigiu ao posto de saúde central.

Vacinada e com uma alegria que visivelmente trabordava, tomou o caminho da escola, que agora, depois de tanto tempo sem percorrer, nem mais reconhecia. Tudo bem, ela já estava acostumada a encontrar novos mundos por aí. As cores da paisagem, os cheiros do caminho, o calor do sol na pele através do vidro, tudo lhe despertava os sentidos, a energizava, a aquecia. Raisal estava radiante como nem mais lembrava que poderia ser. Que bem que nos faz viver, pensou.

Ao chegar na escola, avistou a amiga de anos, confidente e parceira de tantas histórias do passado, em carne e osso. Nem acreditou. Esperou tanto por aquele dia que nem agir sabia. Apressou o passo, chegou pertinho, marejou, estendeu os braços e... pfff!

Não deu um segundo, ela se dissolveu em milhares de pixels no universo.



## ATIVIDADES (Elaboradas por Jacqueline Carneiro Nácul)

### I - LINGUAGEM

1. Cite 5 expressões do texto que reafirmam a transmutação vivida pela personagem Raisal. Comente cada uma delas em relação ao desfecho da história.

### II- COMPREENSÃO

2. No quinto parágrafo, a autora narra a perda de identidade da personagem. Nos últimos parágrafos a personagem se reconhece novamente? Justifique sua resposta.

### III - PRODUÇÃO TEXTUAL

3. Você está convidado a escrever um conto de como foi sua experiência de vida durante a pandemia, usando o título Transmutação como inspiração! Conte como foi a sua transformação...



## Transmutation

*Conto de: Sabrina Henz*

*Translated by Giullia Fontana Trindade*


The alarm went off. Six o'clock. One more day of work was beginning. Raisa woke up energized, as usual. She had breakfast, played with her pets, read the daily headlines without paying attention to any (the news always seemed the same lately). She tidied up a few things at home, separated the necessary material, put *'The old woman who named things'* in the folder and headed to school. It was a long commute, but the landscape on the way took off her perception of time. The dawn, she thought to herself, was a spectacle that deserved being contemplated every day.

Raisa loved her job: the kids' energy and enchantment, the complicity of the work group, the warm hugs in the teachers' room, the mate so carefully made by the secretary, the light in the kids' eyes, who stood in line expecting the promised story. That would be one more pleasant first school day if it weren't for the advent of the pandemic.

Beginning her morning methodically, Raisa didn't know that until the end of the day confinement would be her new routine. It was in the middle of the afternoon that, due to the worldwide pandemic, compulsory social distancing was announced by the executive chief. There was a highly transmissible virus circulating around and threatening everyone's lives. It's true she actually enjoyed the unexpected recess days about to come. She could catch up with some bureaucratic pending issues of her profession.

She was surprised to know those first fifteen days would become one more month of reclusion. And that one more month would be added to it, and another, and many more. She didn't know how to be a teacher without her classroom. Her job was her fuel. Her friends and colleagues were her elixir of happiness. "We must reinvent ourselves", they said, "and teach students despite the distance between each other".

Raisa felt discouraged, sad and cried... She had always liked to be outside, with the students, with friends, in meetings. She suddenly lost her identity. The real world had been limited to the square meters of her apartment.



And, to keep bonds and her mental health, she, who considered herself the most analogic among the young friends, succumbed to the digital era. A new change in the name of preservation of life. Never mind.

It was painful, we can't deny it. However, while in the real world she could only do the basics, the virtual world (and relationships) started being unveiled. A Zoom class transmission here, a meeting on Google Meet there, a video call on WhatsApp there, many audios to listen to, a Science video from YouTube to share, coursework in group to be edited on Google Drive. The world changed right in her turn. Every now and then, she remembered Dado Schneider's prediction years ago.

Amongst daily webinars, famous artists' lives, remote teaching practices, online medical care and a lot of photos with everyone in the right place, Raisa re-signified. Books had always been her great passion for leisure time, and now, she looked for digital ones. Birthday parties were celebrated on the cellphone screen. Live theater plays were watched from the living-room sofa. People touched through uncountable stickers. A bip announced one more topic of old bar conversations. Raisa felt like a new woman: modern, technological and connected.

Even though scientists worked tirelessly in the search for the cure and prevention, the pandemic advanced frighteningly. Without any option, Raisa was naturally getting used to the new routine, although still very nostalgic for real meetings. How much did she miss the warm embraces of friends!

After more than half a year at home, the world seemed quadrilateral. She was not a flat-earther. No way! But everything, absolutely everything happened in this geometric form. People transformed into an enlarged 3x4 photo and of fictitious background. Life happened in rectangles. The rectangles of the cell phone, of the laptop screen and of the rooms of her house. The connection with the outside world depended, essentially, on the capacity of a stable wifi signal and a fast broadband.

The more time went by, the more she missed everything. Looking at children's curious eyes, hugging her colleagues to start the day well, meeting a wooer at the bar in the evening... Everything seemed so far away while the vaccine was not approved. I don't remember anymore how long the reclusion lasted, neither did Raisa, but it was enough for her to believe she would never see her parents again. Actually, it was long enough to fear she would never see anyone else again...




One day, though, the announcement of a vaccine fed her hope for real meetings. What a joy! Soon, the big day of getting back to normal life would come.


On September 23 her turn came. The vaccine would protect her and she would safely get close to those she liked so much but couldn't touch. What a day! Raisa dressed up, chose special clothes, tied up her folder with the material, chose the book of the day, patted her pets saying she would be back at the end of the day and headed to the health center.

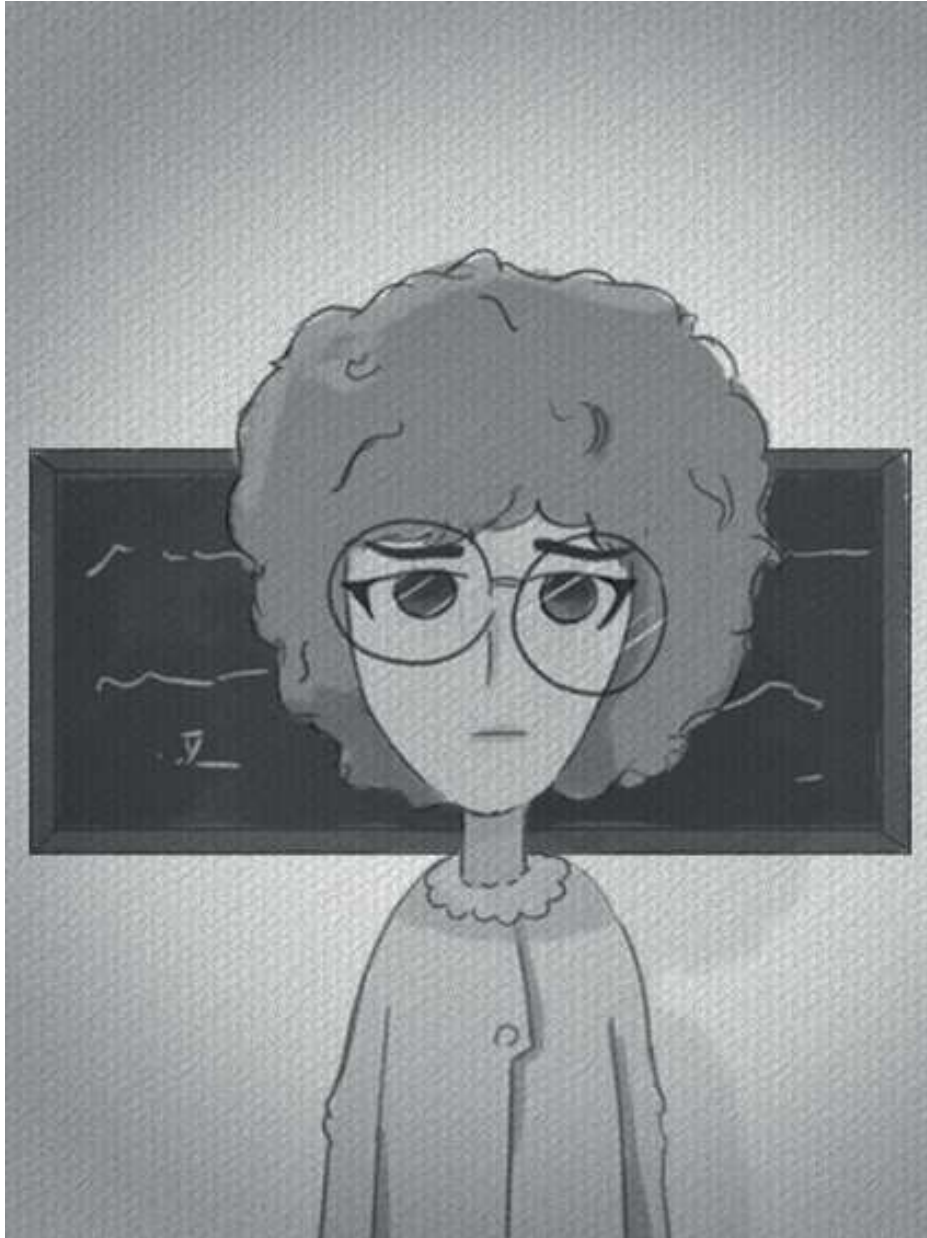
Vaccinated and overflowing with joy, she took her way to school, which she didn't even recognize anymore after so much time. It was okay, she was already used to meeting new worlds out there. The colors of the landscape, the smells on the way, the warmth of the sun on the skin through the glass, they all awakened her senses, energized her, warmed her. Raisa was as delighted as ever before. "It's so good to be alive", she thought to herself.

As she arrived at school, she saw a longtime friend, her confidant and partner of many stories from the past, in the flesh. She couldn't believe it. She had waited for so long for that day that she didn't know how to act.



She hurried up, got close, got teary-eyed, stretched her arms and... pfff!  
Not even a second later, she dissolved into millions of pixels in the universe.





*Ilustração de Gabriel Dorgn Roberti*







## Minicontos

Estes minicontos foram criados na disciplina de Literatura Brasileira e Escrita Criativa do curso de Letras da Unilasalle. Trata-se de um gênero de texto que mescla o conto com o poema, a narrativa com a reflexão, permeado de concisão em que a escolha das palavras é essencial para o conteúdo. Inspire-se no estilo e nos temas e escreva o seu miniconto.

### A fuga do Mingau

*Andreia Gama*

Quando cheguei em casa e entrei, pensei por um momento que estava entrando dentro de uma geladeira, devido a esses novos tempos tecnológicos que estamos vivendo ou talvez algo parecido. Não errei a porta. Era só uma janela mesmo que esqueci aberta o dia inteiro.

Fui até a sala para fechar a vidraça e enxerguei a lua a me olhar. Parecia estar com uma nesga de sorriso atravessado de menina moleque. Talvez quisesse me contar algo. Então, logo lembrei. O Mingau! Deve ter fugido pela janela! Aquele gato era danado e como a janela passou aberta o dia inteiro, ele não iria perder a oportunidade de dar umas voltas e passear sem rumo.

Procurei por toda a casa e nada. Onde teria se metido aquele gato, afinal? Conforme passavam as horas, aumentava o frio e minha preocupação. Nunca mais vou sair e deixar a janela aberta. Coitado do gato! Deve estar perdido, cansado e com frio, sem achar o caminho para a casa.

Ao me deitar, mesmo com meus pensamentos aflitos, resolvi estrear meu edredom novo e quentinho que estava guardado sobre a cômoda. Para minha surpresa, ao abrir a embalagem, Mingau saltou lá de dentro como num passe de mágica... todo manhoso por ter sido acordado naquela noite tão fria de inverno.



## Aos amantes do inverno


*Keiti Inês de Souza Schimitz*

No inverno os pés gelam, o café esfria, a resistência queima, as mãos tremem, a boca racha, a pele resseca.

Os casacos saem do armário, o vinho entra na geladeira, a lareira é acesa, os caipiras se casam, a balança pesa mais.

Há quem diga que o inverno deixa as pessoas mais elegantes. Há quem diga que ele nos torna imóveis.

Fato ou fardo?



## Extraterrestres

*Keiti Inês de Souza Schimitz*

Quero ser ouvida, mas não quero postar. Quero ser respeitada, mas sem me manifestar. A falta de posicionamento parece motivo para ódio. Pessoas deixam de ser quem são para fazer parte daquilo que não lhes pertence. Hoje os protestos não fazem sangrar, mas, para muitos, fazem conhecer o divã e a aprender a conjugar o verbo “terapiar”. Que Diabos é este mundo paralelo?

## Culpa de quem?

*Érika De Rossi Farias Mendonça*

*Gabriel Ribeiro Vargas*

*Jenifer Schnorr Simão*

Era uma mera garrafa de vinho, mas a dor de cabeça me consome. Agora, preciso deixar os olhos entreabertos para a luz solar matutina não ferir minha íris enquanto meu chefe me olha torto. Minha primeira reação foi culpar a bebida barata, no entanto, seria mesmo ela a culpada? Às 21h da noite anterior, olhei o celular com a luz fraca e percebi estar quase sem bateria. Larguei-o em cima do móvel de centro e decidi fazer uma pipoca para me acompanhar durante o filme que escolhi assistir. Precisava preencher algo dentro de mim. Não foi suficiente. Optei por uma taça de vinho, que logo se tornou meia garrafa e, por fim, uma garrafa inteira. Só assim para escapar da realidade e relaxar. Uma combinação perfeita para o domingo à noite, só era uma pena precisar levantar cedo e trabalhar no outro dia.

Praguejo baixinho, culpando a maldita garrafa de vinho. Se eu tivesse tomado suco de uva, isso não teria acontecido. Coloco a mão no bolso e me dou conta de que não trouxe o celular. Coço a cabeça. Onde será que coloquei? Putz, ficou em cima da mesa no centro da sala... e sem bateria. Claro! Não acordei porque não despertou, ou despertou e eu não ouvi? O som dele não é muito alto. Volto a prestar atenção na conversa e dói ouvir meu chefe reclamando do atraso. Mal posso esperar para chegar em casa e culpar mais um 1 litro de bebida. Ou será que a culpa é do celular? Ou minha por depender tanto dos dois? Não importa. Amanhã, chegarei mais cedo.

## O tempo vai passar(ela)

*Gabriel Ribeiro Vargas*

Todas as vezes entro no lado direito, como diz a lógica de trânsito, e trafego por ali pensando em atingir a entrada da estação - minha próxima fração de futuro é o trem. Vez ou outra, alguma pessoa, já na terceira idade, faz uso de toda a pista da passarela. Obviamente, o caminhar dela se faz muito mais lento quando comparado ao de um jovem ansioso pelo futuro. Preso no ritmo do outro, a ansiedade de chegar no objetivo se generaliza pela minha mente. Não consigo mais ser assertivo no tempo que a escalada da passarela levará, nem como ficará meu ritmo cardíaco devido ao fluxo de passos alucinantes, muito menos sabe se o trem vai passar ou não. Agora o tempo do outro se entrelaçou ao meu, e o meu tempo já não me pertence mais, a ordem programada da mente precisa aceitar ao caos da aleatoriedade do cotidiano. O tempo dilata até em uma plana, curva, reta, íngreme, simples e obsoleta passarela.

## Em tempos de pandemia...

*Andrieli da Costa dos Santos*

João sempre gostou de sair com seus amigos. Era seu momento de lazer preferido. Ele não tinha muitos, mas sabia apreciar a companhia de cada um. A vida havia sido cruel com ele. Havia passado muito tempo sem ninguém em quem confiar. Por isso, assim que encontrou companheiros de caminhada, queria estar sempre perto deles.

Porém, mais uma vez, a vida se encarregou de pregar uma peça em João. Tudo parecia bem. Então veio a pandemia. Um dos maiores prazeres do jovem foi completamente destruído. E para piorar, ele nem era uma pessoa ligada às tecnologias, como iria se acostumar a somente conversar com seus amigos pelo celular? Situação difícil.

Mas, a reação natural de João, otimista acima de tudo, foi pensar:

Nem vou me preocupar, essa pandemia logo deve acabar.

Hoje, um ano e quase três meses se passaram, mas a pandemia ainda não. Então resta a reflexão. Será que João conseguiu se adaptar ao mundo eletrônico para conversar com seus amigos? Ou ele acabou perdendo total contato com eles?



## Qual é o preço de tudo?

*Amanda Ricardo Pons*

*Victoria Caroline Araujo da Silva*

Notícias são passadas em todo o mundo, a todo o momento, mostrando como a digníssima humanidade falha todos os dias, manchando todas as belas cores coloridas com o triste tom de vermelho vivo.

A filha entregando-se ao sono chorando lembrando de seu pai, sua tristeza noticiada todos os dias pelos posts tristes em sua linha do tempo da rede social, e seu marido que já não sabe como alegrar sua esposa.

A saudade, que poderia ser apenas momentânea, mas que agora é eterna por um simples descuido. E com o pai, foi-se o sorriso.

A vizinha, que chora pela perda de seu filho mais novo, por aqueles a quem deveriam proteger.

“Devia estar envolvido ou fazendo coisa errada”- pensava aqueles que apenas viam a notícia, mas não, ele teve sua vida levada, apenas pela sua cor. E com ele, foram-se os sorrisos.



## Quebrado

*Rodrigo dos Santos Martini*

Me observando, em eterno torpor. Substâncias estão fora de foco, mas nunca desassocio. Parece escavar minha cabeça por algo de valor, mas ainda assim vejo o azul no bolor. Ondas são muito curtas para serem agradáveis, e tubarões me fazem arrepiar. Luz concentrada brilha minhas retinas e acho que estou cego, mas só quando me mascaro. Muito assustador, muito cedo, demais... e estou quebrado. Espreita nos arredores. Vou aproveitar e desmaiar. Será que alguém vai encarar? O intermediário se foi, acho que nunca esteve lá, muito fraco para fugir, mas quando alguém vai devanear e quebrar? Acerta a ignorância, e alegria fugaz é inútil quando corre, quando desvia, quando dança, mas também colide. Deve ser o inferno, já é o suficiente, diz o palhaço pro circo, risadas invadem o mestre de operações e os leões finalmente estão livres, se alimentando de esteroides e alças de guitarra. Seja meu, disse, e a parte difícil se vai por um segundo. Nada mais, aquilo diz, ainda é uma batalha a ser vencida, e um teste, espero que passe. Melhor ser descuidado, nada é uma mensagem, resistência tende ao esquecimento e eu espero continuar com minhas alergias. Angústia para nossa prosperidade, espero quebrar mais cedo mais tarde.

## Todo dia

*André Mendes*

*Nathalia Corrêa*

*Paula Regina D. Freitas*

Todo dia de manhã Elisabete fazia seu chimarrão. Procurava sua bomba por todo lugar, Juca, seu filho mais novo e travesso, sempre a escondia. Volta e meia, Elisabete achava Juca cantando com ela. Ela pega a cuia e fica, e fica, conversa sobre a vida dela, a dos outros, fala das bergamotas, das receitas de cucas, mas nada de tomar o chimarrão e liberar a cuia. A verdade é que Juca vivia um dilema: nunca sabia se a bomba servia para beber o chá de erva mate ou se servia como microfone...





Universidade La Salle

Editora Unilasalle

Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS 92.010-000

[www.livrariavirtual.unilasalle.edu.br/](http://www.livrariavirtual.unilasalle.edu.br/)

[www.editora.unilasalle.edu.br](http://www.editora.unilasalle.edu.br)

[editora@unilasalle.edu.br](mailto:editora@unilasalle.edu.br)